

A Celebração do Mistério Pascal

Quaresma

**X ENCONTRO NACIONAL
DE PASTORAL LITÚRGICA**

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 AVEIRO

Telef.: 034 - 22172



Condições de assinatura anual:

	<i>Via normal</i>	<i>Via aérea</i>
Portugal, Espanha e Países de língua portuguesa	400\$00	550\$00
Outros países estrangeiros	500\$00	600\$00
Este número especial	400\$00	

37-40

JANEIRO / DEZEMBRO 1985
ANO X

Apresentação

Direcção

No encerramento do X Encontro

Nacional

D. Júlio Tavares Rebimbas

A Quaresma-sentido, génese e evolução
histórica

Luís Ribeiro

Dimensão penitencial da Quaresma

José de Leão Cordeiro

Dimensão baptismal da Quaresma

José Ferreira

Pastoral e espiritualidade da Quaresma

Manuel Madureira Dias

O Leccionário do Tempo da Quaresma

Fr. Pedro Ferreira, OCD

Crónica do X Encontro Nacional

Direcção

Este número é o terceiro que o Boletim de Pastoral Litúrgica dedica à CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL, «pelo qual Cristo morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida».

Respeitando a ordem dos valores, começou pelo Tríduo Pascal, «vértice de todo o ano litúrgico»; prosseguiu depois com o Tempo Pascal, «os cinquenta dias que vão do domingo da Ressurreição ao domingo do Pentecostes e se celebram na alegria e na exultação, como se fora um único dia de festa, «um grande domingo»; e encerra agora com uma reflexão aprofundada sobre a celebração da Quaresma, cuja liturgia «vai dispondo catecúmenos e fiéis para celebrarem o Mistério Pascal: aqueles, através dos diversos graus da iniciação cristã; estes, pela recordação do baptismo e pelas práticas da penitência».

Sem esquecer que o Mistério Pascal tem a sua celebração semanal em cada domingo, « primordial dia de festa», é oportuno recordar a união íntima que existe entre o catecumenado e a Quaresma. Com efeito, desde sempre as últimas etapas catecumenais estiveram integradas na celebração quaresmal.

A Constituição sobre a Liturgia (n. 109) determina que se ponha em maior realce os elementos baptismais e os elementos penitenciais que caracterizam a liturgia quaresmal.

A Pastoral da Fé, que está no centro das preocupações dos nossos Bispos, procura «assegurar a todos os fiéis uma verdadeira iniciação cristã, independentemente de a receberem antes ou de-

pois do batismo e dos outros sacramentos da iniciação» (Carta Pastoral, 16).

Recolhendo a experiência secular da Igreja e a sua maternal pedagogia, os nossos Bispos, na esteira do Vaticano II, propõem-se recuperar pastoralmente o catecumenado, inspirando-se para tanto no Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, que «contém a aplicação autorizada e exemplar desta pedagogia» (C. P. 15).

Reconhece o citado documento que «a liturgia é a catequese universal do Povo de Deus» e que a reforma pós-conciliar, com as adaptações que prevê e aconselha, aumenta ainda mais o valor formativo das celebrações litúrgicas (C. P. 29).

Conhecida a importância excepcional das celebrações da Quaresma e as suas incidências catecumenais, melhor se poderá avaliar a oportunidade deste número do Boletim no contexto pastoral que se vive no nosso País.

No Encerramento do X Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Cabe-me dizer uma palavra final neste *décimo encontro nacional de pastoral litúrgica*, no qual reflectimos sobre a celebração da Quaresma e vivemos uma maravilhosa experiência comunitária.

Assim tem vindo a ser, em ritmo crescente, há dez anos, graças ao trabalho incansável e à acção pedagógica do Secretariado Nacional de Liturgia e à sensibilização e acolhimento de notável número de sacerdotes, religiosas e leigos que a Fátima têm vindo. Também aqui, no que se refere à pastoral litúrgica, se tem aprendido a caminhar, caminhando; e daqui têm partido iniciativas, inquietações pastorais, tentativas e renovações litúrgicas, possíveis, nos últimos decénios, através do aprofundamento teológico da natureza da Liturgia e de uma acção pastoral renovada da celebração dos mistérios da fé.

A vida espiritual de muitos cristãos e comunidades cristãs tem alcançado ultrapassar mal entendidos relativos à relação com falsos conceitos de Liturgia, redutores da celebração do mistério da salvação à expressão externa e sumptuosa do culto, à simples regulamentação jurídica das cerimónias, a mero culto dos homens a Deus, sem pôr em relevo a novidade radical que supõe o mistério pascal de Cristo, chama da compreensão da Liturgia cristã.

No número 7 da Constituição Conciliar sobre a Liturgia, encontramos uma síntese teológica que recolhe o melhor dos esforços de clarificação feitos neste século na procura de uma exacta apresentação da natureza da Liturgia: — «Com razão se considera, diz o Concílio, a Liturgia como exercício do sacerdócio de Jesus Cristo. Nela, os sinais visíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação do homem; e assim o Corpo Místico

de Jesus Cristo, quer dizer, a Cabeça e os seus membros, exerce o culto público íntegro.»

Esta síntese ou descrição sumária exige explicitações, à luz da própria Constituição e de outros documentos conciliares, que não são possíveis, nem caberiam neste momento final do novo encontro.

Mas é o suficiente para se insistir, mais uma vez, na importância radical da pastoral litúrgica na renovação das nossas comunidades cristãs. Por outras palavras, a renovação das nossas igrejas diocesanas passa pela aplicação de uma acção pastoral litúrgica concordante com teologia conciliar.

*

Brevemente, e na sequência da «Mensagem dos Bispos ao Povo de Deus no aniversário da Visita do Santo Padre» (13.5.83), será publicada uma *carta pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo*.

Estamos envolvidos em responsabilidades colectivas que temos de assumir; em apelos de Deus e da Igreja que temos de ouvir e a que temos de responder; em problemas que temos de resolver.

Pastoral litúrgica supõe e é espiritualidade litúrgica. Disse-o Paulo VI, no dia 4 de Dezembro de 1963, quando aprovou a Constituição Litúrgica Conciliar sublinhando a primazia da Liturgia e do seu papel pedagógico na Igreja pelo seu conteúdo e pela sua forma.

Temos diante de nós o panorama da realidade das nossas dioceses e dos nossos cristãos, das nossas paróquias e das nossas comunidades. Denunciamos, a meu ver, com demasiadas facilidades, os erros dos outros, sem renunciar aos nossos próprios. Atiramo-nos a julgar e a condenar e somos difíceis na correcção fraterna que, muitas vezes, se torna em incorrecção fraterna. Enfim, as evidências e o vozear das antinomias estão à porta de cada um, nem é preciso carregar a pintura da casa.

No esforço de renovação que nos é pedido (no esforço de renovação que é pedido à Igreja em Portugal), nenhuma outra doutrina, movimento, escola de espiritualidade pode reclamar, pelo mesmo título e com a mesma dignidade que a Liturgia, a pedagogia espiritual da Igreja. A Liturgia, através da palavra, da catequese, dos vários

sinais e sacramentos, das orações, do canto, dos gestos, desenvolve uma eficaz educação (ou deseducação) da fé e da vida do povo de Deus. E no âmbito das diversas escolas e tradições espirituais exerce papel unificador e de equilíbrio, necessários para vincular toda a espiritualidade às suas fontes bíblicas e sacramentais.

*

A vida continua, e deixarei de ser presidente da Comissão Episcopal de Liturgia no próximo mês de Novembro, o que, de maneira alguma, quer dizer que diminuirei a minha intervenção neste campo fundamental da pastoral litúrgica, mormente na área da diocese do Porto. Não parto, fico. Às vezes, mais do que se vê, o que não é muito sacramental...

— Quero terminar, agradecendo ao Secretariado Nacional toda a sua actividade metódica e exemplar, na pessoa de Monsenhor Aníbal Ramos, e com uma palavra especialíssima para o Senhor D. António Francisco Marques, Bispo de Santarém, que, afinal, praticamente após a minha nomeação para Bispo do Porto, tem sido o presidente da Comissão Episcopal.

Ao Senhor D. Albino Mamede Cleto, novo Presidente eleito, a quem, com pena de todos nós, não foi possível estar presente neste encontro, e à nova Comissão Episcopal de Liturgia os votos de que tudo corra, cada vez mais, pelo melhor.

Fátima, 21 de Setembro de 1984

† JÚLIO, ARC. BISPO DO PORTO

A QUARESMA

— Preparação para a Páscoa

— Sentido, génese e evolução histórica

A vinte anos da promulgação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, depois de nos anos anteriores termos abordado a celebração do mistério pascal, primeiro no Tríduo sagrado e depois no Tempo pascal, vamos este ano debruçar-nos sobre a sua preparação no tempo designado pelo nome de *Quaresma*.

Foi a preocupação por uma participação, cada vez mais consciente e profunda, dos cristãos no mistério pascal de Jesus Cristo que levou o Concílio a propor a renovação de toda a liturgia da Igreja e concretamente do ano litúrgico:

«Reveja-se o ano litúrgico de tal modo que, conservando-se ou reintegrando-se os costumes tradicionais dos tempos litúrgicos, se mantenha o seu carácter original para alimentar devidamente a piedade dos fiéis com a celebração dos mistérios da Redenção Cristã, sobretudo do mistério pascal» (SC 107).

Em relação à Quaresma a mesma Constituição apresenta-a conta o tempo de preparação para a Páscoa e estabelece que se ponham mais em realce os dois aspectos característicos do tempo quaresmal, ou seja, a sua índole baptismal e penitencial (cf n. 109-110).

Todos sabemos que a Páscoa é a grande festa dos cristãos. Ela é mesmo a festa, a única festa presente em todas as festas cristãs. Celebramos esta festa da Páscoa de modo especial no Dia do Senhor, ou Domingo, e celebramo-la também, de uma forma ainda mais solene e prolongada, uma vez por ano, no Tríduo pascal. E assim como existe um período de prolongamento desta festa

anual pelo espaço de cinquenta dias, o tempo pascal, existe também um tempo de preparação. Mas enquanto o tempo pascal se estendeu, logo desde o princípio, por um período de cinquenta dias, o Pentecostes, o tempo de preparação foi-se constituindo progressivamente.

São estas etapas progressivas que vamos procurar descobrir agora, dando o início a estes dias de reflexão e estudo em ordem a uma melhor preparação e vivência do mistério pascal.

I — ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA QUARESMA

1. O sentido da Quaresma

A Páscoa, que teve desde o princípio uma irradiação tão luminosa para diante fazendo dos cinquenta dias de Pentecostes uma única festa pascal, fez sentir também o seu influxo sobre o tempo que a precede.

Já no século II os cristãos se preparavam para a festa da Páscoa com um jejum de dois dias, a sexta e o sábado que precedem a Vigília. Mas em breve se veio a estabelecer um tempo de preparação antes do Tríduo, cuja duração variou conforme as épocas e as Igrejas. Disto nos ocuparemos mais adiante.

A natureza deste tempo é comandada pelo seu termo: a Páscoa, a celebração da paixão e ressurreição do Senhor. A Quaresma, se tem um sentido, é precisamente o de preparar-nos para uma inteligência da Páscoa integral a fim de nos dispôr também a revivê-la integralmente. Como descobrir este sentido da Quaresma?

Em primeiro lugar, vivendo com verdade as propostas que a Igreja nos faz ao longo deste tempo. É preciso notar que o que deu à Páscoa a sua plena significação foi a verdade restituída aos ritos e às orações da Vigília pascal. Que poderiam significar textos e cerimónias que supunham e recordavam uma vigília nocturna, quando eram reproduzidos numa missa matinal ordinária? Esta reforma tão simples mas tão fundamental é evidentemente a primeira que se impõe para que a Quaresma seja verdadeiramente a preparação eficaz para a Páscoa, segundo os princípios da renovação conciliar.

Já no plano histórico e litúrgico se experimentou precisamente a necessidade de uma caminhada, de uma ascensão preparatória que permita acercar-se de Jerusalém. De facto, não é pos-

sível abordar sem preparação o Tríduo pascal e os mistérios que ele propõe.

A instituição da Quaresma está concebida como uma marcha para esse mistério de libertação e de renovação. É um tempo para nos desligarmos do homem velho, um tempo de renovação sobretudo mediante os sacramentos. Por isso, as características particulares deste tempo litúrgico, para além das assembleias eucarísticas, relacionam-se principalmente com dois elementos: a preparação dos catecúmenos para o baptismo e a preparação dos penitentes para a reconciliação. Aos catecúmenos a Igreja propõe-lhes a entrada, mediante o baptismo, numa criação nova; aos já baptizados, uma revisão de vida, um passo em frente na divinização que lhes foi outorgada em princípio mas que deverá ser restaurada e actuada de uma forma sempre mais consciente e profunda.

Período de esforço ascético para seguir a Cristo na sua morte ao pecado, tempo apto para escutar a palavra de Deus recebida na Liturgia, para reunir o povo a fim de o dispôr e conduzir às celebrações pascaís, tudo isto é a Quaresma, tudo isto é a preparação da Páscoa.

2. *A duração da Quaresma: do jejum pascal aos 40 dias*

O jejum preparatório para a Páscoa não foi, na sua origem, de mais de um ou dois dias, limitado à sexta e ao sábado antes da Vigília. Este jejum rigoroso e absoluto, ainda que paradoxalmente festivo, terminava com a Eucaristia da noite pascal, passando-se assim da tristeza à alegria, do jejum à festa.

Porém, desde muito cedo, este jejum pascal na expectativa da Ressurreição, foi precedido de um jejum um pouco menos rigoroso dos primeiros dias da semana, como testemunha a *Didascalia dos Apóstolos*, no século III:

Desde a segunda-feira, durante os dias da Páscoa, vós jejuareis e não comereis senão pão, sal e água, à hora nona, até à quinta-feira (1).

No princípio do século IV, no Oriente, aparecem os primeiros acenos de um período pré-pascal, destinado a uma preparação espiritual para o grande mistério. S. Atanásio (entre 330 e 347), nas suas *Cartas Pascaís*, e S. Cirilo de Jerusalém, na *Procatequese* e nas *Catequeses Mistagógicas*, falam deste tempo como de coisa conhecida. O mesmo se diga de Eusébio no seu *De solemnitate pas-*

chali (4, 5). Mas já antes, o 1.º Concílio de Niceia fala da «quadragesima paschae» como se fosse uma coisa natural e conhecida de todos, ou seja, como um período de preparação de quarenta dias.

Para o Ocidente, os testemunhos directos são só do fim do século IV. Entre eles está o de Etéria, para a Espanha e a Gália Meridional, o de S. Ambrósio para Milão e o de S. Agostinho para a África Setentrional.

Parece que em Roma a evolução tenha sido mais lenta. Até ao princípio do século IV, o tempo de preparação para a Páscoa consistiria na observação do jejum de toda a semana que precede a noite santa. Por meados do século IV — talvez sob o influxo de S. Atanásio de Alexandria, exilado e residente algum tempo em Roma, — aparece um jejum de três semanas, acrescentado ao da semana santa.

O jejum para a Páscoa começava, portanto, com a actual terceira semana da Quaresma e compreendia ao todo quatro semanas. O primeiro destes domingos chamava-se «in trigesima» (a trinta dias da Páscoa); o terceiro chamava-se «in mediana» (a meio) pois faltavam quinze dias para a Páscoa.

Mas o desequilíbrio entre o prolongamento das solenidades pascaes e a sua preparação era ainda notório. Além disso, esta preparação pascal não podia apelar, como a oriental, para os exemplos de Moisés, de Elias e, sobretudo, de Cristo, isto é, aos quarenta dias do deserto.

Independentemente do jejum pascal, um jejum de quarenta dias apareceu no Egipto desde o fim do século III ou princípio do século IV. Segundo parece, não tinha tanto em vista preparar a Páscoa como celebrar o jejum do Senhor no deserto, nas semanas que seguiram ao seu baptismo. Mas bem cedo terá tomado a forma de uma preparação penitencial para a celebração da morte e da ressurreição do Senhor.

O desenvolvimento penitencial tinha introduzido o costume de inscrever os pecadores na penitência pública num período fixo do ano litúrgico, quarenta dias antes da Páscoa. Pedro de Alexandria (c. 306) relaciona já os quarenta dias de jejum de Cristo no deserto com outros tantos dias de penitência a fazer pelos pecadores.

Assim se chega à insituição da «quadragesima» que vem a cair no 6.º domingo antes da Páscoa, o domingo «in quadragesima». Assim se explica também que os penitentes, admitidos à penitên-

cia no princípio da Quaresma, sejam reconciliados em quinta-feira santa, precisamente no quadragésimo dia depois da entrada em penitência.

A instituição da Quaresma, assim compreendida, existe com certeza em Roma em 384. Deve ser mesmo anterior de alguns anos. Ao tempo dos Padres da Igreja, os quarenta dias da Quaresma eram contados desde o primeiro domingo da Quaresma até à quinta-feira «da ceia do Senhor», como se lê nos sermões de S. Leão Magno. O jejum quaresmal distinguia-se assim nitidamente do jejum pascal. Mas, se o jejum era observado cada dia, desde segunda a sábado (aos domingos é proibido jejuar), as assembleias oficiais não se reuniam ainda, no tempo de S. Leão Magno, senão às segundas, quartas e sextas, e não se celebrava nelas a eucaristia. Só no princípio do século VI, as segundas, terças e sábados se tornaram dias de assembleia comportando a eucaristia. Nesta época, o jejum de quarta e sexta-feira antes do primeiro domingo da Quaresma foi ligado ao restante tempo da quaresma para assegurar quarenta dias de jejum efectivo, integrando-lhe o jejum pascal.

Como não se jejuava aos domingos e consequentemente não se podia celebrar um rito penitencial, como era a inscrição dos pecadores na penitência, em dia de domingo, aquele veio a fixar-se na quarta-feira precedente que já era o dia de jejum, como todas as quartas-feiras do ano. E assim, com a inclusão dos quatro dias feriais anteriores ao primeiro domingo da Quaresma, chegou-se à actual quarta-feira de Cinzas como início da Quaresma.

II — O SIMBOLISMO DOS QUARENTA DIAS

1. *Quaresma e tipologia bíblica*

O carácter originário da Quaresma, segundo a força expressiva da própria palavra, é a penitência de toda a comunidade e de cada um ao longo de quarenta dias.

Esta penitência, expressa principalmente na prática do jejum, devia preparar os fiéis para a celebração do mistério redentor, os catecúmenos para o baptismo, e os penitentes para a reconciliação. Estes elementos, porém, apareceram independentemente no cristianismo antigo e a sua duração, como vimos, foi variável. O jejum preparatório para a Páscoa não foi na sua origem mais do que dois dias. Em tempos do historiador grego, Sócrates, era, em

Roma, de três semanas. Noutras partes, o tempo de preparação para o baptismo compreendia um número variável de semanas e sem qualquer referência ao número de quarenta dias. Este tempo, pelo contrário, aparece liturgicamente na Igreja copta como uma comemoração do jejum de Cristo no deserto, em continuação da festa do baptismo do Senhor.

A quaresma deve ter nascido, portanto, da fusão do jejum preparatório para a Páscoa, da preparação dos catecúmenos para o baptismo e do jejum comemorativo da tentação de Cristo.

A preparação para a Páscoa é assim colocada sob o signo de Cristo, que é a sua fonte e modelo. Com Cristo, que jejua no deserto e avança para a Paixão, todos, catecúmenos e baptizados, são convidados a progredir para o mistério da Páscoa.

Isto coloca-nos frente ao facto essencial da presente reflexão: o simbolismo do número de quarenta dias, que é o da nossa Quaresma e que lhe deu o seu nome, há que buscá-lo numa referência precisa a acontecimentos bíblicos e não a qualquer significação simbólica dos números. Para saber qual é, pois, o conteúdo religioso da Quaresma, devemos referir-nos ao conteúdo dos dados bíblicos a que ela faz alusão.

Segundo a lei ordinária da tipologia bíblica, as realidades do Antigo Testamento são, em primeiro lugar, sombra e figura do mistério de Cristo e encontram nele o seu pleno cumprimento. No caso que nos ocupa, os quarenta dias de Cristo no deserto, que são um tempo de jejum e de tentação, encontram-se pois no coração da nossa reflexão. Segundo os próprios evangelhos, a relação do jejum e da tentação de Jesus com os quarenta anos passados por Israel no deserto, para aí ser tentado, e com os quarenta dias de jejum de Moisés e de Elias é certa. E certa é também a relação dos quarenta dias da Quaresma com esses acontecimentos. Encontramo-nos assim, uma vez mais, com as etapas sucessivas da história da salvação: o Antigo Testamento, Cristo e a Igreja. A sombra e figura dos acontecimentos do Antigo Testamento encontram a sua plena realização no mistério de Cristo que, por sua vez, se actualiza nos mistérios da Igreja.

Por outro lado, os sacramentos da Igreja são, por sua vez, figura das realidades escatológicas. Como veremos mais adiante, isto é verdade também a respeito da Quaresma, que é como que a expressão litúrgica e simbólica do carácter de preparação que tem o tempo presente em relação ao mundo futuro.

Na determinação do período de quarenta dias de preparação

para a celebração das solenidades pascaís é, pois, mais que certo que teve grande peso a tipologia bíblica dos quarenta dias.

Com esta prática os cristãos desejavam imitar Jesus que jejuou quarenta dias no deserto, depois do seu baptismo no Jordão (Mt 4, 2; Lc 4, 1s). Mas os Padres da Igreja viam neste acontecimento uma alusão aos quarenta dias que Moisés jejuou no Monte Sinai (Ex 34, 28) e o profeta Elias, fortalecido pelo pão e a água, caminhou em direcção ao monte de Deus, o Horeb (1 Re 19, 8), e ainda aos quarenta anos de peregrinação de Israel através do deserto, além de outras alusões: os quarenta dias durante os quais Golias, o gigante filisteu, desafiou Israel, até que David avançou contra ele, o abateu e matou; e os quarenta dias em que Jonas pregou a penitência aos habitantes de Nínive que se cobriram de saco e de cinza.

É em função desta tipologia bíblica que os textos litúrgicos foram escolhidos ou compostos. Eles desenvolvem a ideia dos quarenta dias, consagrados pelo próprio Cristo, Moisés e Elias, assim como pelo povo de Israel caminhando no deserto rumo à terra prometida. Eles insistem no jejum, não no sentido de recomendarem a sua prática: supunha-se como óbvia. Mas procuram orientar o espírito a esse respeito: afastar-se do pecado, amar a Deus e ao próximo, alimentar-se abundantemente da palavra de Deus e da Eucaristia e levar uma vida de oração mais intensa, fazer com que os pobres sejam beneficiados com o que se economiza jejuando.

Esta relação tipológica, expressa na Bíblia e na Liturgia, bem como o sentido do jejum quaresmal vêm igualmente testemunhados nos Padres da Igreja.

Para além dos simbolismos muito discutíveis tomados da doutrina pitagórica dos números, S. Agostinho aparece como testemunha desta doutrina comum. Poderiam citar-se, neste sentido, numerosas passagens dos seus sermões quaresmais. Vejamos simplesmente alguns exemplos:

Moisés, Elias e o próprio Senhor jejuaram quarenta dias, para nos ensinar, mediante o exemplo de Moisés, de Elias e de Jesus Cristo, isto é, mediante a lei, a profecia e o evangelho, que não podemos conformar-nos com o mundo nem apegar-nos a ele, mas crucificar em nós o homem velho. Ora se tal é o nosso dever todos os dias da nossa vida, quanto mais o será durante o tempo da Quaresma, que não é só uma parte da vida mas representa a vida inteira?

A significação da Quaresma encontra-se aqui admiravelmente exposta. É o cumprimento dos quarenta dias de jejum de Moisés, de Elias e de Jesus e, ao mesmo tempo, o símbolo da inteira vida humana, como tempo de penitência.

2. *Quaresma e Pentecostes*

Este último aspecto é o que vamos considerar agora. Como todos os elementos da liturgia, a Quaresma é, ao mesmo tempo, memorial e profecia. Considerámo-la sob o primeiro aspecto, com os diversos componentes que se nos apresentaram. Devemos considerá-la agora como profecia.

A Quaresma, com efeito, não tem o seu fim em si mesma: ordena-se a outra coisa. Através do sinal litúrgico, designa uma realidade escatológica. Neste sentido, a Quaresma vai ligada à ideia de preparação. A permanência do povo no deserto prepara a entrada na terra prometida.

Mediante os acontecimentos bíblicos, com que estão associados, os quarenta dias prestam-se a designar o tempo da vida humana como preparação para o mundo futuro. Os Padres — e sobretudo S. Agostinho — não se cansam em mostrar que esta significação estava de acordo com a própria significação do número quarenta, como símbolo da totalidade do tempo. Mas uma outra razão interveio para dar aos quarenta dias esta significação. É a de que constituem a preparação para os cinquenta dias do Pentecostes, símbolo e como que antecipação desse mundo futuro.

Numa Carta a Genaro sobre a celebração da Páscoa, S. Agostinho, depois de fazer as habituais considerações sobre a origem do jejum da quaresma, diz o seguinte:

Em que parte do ano se poderia estabelecer mais convenientemente a prática da quaresma senão junto à Paixão? Pois que ela é figura desta vida penosa, é necessária a continência para se manter longe das tentações do mundo. A presente vida é pois simbolizada — segundo penso — pelo número quarenta. Se, depois, ao número quarenta se junta o número dez, tem-se o número cinquenta como recompensa da fadiga e da continência: o tempo pascal.

No *Sermão* 210, S. Agostinho explica como, frente aos quarenta dias da quaresma, a quinquentena pascal é imagem do mundo futuro:

O número cinquenta é o emblema desse tempo de felicidade que ninguém poderá arrebatá-los. Durante esta vida, não estamos na posse dessa felicidade, mas, depois dos dias consagrados à Paixão do Senhor, nos cinquenta dias que se seguem à sua ressurreição, e em que cessamos de jejuar, celebramos por antecipação esse tempo de gozo, cantando o *Aleluia*, juntamente com os divinos louvores.

S. Agostinho não se cansa de pôr em relevo o contraste entre estes dois tempos litúrgicos:

Assim como o tempo da quaresma, que precede a festa da Páscoa, é o emblema dos trabalhos e dos sofrimentos desta vida mortal, do mesmo modo os dias de gozo que se seguem são o símbolo da vida futura, em que reinaremos com o Senhor (*Sermão* 243, 8). Sabeis que o nosso dever é fazer o bem durante a quaresma, se queremos louvar a Deus durante a quinquagésima. Passemos estes quarenta dias, que precedem a Vigília sagrada, no trabalho, no jejum, na abstinência, pois são o emblema da vida presente; pois os dias que se seguem à ressurreição do Senhor são a figura dos gozos eternos (*Sermão* 253, 12).

III — A ORGANIZAÇÃO DA QUARESMA EM ROMA

No princípio, as celebrações não se faziam senão aos domingos, quartas e sextas-feiras. Estas não tinham, ao princípio, senão uma liturgia da Palavra sem Eucaristia. Progressivamente, a partir do século V, as segundas, terças e sábados começaram a ter também formulários para a celebração que, desde o século VI, inclui a liturgia eucarística. Restavam as quintas-feiras da Quaresma que só começaram a ter formulários no século VIII.

Desta forma, a Quaresma adquiriu uma configuração cada vez mais rica. As suas diversas celebrações, presididas em Roma pelo Papa nas diferentes basílicas em que se reuniam o clero e os fiéis, receberam o nome de «estações». O termo designava, no século II, o jejum das quartas e sextas-feiras ao longo do ano. Mas em breve veio a qualificar as assembleias de oração comunitária. Cada celebração de Quaresma adquiria assim um carácter bem definido: os formulários e a escolha das leituras eram muitas vezes inspirados pelas particularidades locais da reunião, tendo

em conta a dimensão penitencial da vida cristã e as exigências da catequese baptismal.

1. *A semana da Paixão ou Semana Santa*

Não se pode dizer ao certo se a Igreja de Roma observou primitivamente uma única semana de jejum antes da Páscoa, como o fazia, no século III, a Igreja de Alexandria. Em todo o caso, a Semana Santa foi antigamente a verdadeira semana da Paixão. No século V já se lê a narração da Paixão no domingo, quarta e sexta-feira. À terça-feira, fez-se a partir do século VIII. Mas ao princípio as assembleias de quarta e sexta-feira santa não comportavam a celebração eucarística.

a) O domingo da Paixão e dos Ramos

No domingo em que se entra na semana pascal, chamada a grande semana ou semana maior, celebrava-se em Jerusalém, no fim do século IV, a entrada triunfal de Jesus na Cidade santa, refazendo o percurso seguido pelo Senhor e os seus discípulos. Todo o povo se reunia a meio da tarde à volta do bispo no Monte das Oliveiras na basílica da Eleona, depois subia-se ao Imbomon. Pelas cinco horas da tarde, lia-se o relato evangélico e descia-se da colina para entrar na Cidade. A procissão dirigia-se à Anástasis, onde tinha lugar o lucernário. De Jerusalém a procissão espalhou-se a todo o Oriente, em que o domingo de abertura da grande semana se torna o domingo dos Ramos.

Em Roma, ao contrário, no tempo de S. Leão Magno, o VI domingo da Quaresma era o domingo da Paixão. Aí se lia a Paixão segundo S. Mateus. O papa comentava a primeira parte do relato, deixando para a quarta-feira seguinte a explicação da segunda parte.

Este mesmo domingo era em Espanha e na Gália o domingo da entrega do símbolo aos futuros baptizados, a «*Traditio symboli*», que era acompanhada da unção dos ouvidos, o «*effeta*». Nesta celebração lia-se como evangelho Jo 12, 1-25, que refere a unção de Betânia e a entrada de Jesus em Jerusalém. Nos séculos VII - VIII, constata-se que a piedade popular se liga mais à segunda parte do relato do que à primeira. Vem-se à Igreja com palmas e ramos, que se agitam clamando *Hossana*. Roma faz um eco discreto a esta aclamação, intitulando este dia: *Dominica in palmas de passione Domini* (Ge V, n. 329).

b) A reconciliação dos penitentes em quinta-feira santa

A reconciliação dos penitentes, que já tinha lugar em Roma na quinta-feira santa no fim do século IV, é longamente descrita no Sacramentário gelasiano do século VII. Este contém dois rituais sucessivos para a reconciliação dos penitentes. No primeiro, que pertence à liturgia papal, um diácono dirige ao bispo uma longa súplica em que pede com insistência que admita os pecadores penitentes à reconciliação, nestes dias em que a Igreja vai gerar novos filhos pelo baptismo. Não é a reconciliação um novo baptismo? «Lavam as águas e lavam as lágrimas». O bispo diz a seguir uma oração em que pede a Deus que restabeleça o penitente na comunhão da Igreja.

O rito da reconciliação dos penitentes na quinta-feira santa perpetuou-se muito para além do desaparecimento da penitência antiga e deixou traços em certas regiões até meados do século XIX sob a forma de «absolvição» dada em quinta-feira santa depois da recitação dos salmos penitenciais. Mas avisavam-se os fiéis de que não deviam entender esta absolvição como sacramental, mas unicamente como «uma oração e uma bênção muito salutar que o pastor faz sobre o povo».

c) A confecção do santo crisma e a bênção dos óleos

Segundo o primeiro Concílio de Toledo (400), o bispo podia confeccionar o crisma em qualquer tempo. Mas estabeleceu-se o uso de o fazer em quinta-feira santa, no decurso da última missa celebrada antes da Noite santa, em que ele devia ser utilizado na unção pós-baptismal e na confirmação. Numa homilia de S. Eloi, bispo de Noyon (+ 660), lê-se que «neste dia (quinta-feira santa) no mundo inteiro se consagra o crisma». Em Roma, o papa fazia-o na única missa celebrada em Latrão em memória da Ceia. Na manhã os presbíteros ligados às igrejas titulares celebravam uma missa particular para benzer o óleo dos catecúmenos e o dos doentes. Quando o Sacramentário gelasiano chegou aos países francos (século VIII), um compilador introduziu no texto da missa presbiteral o da confecção do crisma. Originou-se assim uma missa crismal, que Roma só veio a adoptar em 1955.

2. As três semanas antes da Páscoa

No decurso do século IV, aparece um período de três semanas de preparação para a Páscoa. Estas três semanas foram contadas a partir da Ressurreição até ao domingo *Laetare*.

A liturgia romana das três semanas antes da Páscoa singularizava-se pelo facto de se lerem exclusivamente passagens do evangelho de S. João, reservando mesmo a leitura deste evangelho para este período da Quaresma. Alguns exegetas consideraram mesmo que este evangelho foi escrito com vista a uma catequese baptismal. Utiliza-se amplamente durante a Quaresma, sobretudo a partir do terceiro domingo. A tradição romana nunca perdeu este uso e a actual reforma conservou-o ciosamente.

Neste período da Quaresma realizavam-se também os três escrutínios baptismais. Cinquenta anos depois de S. Leão Magno, o diácono romano João expõe longamente os ritos do catecumenado em resposta a uma carta que lhe tinha dirigido um alto funcionário da corte de Ravena para lhe perguntar, entre outras coisas, porque havia em Roma três escrutínios. Estes escrutínios eram celebrados no III, IV e V domingos da Quaresma, como testemunha ainda o Sacramentário gelasiano. Aí se liam os três evangelhos da Samaritana, do Cego de nascença e de Lázaro, segundo o uso das outras Igrejas do Ocidente.

3. As primeiras três semanas da Quaresma

O primeiro domingo da Quaresma abre, no tempo de S. Leão, a preparação para a celebração do *paschale sacramentum*. Lê-se nesse dia o apelo de S. Paulo: «Eis agora o tempo favorável» e o relato evangélico do jejum e da tentação de Jesus no deserto. O pastor convida os fiéis para um serviço mais diligente do Senhor. Lembra que «sobre toda a face da terra milhares e milhares de homens se preparam para a sua regeneração em Cristo». Ao mesmo tempo, o demónio vê aqueles que tinham caído lavarem-se nas lágrimas da penitência e serem admitidos ao remédio da reconciliação.

No segundo domingo da Quaresma, S. Leão comenta a transfiguração de Jesus, que põe em cena os três protagonistas do jejum de quarenta dias, Cristo, Moisés e Elias.

Antes do fim do século V, a quarta e a sexta-feira que precedem o primeiro domingo da Quaresma, eram consideradas como uma espécie de embolismo da Quaresma. Quando, nessa quarta-feira, os penitentes começaram a ser admitidos à penitência, fazia-se-lhes a imposição das cinzas e do cilício. Após o desaparecimento da penitência pública, esta cerimónia subsistiu e todos os cristãos se sujeitavam a ela. O *Ordo 22* do fim do século VIII

faz a sua descrição. Todo o povo se reunia em Santa Anastásia, junto do Palatino. O papa abria a celebração, depois subia em procissão sobre o Aventino para a primeira missa quaresmal em Santa Sabina. No decurso da procissão cantava-se a antífona *Immutemur habitu in cinere et cilicio*. Na Renânia, no século X, quis-se dar uma expressão sensível ao texto litúrgico que, em Roma, era tomado no sentido espiritual, instituindo o rito da imposição das cinzas. No século XII o ritual renano passou para o Pontifical romano mas, nesta altura, o rito era ainda exterior à liturgia papal propriamente dita. Só no século XIII o papa se submeteu ele próprio a este rito penitencial.

VI — REORGANIZAÇÕES E ALTERAÇÕES

Quando, progressivamente, a preparação para o baptismo diminuiu em importância e se desligou da liturgia quaresmal, esta teve fatalmente de adoptar outro aspecto. De facto, a selecção de leituras e cânticos foi menos apropriada. A preocupação baptismal que tinha caracterizado a Quaresma não tinha mais razão de ser.

O Sacramentário gelasiano, nas fórmulas das suas celebrações de escrutínios, deixa ver claramente que se trata já, a maior parte das vezes, de baptismo de crianças. Quando esta situação se generalizou, os três escrutínios dominicais trasladaram-se para a semana e arrastaram consigo as respectivas orações e leituras. Os domingos, deixados assim vazios, receberam parcialmente as leituras evangélicas dos dias feriais ocupados agora pelos antigos escrutínios dominicais.

A Quaresma converteu-se, sobretudo, num tempo em que os cristãos já baptizados revêm a própria condição da sua existência na vida da Igreja. Fechou-se a perspectiva aberta sobre a penitência e o catecumenado, e a Quaresma adquiriu a fisionomia que conservou até à reforma do Vaticano II. A progressiva supressão dos ritos do catecumenado não a orientavam já particularmente para uma teologia baptismal.

Mesmo assim, a Quaresma continuou sendo o tempo forte da vida da Igreja para as comunidades cristãs: o mais rico em conteúdos bíblicos e o mais fielmente mantido na tradição da Igreja. Juntamente com a semana pascal era o único período que conservava a sua quotidiana liturgia da Palavra com formulários normalmente mantidos desde a mais venerável tradição.

Entretanto, o divórcio que, a partir da Idade Média, se es-

tabeleceu entre a vida socio-religiosa e a liturgia reduziu a Quaresma a um fenómeno puramente ritual, alheio a amplos sectores das comunidades cristãs, cuja piedade «passionista» discorria por caminhos de devocionalismo extra-litúrgico.

1. *Quinquagésima — Septuagésima*

Mas nem por isso a Quaresma tradicional conseguiu manter-se livre de certas aderências litúrgicas que os tempos lhe foram impondo. A mais sensível foi o acréscito progressivo de três semanas que, com os nomes de Quinquagésima, Sexagésima e Septuagésima, foram adiantando a preparação para a celebração da Quaresma.

A antecipação do jejum quaresmal não é uma prática especificamente romana. Encontra-se no Oriente, mas também nas diversas regiões do Ocidente. É uma prática de ascese monástica, que se estendeu rapidamente no povo e depressa foi seguida de uma extensão de ordem litúrgica. No princípio do século VI, o jejum preparatório para a Páscoa foi ampliado para sete semanas. O domingo que inicia as sete semanas recebeu o nome de Quinquagésima. É efectivamente o quinquagésimo dia, se contarmos os dias destas sete semanas a partir da Páscoa. Assim se chegava, no tempo de preparação, à equivalência do prolongamento da festa pascal. A Quinquagésima é testemunhada em Roma por volta de 520. É a época em que ela aparece também na Provença e em Turim.

Pouco depois, o IV Concílio de Orleães (541) menciona a Sexagésima, atestada também na Provença e em Turim nos mesmos anos. Pode pensar-se na sua presença em Roma pela mesma época, porque bem cedo devia aí aparecer a Septuagésima (fim do século VI ou princípio do século VII).

O conjunto das três semanas preparatórias da Quaresma devia impôr-se a todo o Ocidente com a difusão dos livros litúrgicos romanos no decurso do século VIII. Este prólogo quaresmal ficou definitivamente institucionalizado desde o tempo de S. Gregório Magno, que lhe deu um especial relevo litúrgico e fixou a maior parte dos seus textos.

É provável que o destaque conferido a estes domingos esteja ligado ao facto de as suas liturgias se realizarem nas famosas igrejas dos santos patronos de Roma: Lourenço, Pedro e Paulo. É possível também que o costume litúrgico das Igrejas de Bisâncio

e de Jerusalém, de começarem a Quaresma já no oitavo domingo anterior à Páscoa, tenha concorrido para a introdução de semelhante pré-Quaresma, porque naquelas Igrejas, além do domingo, também não se jejuava aos sábados.

Entretanto, não se exigia um jejum propriamente dito na pré-Quaresma romana. Apenas a liturgia se caracterizava, em época posterior, pela côr roxa dos paramentos e pela supressão do Aleluia, do Glória e do Te Deum, como na Quaresma.

2. *A Paixão*

A última parte da Quaresma sofreu também modificações medievais não originárias. O chamado «tempo da Paixão» chegou a adquirir um especial relevo litúrgico que rompia, em certo sentido, a unidade da Quaresma primitiva. Por outro lado, a semana maior ou o começo da celebração dramatizada e religiosamente espectacular da «semana santa» fez desaparecer definitivamente a unidade litúrgica da Quaresma.

Não eram muitas as comunidades conscientes de que a instituição quaresmal está fundamentalmente orientada para a celebração do mistério pascal. A piedade quaresmal ou penitencial parecia esgotar-se na liturgia de Sexta-feira santa e no «cumprimento do preceito pascal», vinculado tradicionalmente à Quinta-feira santa. A piedade extra-litúrgica «extenuava» religiosa e pastoralmente os espíritos em vez de os levar a saborear e viver em profundidade o mistério pascal.

VII — *A REFORMA CONCILIAR*

As duas instituições que marcaram substancialmente este período da Quaresma, a saber, a penitência eclesiástica e a preparação dos candidatos para o baptismo, foram desaparecendo pouco a pouco nos países de cristandade. Por este motivo, muitos elementos da liturgia quaresmal tornaram-se quase incompreensíveis para os séculos posteriores. Foi por conhecer o sentido original da Quaresma e a sua riqueza litúrgica e pastoral, que o concílio Vaticano II fixou as linhas fundamentais para a futura reforma.

Assim, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia estabelece, em relação à Quaresma, que se ponha mais em realce a dúplici indole baptismal e penitencial.

Ponham-se em maior realce, tanto na liturgia como na catequese litúrgica, os dois aspectos característicos do tempo quaresmal que pretende, sobretudo através da recordação do baptismo ou sua preparação e por meio da penitência, preparar os fiéis para a celebração do mistério pascal, ouvindo com mais frequência a palavra de Deus e entregando-se à oração com mais insistência. Por isso:

a) utilizem-se com mais abundância os elementos baptismais próprios da liturgia quaresmal e retomem-se, se parecer oportuno, elementos da antiga tradição;

b) o mesmo se diga dos elementos penitenciais...; não se deve esquecer a parte da Igreja na prática penitencial, nem deixar de recomendar a oração pelos pecadores (n. 109).

A penitência quaresmal deve ser também externa e social e não só interna e individual. Estimule-se a prática da penitência, adaptada ao nosso tempo, às possibilidades das diversas regiões e à condição de cada um dos fiéis (n. 110).

Na preocupação de toda a reforma litúrgica está o retorno à autenticidade pascal já desde o período de intensa preparação que é a Quaresma:

O tempo da Quaresma ordena-se à preparação da celebração da Páscoa: a liturgia quaresmal dispõe, de facto, quer os catecúmenos, pelos diversos degraus da iniciação cristã, quer os fiéis, pela recordação do baptismo e pela penitência, para a celebração do mistério pascal (AL e CAL, n. 27).

A Quaresma cristã não teria sentido algum sem a Páscoa. E do mesmo modo seria impossível viver coerentemente a Páscoa sem a exercitação e a vivência profunda da Quaresma litúrgica. A «nova vida» pascal não se improvisa com a celebração da grande Vigília da Ressurreição.

1. *Duração do tempo da Quaresma*

a) Desde a quarta-feira de cinzas

A índole originária da Quaresma, segundo o sentido da própria palavra, está posta na penitência de toda a comunidade e de cada um ao longo de quarenta dias.

«O tempo da Quaresma decorre desde a quarta-feira de cinzas até à Missa da Ceia do Senhor «exclusive» (AL e CAL, n. 28).

No tempo dos Padres da Igreja, os quarenta dias da Quaresma contavam-se desde o primeiro domingo da Quaresma até à quinta-feira da Ceia do Senhor. Contudo o uso de começar o jejum quaresmal desde a quarta-feira antes do primeiro domingo da Quaresma é antiquíssimo (séc. VI-VII) e levou a que o rito da imposição das cinzas se fixasse nesse dia, de modo que a quarta-feira de cinzas se tornou mais popular do que muitos outros dias mais solenes. Esta é a razão, diz o Comentário romano, por que pareceu melhor nada inovar nesta matéria para restituir à sagrada «Quaresma» a sua plenitude simbólica.

b) Tempo da Septuagésima e da Paixão

Se o início da Quaresma se conservou na quarta-feira de Cinzas por causa da sua índole popular, a supressão do tempo da Septuagésima, bem como do tempo da Paixão, restituiu à Quaresma a sua primitiva unidade e importância.

O tempo da pré-Quaresma foi abolido pois não tinha características próprias e, no Ofício divino, tomava os elementos do tempo comum. Por isso as três semanas que o compunham inserem-se de novo no tempo comum.

Antes da reforma, o quinto domingo da Quaresma dava início ao chamado «tempo da Paixão». Este título queria indicar que a Paixão passava a ocupar preponderantemente o primeiro plano nos textos da liturgia e na piedade dos fiéis. Isto também ocorre agora, de maneira cada vez mais acentuada, com o aproximar-se do Tríduo pascal. Todavia não podemos esquecer que a Páscoa é caracterizada pela passagem do Senhor pela paixão e morte à ressurreição. O Comentário romano justifica o abandono deste título, para preservar a unidade interior da Quaresma:

O tempo da Paixão é retocado de modo a garantir a unidade interior da Quaresma. O domingo que se dizia I da Paixão é agora o V domingo da Quaresma; o domingo seguinte, em que começa a Semana Santa, será o Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor.

Ao antigo «I domingo da Paixão» estava ligado o costume de cobrir a cruz e as imagens dos santos com véus. Esta prática remonta, provavelmente, ao costume do chamado véu quaresmal

com que se tapava o altar para não ser visto pelo povo. O Comenário romano de 1969 diz o seguinte:

Desde agora não se cobrirão mais a cruz e as imagens, a não ser naquelas regiões em que as Conferências Episcopais julgarem útil a conservação deste costume.

O Missal Romano, aparecido no ano seguinte, parece mais reservado, ao dizer, em rubrica anteposta ao V domingo da Quaresma, que se pode conservar este costume, a juízo das Conferências Episcopais.

c) A Semana Santa

Com o nome de Semana Santa são designados os últimos dias da Quaresma bem como o início do Tríduo pascal.

A Semana Santa, que se ordena a recordar a Paixão do Senhor, tem início com a procissão que faz memória da entrada messiânica de Cristo em Jerusalém e com a Missa em que se lê a Paixão segundo um dos evangelhos sinópticos. A leitura da Paixão segundo S. João reserva-se para a sexta-feira da Paixão do Senhor.

Onde as condições dos lugares não permitam que a procissão dos ramos percorra as ruas da cidade, a comemoração da entrada de Cristo em Jerusalém pode celebrar-se com um rito mais simples. Mas esta memória deve celebrar-se em todas as Missas, ao menos com o cântico de entrada.

Na terça e na quarta-feira da Semana Santa não se faz mais a leitura da Paixão do Senhor. O Evangelho da Missa destes dias feriais é tomado dos últimos acontecimentos da vida do Senhor na última semana antes da Paixão.

A quinta-feira da Semana Santa continua sendo o dia próprio pra a bênção dos santos óleos:

Na quinta-feira da Semana Santa, de manhã, o Bispo, celebrando a Missa com o seu presbitério, benze os santos óleos e consagra o crisma».

A quinta-feira e a sexta-feira da Semana Santa dissociam-se claramente da Quaresma — a partir da liturgia eucarística da Ceia do Senhor — para ligar explicitamente estes dias ao

«acontecimento pascal» celebrado no Tríduo sagrado. O jejum quaresmal termina na quinta-feira, enquanto na sexta-feira da Paixão começa o jejum pascal que, se possível, deve estender-se ao sábado.

2. *A liturgia da Quaresma*

a) *Índole penitencial e baptismal da Quaresma*

Na liturgia romana nunca faltaram textos penitenciais e leituras que apresentassem os principais elementos de uma catequese pré-baptismal. Contudo, estes textos, já bem cedo, passaram das Missas dominicais para as Missas feriais, e alguns deles, principalmente orações pelos catecúmenos, foram abolidos. Como o Concílio decretou que se pusesse em maior realce a índole baptismal e penitencial do tempo da Quaresma, a atenção dos responsáveis pela reforma voltou-se para estes textos.

Quanto às leituras: as leituras para as Missas dos domingos foram escolhidas com a intenção de propor aos fiéis os convites dos profetas à penitência bem como a síntese de todo o mistério da salvação; serão também apresentados os principais textos do Evangelho que, nos primeiros séculos, eram lidos aos catecúmenos para os preparar para o baptismo. Estas leituras, porém, dirigem-se a todos os fiéis, pois, durante a Quaresma, toda a Igreja, juntamente com os baptizando, comemora o mistério da sua iniciação cristã.

Quanto às orações: a reforma das orações pelos catecúmenos não teve qualquer dificuldade; porém a revisão das preces penitenciais exige que se adaptem às circunstâncias hodiernas, segundo o espírito da Constituição Apostólica *Paenitemini* (1966).

A reforma da Quaresma não diz respeito somente à liturgia da Missa. Diz respeito também à liturgia das Horas e, de modo particular, aos sacramentos da Iniciação Cristã e da Penitência.

A propósito da Quaresma como tempo de preparação para o baptismo, o Rítual da Iniciação Cristã dos Adultos diz o seguinte:

Durante este tempo, os catecúmenos são objecto de uma preparação interior mais intensa. Esta tem mais em vista o recolhimento espiritual do que a catequese e ordena-se à purificação

do coração e da mente, através do exame de consciência e da penitência, e à sua iluminação por meio do conhecimento mais aprofundado de Cristo Salvador. Tudo isto se faz por meio de vários ritos, sobretudo pelos «escrutínios» e pelas «tradições».

1) Os «escrutínios», que devem ser celebrados solenemente ao domingo, têm em vista o duplo fim acima referido, a saber: pôr a descoberto o que no coração dos eleitos possa haver de fraqueza, enfermidade ou malícia, para que seja curado, e o que há de bom, válido e santo, a fim de ser fortalecido. Os escrutínios destinam-se à libertação do pecado e do demónio e ao fortalecimento em Cristo que é o caminho, a verdade e a vida dos eleitos.

2) As «tradições», pelas quais a Igreja entrega aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração — o Símbolo e a Oração dominical —, têm como fim a sua iluminação. No Símbolo, os olhos dos eleitos são inundados de fé e de alegria. Na Oração dominical, reconhecem, em toda a sua profundidade, o novo espírito de filhos, pelo qual chamam a Deus seu Pai, sobretudo na assembleia eucarística (n. 25).

O tempo da purificação e da iluminação dos catecúmenos coincide habitualmente com a Quaresma, porque esta, tanto na liturgia como na catequese litúrgica, por meio da recordação ou da preparação do Baptismo e pela Penitência, renova a comunidade dos fiéis, juntamente com os catecúmenos, e dispõe-nos para a celebração do mistério pascal (n. 21).

Também o Ritual da Penitência se refere à Quaresma como o tempo mais propício para a celebração do sacramento da Penitência e outras celebrações penitenciais:

O tempo da Quaresma é o mais apropriado para a celebração do sacramento da Penitência, porque já na Quarta-feira de Cinzas se fez ouvir diante do Povo de Deus este solene convite: «Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». É bom, portanto, que se façam, por diversas vezes, ao longo da Quaresma, celebrações penitenciais, para oferecer a todos os fiéis ocasião de se reconciliarem com Deus e com os irmãos e de celebrarem o mistério pascal, no tríduo santíssimo, de coração renovado (n. 13).

Quanto ao Ofício divino, procurou-se sintonizar mais coerentemente a liturgia das Horas com a liturgia sacramentária ou eucarística, mediante uma melhor reestruturação, quer das orações e antífonas, quer das leituras bíblicas e patrísticas.

b) Os domingos da Quaresma

Este empenho de renovação concentrou-se de forma particular nos domingos da Quaresma porque é neles que se reúne a maior parte das comunidades para as celebrações litúrgicas. Estes domingos conferem à liturgia da Quaresma o seu cunho específico, cada um deles com a sua feição própria e inconfundível, apesar dos elementos comuns a todos. Isto se fez sobretudo mediante os respectivos evangelhos e com o apoio das demais leituras, orações e cânticos.

Quanto aos esquemas dominicais de leituras, os domingos I e II mantêm nos três ciclos a sua temática tradicional, da Tentação e da Transfiguração do Senhor, bíblicamente enriquecida agora com leituras veterotestamentárias.

Os três domingos seguintes foram refeitos de novo, voltando à primitiva tradição catecumenal, nos seus textos e na sua vinculação original aos solenes escrutínios pré-baptismais. Desta forma, a distribuição das leituras no ciclo A volta a ser a típica destes três domingos: o evangelho da Samaritana para o terceiro domingo, do Cego de nascença para o quarto e da ressurreição de Lázaro para o quinto. Como estes evangelhos são da máxima importância, em relação à iniciação cristã, podem usar-se também nos anos B e C, principalmente onde houver catecúmenos.

Contudo, os anos B e C apresentam também outros textos: no ano B, os textos de S. João sobre a futura glorificação de Cristo pela Cruz e Ressurreição; no ano C, os textos de S. Lucas sobre a penitência e a conversão.

É, portanto, a situação real de cada comunidade eclesial que deverá determinar a escolha do esquema dominical e a orientação pastoral da acção litúrgica, tendo em conta que o ciclo A é sempre assumível para substituir qualquer dos outros dois ciclos.

As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação, um dos grandes temas próprios da catequese quaresmal. Em cada ano se encontra uma série de textos que apresentam os principais acontecimentos daquela história desde o início até à promessa da nova aliança e da nova Páscoa.

As leituras do Apóstolo foram escolhidas de modo a manifestar a relação do Evangelho e do Antigo Testamento e, tanto quanto possível, a conseguir uma melhor conexão.

c) O domingo de Ramos

O sexto domingo da Quaresma, ou Domingo de Ramos e da Paixão — de acordo com o título completo que lhe dá o Missal romano — ocupa um lugar de destaque no conjunto dos quarenta dias. Pelo título já se vê que dois aspectos fundamentais se fundem na liturgia deste domingo: a comemoração da entrada de Jesus em Jerusalém e a comemoração da Paixão.

Sabemos, pelo relato da peregrina Etéria, que os cristãos de Jerusalém, no começo do século V, se reuniam no monte das Oliveiras, às primeiras horas da tarde, para um longa liturgia da Palavra; em seguida, ao cair da tarde, dirigiam-se à cidade de Jerusalém, levando ramos de palmeira ou de oliveira nas mãos. Este costume logo foi apreciado e imitado por outras Igrejas do Oriente. Quanto à sua difusão no Ocidente, já por volta do ano 600 encontramos o nome de «Domingo de Ramos» na Espanha e na Gália, mas não ainda a procissão. É necessário esperar pelo princípio do século IX para encontrar testemunhos firmes da procissão dos Ramos no Ocidente com o hino *Gloria laus*.

Para a procissão no «Domingo de Ramos e da Paixão», a reforma litúrgica escolheu textos que se referem à entrada solene do Senhor em Jerusalém, extraídos dos três evangelhos sinópticos. Na Missa lê-se a narração da Paixão do Senhor segundo cada um dos evangelhos sinópticos, repartidos igualmente pelos três ciclos de leituras.

d) Quinta-feira Santa

A manhã de quinta-feira da Semana Santa distingue-se pela «Missa do Crisma», isto é, pela celebração na qual «o bispo, rodeado pelo seu presbitério, benze os santos óleos e consagra o crisma».

A consagração do crisma e do óleo dos catecúmenos faz parte do património da tradição. Ela é mencionada já na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, no início do século III.

A prática da consagração dos santos óleos, no Ocidente, foi motivada pela administração do baptismo e do crisma na noite

de Páscoa, sacramentos nos quais se usa o óleo dos catecúmenos e o do crisma.

Neste dia se realizava também a reintegração (reconciliação) dos penitentes públicos, a fim de poderem participar de novo na celebração da Páscoa, juntamente com toda a comunidade cristã.

Em algumas regiões, havia três missas: para a consagração dos óleos, para a reconciliação dos penitentes e para comemorar a Ceia do Senhor. Mais tarde, porém, estes três propósitos realizavam-se numa única missa. Até à reforma da Semana Santa, esta única missa era celebrada de manhã.

Segundo a tradição, a missa do crisma é prevista, em geral, para a parte da manhã, como prescreve o novo *Ordo* de 1970 para a consagração dos óleos. Se houver dificuldades especiais para o clero e o povo, a consagração pode ser antecipada para outro dia, próximo da Páscoa.

O bispo benze os santos óleos na missa concelebrada com o seu presbitério, normalmente na igreja catedral. Segundo o referido *Ordo*, esta missa mostra-nos, justamente, que só o bispo possui a plenitude do sacerdócio e é «dele que decorre e depende, em certo modo, a vida dos fiéis em Cristo». Como está dito na introdução à celebração desta missa, ela deve ser o sinal da unidade do presbitério e da comunhão dos presbíteros com o seu bispo. Convém, portanto, que todos os presbíteros, tanto quanto possível, participem da mesma, vindos das várias regiões da diocese.

A esta missa do crisma junta-se, agora, a renovação das promessas sacerdotais. Faz-se a seguir à homilia na qual «o bispo exorta os seus presbíteros a serem fiéis ao seu ministério e os convida a renovarem publicamente os compromissos sacerdotais».

e) Os dias feriais da Quaresma

A liturgia ferial contribui — com o seu ciclo único — a dar unidade de conteúdo aos três ciclos dominicais, enquanto nos apresenta todo o processo da história da salvação. Especialmente as leituras veterotestamentárias, tão típicas deste tempo, estão ordenadas a uma educação penitencial que nos leva à nova aliança em Cristo.

1) *A Quarta-feira de Cinzas*

Conforme às suas origens, o rito da bênção e da imposição das cinzas tinha lugar, até 1970, antes do princípio da missa. No

novo Missal quis-se que ele tivesse lugar no termo de uma liturgia da Palavra, quer esta seja ou não seguida da Eucaristia. Trata-se, portanto, de uma celebração penitencial.

Depois da sua entrada em uso, a imposição das cinzas fazia-se com a fórmula do Génesis: «Lembra-te que és pó» (Gen 3, 19). Podem dizer-se agora, no seu lugar, as palavras do Senhor: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). O apelo à conversão substitui-se à consideração do carácter mortal do homem.

2) *Os outros dias feriais*

Não é só a Quarta-feira de Cinzas e os domingos que são marcados pelos dois grandes temas da conversão e do baptismo. Também os outros dias feriais se inserem, por esta forma, no tema global da Quaresma, ou seja, na preparação para a Páscoa. Podemos mesmo dizer que os temas propriamente catequéticos ou de iniciação pré-baptismal e penitencial se encontram especialmente no desenrolar da liturgia ferial.

As leituras foram escolhidas tendo em conta a sua mútua relação e os elementos próprios da catequese quaresmal, adaptados ao sentido espiritual deste tempo. Assim, desde a segunda-feira da quarta semana, faz-se a leitura semi-contínua de S. João, em que os textos deste evangelho correspondem mais plenamente às características da Quaresma, como interiorização do mistério de Cristo na consciência do crente.

Como os evangelhos da Samaritana, do Cego de nascença e ressurreição de Lázaro se lêem, de novo, aos domingos, mas só no ciclo A (e «ad libitum» nos outros anos), providenciou-se para que os mesmos possam ler-se nos dias feriais. Assim, no início da terceira, quarta e quinta semanas, foram inseridas «Missas ad libitum» com aqueles textos. Estas Missas podem utilizar-se em qualquer dia ferial de qualquer semana, em vez das leituras do dia.

Nos primeiros dias da Semana Santa, as leituras referem-se ao mistério da Paixão. Na Missa do Crisma, em Quinta-feira Santa, as leituras sublinham o múnus messiânico de Cristo e a sua continuação na Igreja pelos sacramentos.

Do ponto de vista litúrgico, dissociam-se claramente da Quaresma Quinta e a Sexta-feira Santas — a partir da liturgia eucarística vespertina da Ceia do Senhor — para se ligarem explicitamente ao «acontecimento pascal» celebrado no Tríduo pascal.

Por outro lado, uma disciplina de austeridade na celebração do Santoral, coincidente com o período quaresmal, reduz as solenidades ou memórias ao mínimo, para deixar em primeiro plano o ritmo específico da liturgia quaresmal quotidiana.

Desde o início da Quaresma até à Vigília Pascal, não se diz Aleluia, sendo substituído por outra aclamação antes do Evangelho. Também não se diz o «Glória a Deus nas alturas» e o «Te Deum». Os paramentos são de cor roxa. No domingo «Lactare» (IV da Quaresma), pode usar-se paramento cor-de-rosa e usa-se a cor vermelha no domingo dos Ramos e da Paixão bem como na Sexta-feira Santa e nas celebrações da Paixão do Senhor.

CONCLUSÃO

Vamos concluir estas páginas de reflexão sobre a evolução histórica da Quaresma, pondo-nos a seguinte questão: estes quarenta dias que preparam para a celebração da Páscoa, centro de todo o mistério cristão, representam ainda um tempo forte da vida cristã e da acção pastoral para as nossas comunidades?

É certo que o fenómeno da secularização e do indiferentismo religioso atacou a fundo a austeridade e a seriedade deste anual empenho cristão. Será possível dar a este tempo o seu original valor, numa civilização tão dispersiva e refractária a compromissos religiosos coerentes e continuados?

A resposta da Igreja, sobretudo através da liturgia quaresmal, é positiva, porque ela põe em acção toda uma estrutura celebrativa e kerigmática que, se bem utilizada, pode captar as aspirações genuínas das almas desejosas de conversão. Parece, pois, possível programar um itinerário de etapas que, seguindo as indicações rituais, ponham em acção uma «pedagogia de iniciação», isto é, de introdução vital no mistério de Cristo.

Esta hipótese pastoral pretende verificar esta possibilidade logo desde o momento em que a oração de Quarta-feira de Cinzas nos sugere «iniciar com este jejum o caminho da verdadeira conversão». Receber com fé as cinzas na Liturgia penitencial da comunidade significa, portanto, inscrever-se na escola de conversão que a Igreja nos propõe no tempo quaresmal. Mas para que a Quaresma não fique letra morta mas seja verdadeiramente a preparação eficaz da Páscoa, tal como a Igreja a quis restaurar nos nossos dias, é necessário que ela seja vivida com verdade e autenticidade.

— Começando pela Quarta-feira de Cinzas, o officio quaresmal não soará hoje aos nossos ouvidos comó uma farsa? Quem está disposto ao jejum, à abstinência, à penitência, no antigo sentido da palavra que implica uma mudança radical da vida quotidianá? Se ninguém pensa já em jejuar, nem sequer em praticar a abstinência, e nada se muda na maneira habitual de viver, então tudo assumirá um aspecto de comédia que priva de seriedade na sua base a totalidade da Quaresma. Como se pode pedir a Deus que abençoe o jejum dos seus servidores quando não se tem a menor intenção de jejuar?

Para podermos voltar a tomar a Quaresma a sério, para podermos voltar a encontrar nela um verdadeiro caminho para a Páscoa, é necessário que o nosso primeiro esforço se encaminhe nesta direcção.

Se a Igreja nos deixa agora mais liberdade para fixarmos nós próprios as formas e os limites da nossa ascese quaresmal, isso não significa um adeus irrevogável às formas de penitência; constitui antes uma ocasião providencial de nos libertarmos da confusão moderna entre espiritualidade e casuística. Não é preciso apertar o cinto durante a Quaresma para evitar o pecado mortal? Tanto melhor, se isso nos ajuda a descobrir que suprimir de vez em quando o supérfluo, e mesmo algo do necessário, é um excelente e muito simples meio de libertar o espírito para Deus. A Igreja propõe-nos somente uma única vigília em todo o ano, e sem carácter obrigatório? É verdade. Mas nós que velamos com tanta facilidade quando queremos ir ao cinema, escutar a rádio, ver a televisão, ou acabar de ler um romance, não seremos capazes, sem que se nos obrigue, de suprimir um pouco do nosso sono para meditar e rezar, para participar numa velada bíblica?

Parece que a restauração da Quaresma deveria ser a restauração da vasta meditação escriturística, apoiada sobre uma ascese generosa, segundo as escolas de S. Leão e de S. Agostinho, que a pregação, as vigílias de oração e reflexão comunitárias e a meditação pessoal de cada um deveriam alimentar e desenvolver.

Sobre esta base as próprias «estações» da liturgia romana voltariam a adquirir o seu sentido, e o aspecto essencialmente baptismal da sua catequese bíblica revestir-se-ia de todas as cristalizações resplandecentes, sem as quais passa despercebido.

Mas isto exigiria, por sua vez, outro esforço de autenticidade. Estas missas quaresmais e estas celebrações da Palavra supõem uma Igreja missionária, ocupada activamente em preparar

o testemunho que vai dar da Ressurreição, agregando novos membros de Cristo, voltando a fazer da celebração pascal uma verdadeira festa da iniciação dos neófitos.

A reforma dos livros está feita. Procuremos passá-la à vida de cada um de nós e das nossas comunidades.

L. RIBEIRO

A Dimensão Penitencial da Quaresma

Era uma vez um homem que vivia à beira de um rio. Alimentava-se de pouca coisa: gafanhotos, e mel que apanhava nas fendas das rochas. Falava como se tivesse fogo a arder no coração. E vinha gente da cidade para ver.

O homem dizia aos que chegavam: «Mudai a vossa vida. Transformai a vossa maneira de pensar. Convertedei-vos» (1) Era o seu refrão. Também anunciava que ia chegar Alguém, o Grande Esperado, que viria como fogo a correr imparável por entre a palha para a queimar.

O homem da beira rio mergulhava nas águas aqueles que queriam deixar a vida velha que levavam e das águas os fazia ressurgir como se os desse de novo à luz para uma vida nova.

O homem chamava-se João Baptista. O rio era o Jordão.

Um dia chegou junto dele o jovem de quem costumava falar aos que vinham escutá-lo. Era Jesus. Depois de falar com João e de ser baptizado, começou a percorrer todo o país. Abordava as pessoas nas praças públicas e dizia-lhes: «Convertedei-vos. Está a chegar um mundo novo, o Reino de Deus». (2)

A gente simples do povo vibrava ao ouvi-lo. Falava-lhes de um tesouro a descobrir, duma pérola rara a comprar, duma semente pequenina e prodigiosa, de um fermento irresistível, de um sal...

À sua passagem cegos começavam a ver, um mudo punha-se a falar, uma rapariguita acordava da morte. Este homem mudava a vida.

Alguns homens endurecidos resistiam-lhe e deixavam crescer o desejo de O matar. Mas eram muitos mais os que se aproximavam

1) Lc 3, 7-14.

2) Mc 1, 15.

d'Ele e ficavam transformados. Zaqueu foi dos primeiros. Um ladrão prestes a morrer o último. Ao escutarem as suas palavras sentiam que já não eram os mesmos. Era como se tivessem nascido de novo.

As palavras d'Ele eram simples. Dizia: «Felizes os pobres, felizes os que têm fome e sede da justiça de Deus, felizes aqueles cujo coração é puro, felizes os que sabem construir a paz, felizes os perseguidos e os maltratados». (3)

Apresentava-os a todos como proprietários felizes da terra e dos céus.

Dizia ainda que tudo se joga no coração dos homens e convidava-os a olhar para o interior de cada um. Mostrava que é louco julgar os outros e que o amor vai até amar aqueles que chamamos inimigos. Ria das riquezas que os homens amontoam, julgando poder dispor delas.

Era um homem duma liberdade nunca vista, liberdade que apontava para um futuro. Ele levava milhares de anos de avanço sobre nós.

Tratava Deus por «Abbá» (= papá) e quando os amigos lhe pediram que os ensinasse a rezar, foram palavras carregadas de esperança as que eles ouviram: «Pai nosso... venha a nós o vosso reino». (4)

Esses dias iniciaram uma nova era da história. A partir deles, em cada geração, milhares de homens e de mulheres escolheram «perder a vida para a ganharem». Terá passado um único dia sem que alguns deixem as suas redes e os seus entravés para seguir Aquele que é «o Caminho, a Verdade e a Vida»? (5)

Jesus dissera: «Eu vim trazer fogo à terra». (6) Ainda hoje Ele continua a ser o incendiário do fogo de Deus.

A primeira Quaresma e o seu mistério

De onde irrompeu esta força criadora de Jesus e esta capacidade de entrega que viria a ter como meta a Cruz e como prémio a Ressurreição?

3) Mt 5, 3-11.

4) Mt 6, 9-10.

5) Jo 14, 6.

6) Lc 12, 49.

Dizem-nos os três evangelistas sinópticos, que logo a seguir ao baptismo, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, onde se entregou a um longo jejum. Temos por isso boas razões para crer que este facto insólito e inesperado esconde em si um mistério, uma realidade sobrenatural relacionada com a fecundidade da vida apostólica que ia seguir-se.

Quarenta anos passara o povo de Israel noutro deserto, procurando o caminho para a Terra Prometida; quarenta dias estivera Moisés no cimo do monte Sinai, jejuando e escutando Deus que lhe revelava as condições em que o povo O devia adorar e cumprir a sua vontade; quarenta dias demorou a marcha de Elias a caminho do Horeb, onde o esperava, como recompensa de suas cansaças, a visão de Deus, enquanto isso é possível neste mundo.

São estes acontecimentos da História da Salvação que nos permitem entrar no segredo da fecundidade da «quaresma» de Jesus. Foram esses mesmos acontecimentos e o seu sentido mais profundo que Ele retomou, reviveu e encheu, para sempre de uma capacidade criadora inesgotável. Por isso «pode dizer-se que Cristo introduziu a tradição do jejum de quarenta dias no ano litúrgico da Igreja, porque Ele próprio jejuou quarenta dias e quarenta noites antes de começar a ensinar. Com este jejum de quarenta dias a Igreja é, em certo sentido, chamada, cada ano, a seguir o seu Mestre e Senhor, se quiser pregar eficazmente o seu Evangelho».

(7)

História de dois jejuns

A vida e os gestos de Jesus, guardados na memória e nos escritos da comunidade cristã, foram sempre a fonte onde ela matou a sede de infinito que a habita. Não admira, pois, que desde os primeiros momentos a Igreja tenha feito dessa vida e desses gestos o objecto da sua contemplação e a escola da sua melhor aprendizagem.

Entre esses gestos ressalta a Morte e Ressurreição de Cristo, que constituem o mistério dos mistérios. Os cristãos ficaram de tal modo fascinados por ele, que não celebravam mais nenhum. Era como se não existisse mais nada nas Escrituras, na Liturgia e na vida da Igreja que valesse a pena. Celebravam-no no rito da Última Ceia, cada Domingo. Era a Páscoa semanal. Fizeram assim

7) João Paulo II, Audiência geral de 28/2/1979.

em todo o século I. A partir do século II sentiram necessidade de celebrar de modo especial o domingo aniversário do grande acontecimento. Era o Dia de Páscoa. Precedia-o um jejum de dois dias. Jejum absoluto. Mas jejum festivo. É o jejum pascal. Começava na Sexta-feira e só era quebrado pela comunhão na grande Vigília.

No século III este primeiro jejum foi precedido de um outro, menos rigoroso, que durava os primeiros dias daquela que hoje chamamos a Semana Santa: «Nos dias da Páscoa, jejuareis desde a Segunda-feira. Só comereis pão, sal e água, à hora nona, até Quinta-feira». (8)

No século IV, e independentemente do jejum pascal, apareceu um jejum de quarenta dias, com a intenção nítida de imitar o jejum do Senhor, no deserto, a seguir ao seu baptismo, mas que depressa tomou a forma de preparação penitencial para a celebração da Morte e Ressurreição de Jesus: «Celebremos a Festa, não com fermento velho». (9) O Concílio de Niceia, em 325, fala já da *quaresma da Páscoa* como tradição estabelecida.

Sem nos demorarmos em pormenores, referimos ainda o jejum intermediário de três semanas, a antecipação do jejum do 1.º Domingo da Quaresma para a 4.ª-feira de Cinzas e o aparecimento da quinquagésima (s. V), da sexagésima (s. VI), e da septuagésima (s. VII), por parecer pouco preparar uma festa que durava 50 dias (Tempo Pascal) com menos dias de jejum. Sinal de que se perdera o sentido do mistério dos quarenta dias de jejum do Senhor, no deserto.

Como jejuavam os cristãos

O jejum da Quaresma fazia-se todos os dias excepto aos Domingos. Abrangia, portanto, quarenta dias e consistia numa única refeição, muito simples, tomada ao pôr do sol. O dia passava-se sem comer nada.

S. Agostinho deixou-nos bastantes pormenores sobre a prática do jejum em Hipona, cidade do Norte de África. Esses homens, na maioria marinheiros, comerciantes e gente do campo, abstinham-se, durante a Quaresma, de ir às termas públicas tomar banho, de comer carne e certos frutos e de beber vinho. Faziam

8) Didascália dos Apóstolos.

9) 1 Cor 5, 8.

refeições à base de legumes, peixe, fruta e pão. Os doentes podiam fixar eles próprios a hora e o tipo de prato e beber um pouco de vinho misturado com água.

Além disso, o Bispo aconselhava as pessoas casadas, de maneira muito delicada mas com insistência, a absterem-se ou a usarem com moderação, durante este tempo, do matrimónio, para se entregarem mais à oração. E acrescentava: «Penso que não será demasiado duro para eles fazer nesses dias solenes de abstinência anual, o que as viúvas professaram fazer numa parte das suas vidas e as santas virgens (= religiosas) aceitaram para sempre». (10) A continência conjugal é escola de auto-domínio, ascese contra o adultério e é possível a todos os casais cristãos, ensinava o Bispo de Hipona.

Uma imagem impressionante da piedade conjugal dos cristãos desses séculos, chegada até nós, mostra o marido e a sua esposa no quarto, de pé junto da lamparina de azeite marcada com as iniciais de Cristo, voltados para o Oriente e rezando os dois, braços abertos e mãos levantadas, como Orantes.

Assim se mantiveram as coisas até ao fim da Idade Média. A partir de então, e até hoje, nunca mais parou de crescer a tendência para a mitigação progressiva da prática do jejum.

A QUARESMA E OS PADRES DA IGREJA

Quaresma e Páscoa

Ler os sermões, as homilias e outros escritos dos Padres da Igreja a propósito da Quaresma é um deslumbramento para o espírito e um rasgar de horizontes para os olhos da fé. Não há reflexão séria sobre tal tema que possa prescindir de um contacto assíduo com o que eles pensaram, disseram e viveram. Eram pastores atentos à saúde espiritual do rebanho que lhes fora confiado e tinham o condão de saberem servir-se da palavra.

Para eles, o principal motivo da importância singular da Quaresma era ser o tempo propício de preparação para a Páscoa. E quando explicavam esse aspecto aos fiéis, a língua falava com ligeireza das coisas que lhes enchiam os corações: «Entre os dias que a devoção cristã guarda de várias maneiras, não existe nenhum

10) S. Agostinho, Sermão 208, 1.

mais excelente do que a festa pascal, que, na Igreja de Deus, torna sagrada a dignidade de todas as solenidades. De facto, nós não ignoramos, caríssimos, que o mistério pascal constitui a principal solenidade cristã. E como esse mistério é mais importante do que qualquer das suas partes, assim o nosso jejum há-de superar o habitual. Foi por isso que o Espírito Santo ensinou o povo cristão a preparar-se para a festa da Páscoa com um jejum de quarenta dias. O auxílio desta santificação é útil e indispensável não apenas aos que, graças à regeneração do baptismo, vão entrar numa vida nova, mas também a todo o povo dos já renascidos; aos primeiros, porque recebem o que ainda não possuem; aos segundos, porque conservam o que já receberam». (11)

Quaresma é um jejum, esmola e oração

A dimensão penitencial da Quaresma, para os Padres da Igreja, identifica-se com o jejum, a esmola e a oração. Não é pois, do sacramento da penitência que eles nos falam, mas do espírito de penitência que se traduz naquelas três obras características da vida cristã. Como nenhum outro o sintetiza S. Pedro Crisólogo: «Oração, jejum e misericórdia, três coisas que são uma só e se vivificam mutuamente. O jejum é a alma da oração, e a misericórdia é a vida do jejum. Quem pratica apenas umas das três, ou não as pratica todas simultaneamente, na realidade não pratica nenhuma delas. Portanto, quem ora, jeje; e quem jejua, pratique a misericórdia. Quem jejua, entenda bem o que é o jejum; seja sensível à fome dos outros, se quer que Deus seja sensível à sua; seja misericordioso, se espera alcançar misericórdia; compadeça-se, se pede compaixão; dê generosamente, se pretênde receber. Façamos destas três virtudes uma única oração sob três formas distintas. Para que o jejum seja aceite a Deus, deve acompanhá-lo a misericórdia; o jejum não dá fruto se não for regado pela misericórdia, seca o jejum se secar a misericórdia; o que a chuva é para a terra é a misericórdia para o jejum». (12)

A Palavra de Deus, pregada depois de interiormente meditada, era semente que eles espalhavam a mãos cheias, na terra dos corações: «Entramos hoje na Quaresma, que se apresenta com a costumada solenidade. É meu dever dirigir-vos uma exortação

11) S. Leão Magno, Sermões 41, 1, 2; 43, 3; 47, 1; 48, 2.

12) S. Pedro Crisólogo, Sermão 43.

também solene, para que a Palavra de Deus alimente o coração daqueles que vão jejuar corporalmente. Deste modo, revigorado o homem interior pelo alimento da Palavra que lhe é próprio, poderá levar a cabo e manter com fortaleza a mortificação do homem exterior». (13)

Jejuar para socorrer os pobres

Se os Padres salientavam a importância do jejum quaresmal como preparação para a Páscoa, não acentuavam menos a sua finalidade social. Jejuava-se por causa de ir em socorro dos mais necessitados. Na linguagem desses responsáveis das comunidades cristãs dos seis primeiros séculos, adivinha-se o fogo do Espírito que os animava interiormente: «Dêmos, nestes dias, esmolas com mais fervor. Acrescente-se ao que já dávamos aquilo que poupamos com o jejum e a abstinência dos alimentos costumados. E se alguém, por doença ou regime alimentar especial, não puder abster-se de nada, mostre a sua piedade dando aos pobres esmola mais generosa. Não desprezemos o nosso Deus necessitado na pessoa do pobre, porque o jejum sem misericórdia de nada serve a quem o faz. Haverá forma mais justa de gastar o que poupais na vossa abstinência do que fazerdes misericórdia? Considerai a quem deveis aquilo de que vos privais, para que a misericórdia acrescente à caridade o que a temperança subtraiu ao comer e assim receba Cristo faminto aquilo que, ao jejuar, o cristão recebe de menos. A mortificação voluntária sirva de sustento a quem nada tem e a escassez voluntária do rico seja a abundância necessária do pobre». (14)

Assim falava Agostinho no Norte de África. E pouco diferente era a linguagem de Leão Magno em Roma: «Nenhuma devoção dos fiéis é mais agradável a Deus do que a dedicação pelos seus pobres, porque nesta solicitude misericordiosa, Ele reconhece a imagem da sua própria bondade. Ninguém receie que estas liberalidades lhes tragam falta de recursos, porque a benevolência é já por si uma grande riqueza e, além disso, nunca os frutos da generosidade escasseiam onde Cristo alimenta e é alimentado. Quem dá esmola, faça-o, pois, com alegria e confiança. Além disso, beneficiamos a nossa própria alma cada vez que socorremos a in-

13) S. Agostinho, Sermão 205, 1.

14) S. Agostinho, Sermões 206, 2; 207, 1; 208, 2; 209, 2. 210, 12.

digência alheia e damos a nós mesmos o que distribuimos aos pobres, pois deposita no céu o seu tesouro quem alimenta a Cristo no pobre. Aquele que dá bens temporais, torna-se herdeiro de bens eternos. Quem der uma porção dos seus recursos, saiba que é ministro da misericórdia de Deus e que os pecados que são lavados pelas águas do baptismo e pelas lágrimas da penitência, são também apagados pelas esmolas». (15)

Quanto a nós, foi, porém, S. Agostinho, que encontrou um dia a mais cristã das maneiras de falar da esmola, fruto do jejum quaresmal. Disse assim: «Esmola é um termo grego que significa misericórdia. Que misericórdia maior podia descer sobre nós do que aquela que fez baixar do céu o Criador do céu? Exercitemos, pois, o dever da esmola tanto mais generosa e frequentemente, quanto mais se aproxima o dia em que celebramos a esmola que se nos fez a nós.» (16)

A oração, alma do jejum e da esmola

O Senhor nunca separou, no seu ensino, o jejum, a esmola e a oração. Os Padres da Igreja andaram na escola do Mestre. Foram seus alunos. Aprenderam bem o que ouviram. E souberam transmiti-lo com fidelidade.

Transmitiram que a oração é a primeira actividade da Quaresma e a Quaresma verdadeiro tempo de renovação anual da oração. Se esses quarenta dias de jejum exigem a oração para lhes dar espírito evangélico, o jejum e o amor fraterno que se exprime na esmola dão qualidade e força à oração.

Para S. Agostinho a Quaresma deve ser, antes de tudo, um tempo de oração mas é também aquele que mais enriquece e afina a oração, porque lhe dá o alimento de que ela tem necessidade para se elevar: «Nestes dias, as nossas orações hão-de ser mais fervorosas. E para que sejam auxiliadas com os apoios necessários, dêmos também esmolas com mais fervor. Juntemos às nossas orações a esmola e o jejum, quais asas da piedade com as quais podemos chegar a Deus mais facilmente. Do mesmo modo que alcançamos disposição para orar mediante a esmola e o jejum, assim também a nossa oração se converte em esmola quando se eleva não só

15) S. Leão Magno, Sermões 6 e 10 sobre as Colectas; e 10 e 11 sobre a Quaresma.

16) S. Agostinho, Sermão 207, 1.

pelos amigos, mas também pelos inimigos. Na medida em que tendes caridade, exercitai-a vivendo bem, e na medida em que vos falta, consegui-a pela oração.» (17)

Só se fala bem do que bem se conhece. Estes pastores da Igreja eram homens de oração. A boca falava da abundância da alma. E da experiência pessoal que o contacto íntimo com a Palavra de Deus neles ia enriquecendo. Só assim se compreende que um deles se exprima deste modo: «A oração é um bem incomparável, porque nos põe em comunhão íntima com Deus. Falo da oração que não se limita a uma atitude exterior, mas brota do íntimo do coração; que não se limita a determinados momentos ou ocasiões, mas se prolonga dia e noite e se eleva no meio das mais variadas tarefas, como o cuidado dos pobres, as obras úteis de misericórdia ou quaisquer outros serviços ao próximo, pois é preciso conservar sempre viva a aspiração e lembrança de Deus, a fim de todas nossas obras serem condimentadas com o sal do amor de Deus. A oração é luz da alma, mediação entre Deus e os homens. Por meio dela, a alma é elevada até aos céus. A oração é venerável mensageira que nos leva à presença de Deus, alegre a alma, tranquiliza o coração. Refiro-me evidentemente à oração que não consiste apenas em palavras. Se o Senhor concede a alguém o dom da oração, é uma riqueza inestimável e um alimento celeste que sacia a alma; quem chega a saboreá-lo, sente-se abrasado no desejo eterno do Senhor. Se queres ver restaurada em ti aquela morada que Deus edificou no primeiro homem, adorna a tua casa com a modéstia e a humildade, torna-a resplandecente com a luz da justiça, enfeita-a com o ouro das boas obras, e, por cima de tudo, coloca a oração.» (18)

O perdão das ofensas na Quaresma

Os fiéis desses tempos eram, humana e espiritualmente, parecidíssimos com os que encontramos hoje, ao nosso lado. Não admira, por isso, que nos toque a pertinente actualidade do que os Padres da Igreja dizem, quando lhes recordam as fraquezas em que não conseguiam deixar de cair, particularmente as que tinham origem nas relações sociais de uns com os outros.

A Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa, era ocasião entre todas apropriada para falar da urgência do perdão mútuo: «Ao aproximar-se a Páscoa, celebramos a reconciliação rea-

17) S. Agostinho, Sermões 206, 2; 207, 3; 209, 1. 2.

lizada por Deus com o mundo em Cristo. Se existe alguma inimizade, que ao menos nestes dias deixe de existir. Resida nas vossas almas a misericordiosa disponibilidade para o perdão. Sejam vossos jejuns livres de querelas, gritos e mortes. E que dizer daquela obra de misericórdia que não consiste em tirar nada da dispensa nem da carteira, mas em extrair do coração a ira ou a má vontade que aí cresce contra alguém? Se a ira aí permaneceu até hoje, expulsai-a, agora que se aproxima o dia da Paixão do Senhor, que não se encolerizou contra os que O matavam, mas por eles suou e derramou o seu Sangue. Lançai-o fora para que a vossa oração avance segura, sem tropeçar nem cair.» (19)

Na cidade de Roma, os papas mostram conhecer, como nenhum outro pastor, as dificuldades do rebanho. Não há fraqueza que eles ignorem nem doença que não se proponham tratar. A Quaresma é, para isso, tempo propício: «Aquilo que cada cristão deve praticar em todo o tempo, pratique-o nestes dias com maior solicitude e devoção, para que se cumpra a santa instituição apostólica do jejum quaresmal, que consiste não só na abstenção de alimentos, mas também e sobretudo em abster-se do pecado. O nosso jejum não será proveitoso ao espírito se a mente se não converter da iniquidade e a língua não reprimir a calúnia. Inspeccione-se a alma cristã. Submeta o íntimo do coração a severo exame. Verifique se alguma discórdia não ficou lá dentro, se não existem restos de cobiça. Abrande-se a soberba, emende-se a cólera, partam-se os dardos das maldades, domine-se a difamação da língua. É difícil não ter alguém em si algo que aniquilar. Será necessário mortificar a soberba, destruir a luxúria, cavar bem fundo à procura da raiz da avareza. Enquanto nos preparamos para celebrar a Páscoa do Senhor, aplaquem-se as ordens severas aos subordinados, cessem as vinganças, os réus de crimes alegrem-se por terem chegado os dias em que cessa a austeridade das penas públicas. Se alguns estiverem exasperados por uma ofensa, esforcem-se por voltar à unidade da concórdia. Apagai pela paz as inimizades quotidianas. Nós, que precisamos dos remédios de uma indulgência diária, não criemos dificuldades em perdoar os pecados alheios. Cumpriremos o jejum de quarenta dias, não só pela sobriedade de alimentos, mas sobretudo pela abstenção dos vícios.» (20)

18) S. João Crisóstomo, Homília 6 sobre a Pregação.

19) S. Agostinho, Sermões 208, 1-2; 209, 1; 210, 12.

20) S. Leão Magno, Sermões 39, 5-6; 42, 2; 44, 2-3; 45, 4.

Mas nesta ciência tão difícil de esquadriñar os meandros da alma humana e de encontrar as palavras certas para cada situação, poucos atingiram as alturas inacessíveis dessa águia do pensamento que foi S. Agostinho, pelo que, apesar da sua extensão, vale a pena transcrever parte do sermão sobre a concórdia fraterna e o perdão das ofensas, pregado na Quaresma do ano 410: «Estes dias santos em que nos entregamos às práticas quaresmais, convidam-nos a falar-vos da concórdia fraterna, a fim de que os que têm alguma queixa contra outro acabem com ela antes que ela acabe com eles. Não deiteis estas coisas em saco roto, meus irmãos. É muito humano irritar-se, mas a tua irritação não deve converter-se em ódio. Quem odeia o seu irmão caminha, sai, entra, move-se sem estar preso em nenhum cárcere, e contudo está preso pela culpa. Não pense que está livre da cadeia; a sua cadeia é o seu coração. Talvez tenhas sido tu a ofender! Queres reconciliar-te e dizes: — «Irmão, perdoa-me a ofensa que te fiz». Mas ele não quer perdoar-te! A esse digo eu: como te atreves a dizer: «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido?». Quanto a ti que pediste perdão vou consolar-te. Se o fizeste com todo o coração, com autêntica humildade, com caridade não fingida, não te preocupes. Parece-me, contudo, que são mais aqueles que ofendem e se recusam a pedir perdão. Não se envergonharam de pecar e envergonham-se de pedir perdão. Não sentiram vergonha de cometer a maldade e sentem-na perante a humildade. A estes se dirige a minha exortação. Os que estão em discórdia com seus irmãos e se examinam sobre o que fizeram e disseram, peçam perdão. Não se envergonhem. Digo-o a todos, homens e mulheres, pequenos e grandes, leigos e clérigos e inclusivamente a mim mesmo. Escutemos todos, temamos todos. Falta-me dirigir-me àqueles que foram ofendidos e a quem os irmãos que ofenderam não querem pedir perdão. Que haveis de fazer? Ireis vós pedir perdão a quem vos ofendeu? De modo nenhum. Não quero que mintas. Tens a certeza que foi o teu irmão que te ofendeu? — Tenho, respondes tu. Então descansa a tua consciência. Não vás ter com o irmão que te ofendeu e menos ainda pedir-lhe perdão. A ti basta estar disposto a perdoar de todo o coração. Se estás disposto, já perdoaste. Reza por ele para que te peça perdão e para que descubra que é perigoso para ele não to pedir. Recordei-vos o que deveis fazer, juntamente comigo, nestes dias de jejum. Eu que fico triste com as vossas discórdias, possa alegrar-me com a vossa paz. Celebremos com confiança

a Páscoa, celebremos com confiança a Paixão daquele que, sem dever nada, pagou a dívida em vez dos devedores. Refiro-me a Jesus Cristo, o Senhor, que a ninguém ofendeu e a quem quase todo o mundo ofendeu, e que em vez de exigir tormentos prometeu prêmios.» (21)

A penitência sacramental nos seis primeiros séculos da Igreja

Nós não sabemos qual foi a primeira forma litúrgica do perdão dos pecados na Igreja, nem a frequência com que os cristãos o recebiam. Apenas sabemos que eles pecavam, como nós todos pecamos. Embora usassem o nome de *santos*, no meio deles havia alguns que eram grandes pecadores. Basta, para disso nos convenceremos, ler os Actos dos Apóstolos ou as Cartas de S. Paulo.

Mas aí pelos meados do século II (cerca de 150), um testemunho garante-nos que os fiéis que depois do baptismo voltavam a pecar gravemente, tinham ainda uma tábua de salvação, um meio, embora penoso, de obter o perdão uma segunda vez. Como se fosse um segundo baptismo. Chamou-se-lhe *Ordem dos Penitentes*, *penitência antiga* (para a distinguir daquela que hoje nos é familiar), *penitência canónica* (para a contrapor à penitência que cada fiel deve fazer pelo jejum, pela esmola e por todas as obras de misericórdia) e *penitência pública* (porque os actos litúrgicos que a integravam eram feitos diante da comunidade). Por ela se perdoavam, mas uma vez na vida, todos os pecados, por mais graves que fossem, cometidos depois do banho baptismal, que nos primeiros séculos se recebia, regra geral, na idade adulta, após um catecumenado que poderia ir até três anos.

Teve grandes adversários esta instituição penitencial. Um dos mais violentos foi Tertuliano. Mas as invectivas furiosas dos rigoristas, que contestavam, não o direito mas a legitimidade e a vantagem pastoral da Igreja perdoar os pecados mais graves, principalmente o adultério e a apostasia, nunca conseguiram fechar esta porta de perdão.

A penitência antiga era uma celebração comunitária do amor misericordioso de Deus. O bispo era o seu grande responsável. A ele recorria o culpado de pecados graves. Não sabemos se lhe dizia pormenorizadamente o pecado ou os pecados graves que cometera. S. Agostinho diz: «Existe uma pequena palavra de três

21) S. Agostinho, Sermão 211, 1-6.

silabas, *peccavi*, que basta para acender no coração a chama do sacrifício» (22).

O objecto desta penitência eram apenas os pecados graves do domínio público, como por exemplo o adultério conhecido por toda a gente, a convivência com heréticos, as blasfêmias contra as coisas santas, a apostasia da fé católica e os crimes do foro civil tais como o assassinio ou as desordens graves que provocassem derramamento de sangue.

O seu início foi fixado em 4.^a feira de Cinzas.. Os penitentes envergavam uma roupa especial que passavam a usar enquanto durasse a sua permanência na Ordem dos Penitentes e recebiam cinza na cabeça. A seguir procedia-se à sua expulsão da Igreja, o que era feito com bastante dramaticidade. O cumprimento da penitência podia durar meses, um ano ou vários anos.

A afirmação de S. Paulo segundo a qual Deus reconciliou consigo todos os homens pela morte e ressurreição de Cristo, deve ter contribuído para que a Noite Pascal aparecesse muito própria para admitir à comunhão os pecadores que tinham terminado o seu tempo de penitência. A Quaresma preparava-os para essa reconciliação que, em Roma, acontecia na manhã de 5.^a feira Santa. Um diácono pedia ao Papa para admitir os pecadores à reconciliação, único meio de reintegrar os penitentes na comunidade de que tinham sido expulsos e de lhes obter e garantir o perdão de Deus, manifestado na palavra do bispo.

Um cristão só podia recorrer a esta penitência uma vez na vida. Se voltasse a cair em pecado grave conhecido, a Igreja nada mais podia fazer do que entregá-lo à misericórdia divina. Mas nunca mais o reconciliava liturgicamente. Um tal rigor por parte da Igreja aliado à experiência da fraqueza humana, levaram os fiéis a aguardar a hora da morte para pedirem esta penitência, a única que a Igreja conheceu e praticou até ao século VI.

Os cristãos que levavam uma vida normal e não cometiam pecados públicos graves, mas apenas faltas quotidianas de fraqueza, confessavam-se pecadores de forma genérica, batendo no peito ao dizerem as palavras do Pai nosso «perdoai-nos as nossas ofensas» ou outras semelhantes e praticavam obras de misericórdia, porque essas obras cobrem a multidão dos pecados. Os bispos não se cansavam de repetir que Deus perdoa este género de pecados àqueles que rezam, jejuam e dão esmolas.

22) S. Agostinho, Sermão 393, 39.

A severidade desta penitência e a sua não reiterabilidade fizeram com que os cristãos a não procurassem. E ela acabou por desaparecer a pouco e pouco. A partir do século VI, dela ficou apenas o rito da imposição das cinzas na Quarta-feira do início da Quaresma, já não reservadas só aos penitentes públicos, que tinham desaparecido, mas dadas a todos os fiéis.

A PENITÊNCIA QUARESMA NA LITURGIA RENOVADA

Foi assim, noutros tempos, a Quaresma cristã. Será bom que volte a sê-lo? Será possível? O que pensa a Igreja sobre isso? O que propõe ela aos cristãos, hoje, na liturgia renovada? Como falam da penitência quaresmal os papas dos tempos de hoje?

Concílio e reforma da penitência quaresmal

A Constituição «Sacrosanctum Concilium» foi o ponto de partida da maior de todas as reformas litúrgicas da Igreja. Relativamente ao aspecto penitencial da Quaresma decidiram os Padres conciliares que ele fosse posto em maior realce utilizando mais elementos penitenciais, ouvindo com mais frequência a palavra de Deus, fazendo a catequese da natureza própria da penitência, aprofundando o papel da Igreja na acção penitencial, concretizando formas de penitência externas e sociais no tempo da Quaresma, estimulando práticas de penitência adaptadas ao nosso tempo, insistindo na oração pelos pecadores e fazendo de Sexta-feira Santa um dia de jejum pascal. (23)

A estas grandes orientações conciliares seguiram-se os trabalhos da reforma dos livros litúrgicos, nomeadamente do Missal, da Liturgia das Horas e do Ritual da Penitência, nos quais encontraram concretização o enriquecimento dos respectivos Leccionários, a catequese sobre a natureza da Penitência e do papel da Igreja no perdão dos pecados, a abertura de perspectivas novas quanto a outras formas de penitência externas e sociais no tempo da Quaresma e a reestruturação das celebrações penitenciais sacramentais e não sacramentais.

Este extraordinário conjunto de reformas e perspectivas demonstra, como o salientou o Papa Paulo VI, «que a antiga celebração da Quaresma não é coisa de tempos passados, fossilizada em determinadas formas exteriores, mas realidade viva, actual,

23) cf. Constituição Litúrgica 109.

própria para nós, homens do nosso século, tão necessitados de nos encontrarmos a nós próprios, a Deus e à Igreja no mistério pascal de Cristo Senhor». (24)

Celebração penitencial no início da Quaresma

A Liturgia de Quarta-feira de Cinzas é uma verdadeira celebração penitencial comunitária. A bênção e imposição das cinzas podem fazer-se na missa ou numa liturgia da palavra. No primeiro caso omite-se o acto penitencial e no segundo convém utilizar as leituras e orações previstas para a missa.

Orar, escutar a Palavra de Deus, receber as cinzas com sentimentos de humanidade, jejuar e abster-se de certos alimentos é isso acolher a graça própria do início da Quaresma. A este conjunto de gestos e atitudes interiores e exteriores poderá acrescentar-se ainda a celebração comunitária do próprio Sacramento da Penitência, ou guardá-la para mais tarde, no decorrer do Tempo da Quaresma, como o prevê o Ritual da Penitência: «O Tempo da Quaresma convém maximamente à celebração do Sacramento da Penitência, porque já no dia das Cinzas ressoou o convite solene diante do povo: 'Converti-vos e acreditai no Evangelho'». (25)

Estas palavras que acompanham o rito da imposição dizem onde o jejum e a penitência quaresmais querem levar os cristãos. Converter-se e acreditar no Evangelho para chegar de coração purificado às celebrações do mistério pascal e para acolher com alegria a oferta do perdão dos pecados, é a meta a atingir por toda a comunidade.

É certo que a palavra conversão não é simpática. Faz pensar em austeridade e renúncia. E contudo Jesus utilizou-a desde o primeiro momento da sua vida pública: «Converti-vos, porque está próximo o reino dos céus». Muito do que Ele ensinou foi para tornar claro o conteúdo da conversão evangélica, que consiste em rasgar o coração em vez das vestes, em ter mais em conta o que sai da boca do que o que por ela entra, e deixar tudo para seguir Jesus e servir o Pai, em vender o que se possui para comprar um campo onde sabemos que existe um tesouro escondido.

A conversão é dom de Deus acolhido pelo homem, pelo que ninguém se converte apenas por suas forças. Somos convertidos

24) Paulo VI, Audiência geral de 19/2/1969.

25) Ritual da Penitência, 13.

por Deus. Por isso se pode dizer que converter-se é deixar-se voltar cada dia para Deus e dizer não àquilo que afasta d'Ele. Cada dia, porque a conversão nunca está terminada. Pode sempre voltar-se para trás. Converter-se é dar-se conta do que se viveu e recomeçar outra vez, é partir de novo, com decisão, para alcançar a meta.

A própria Igreja tem de se deixar converter para permanecer fiel Àquele que a quer santa. As conversões dela são símbolo das nossas. Não importa o que fica para trás. Só importa ouvir o convite sempre repetido: «Convertei-vos» (26). É esse o sentido da liturgia de Quarta-feira de Cinzas, em todas as orações e na Liturgia da Palavra, onde o profeta Joel convida todo o povo para uma celebração comunitária da penitência, São Paulo exorta os fiéis a deixarem-se reconciliar com Deus pois chegou o tempo favorável e Jesus, no Evangelho, recorda o espírito com que se deve dar esmola, orar e jejuar, «a fim de que livres de todo o pecado, nos preparemos para celebrar fervorosamente a sua Paixão». (27)

Os domingos da Quaresma

Os elementos penitenciais de que fala a Constituição Litúrgica (SC 109) foram utilizados principalmente nos domingos da Quaresma, por ser neles que se reúne a comunidade dos fiéis para a mais importante liturgia semanal.

Tais elementos aparecem sobretudo nos respectivos Evangelhos, que se agrupam em duas séries. A primeira abrange o 1.º e o 2.º domingos, nos quais se lêem, segundo os três Sinóticos, as narrações do jejum de Jesus no deserto e da sua transfiguração, e que põem em evidência o jejum, a luta contra o mal, a palavra de Deus que faz viver o homem e o leva à transfiguração e à iluminação divina.

A segunda série de Evangelhos é orientada para a preparação dos catecúmenos e para a profissão de fé dos fiéis na noite pascal. São os três grandes Evangelhos da Samaritana, do Cego de nascença e da ressurreição de Lázaro (Ano A), da exaltação de Cristo pela sua elevação na Cruz (Ano B) e da revelação da misericórdia do Senhor (Ano C). Nesta segunda série, os elementos penitenciais do Ano A aparecem figurados na *sede* do deserto e na fonte de água viva que corre para a vida eterna (3.º domingo),

26) Mc 1, 15.

27) Super oblata de 4.ª-feira de Cinzas.

nas *trevas* do cego de nascença e na luz que para ele brilhou quando foi lavar-se à piscina (4.º domingo) e na *morte* de Lázaro e sua ressurreição por Jesus passados que eram já quatro dias (5.º domingo).

Os cinco domingos da Quaresma são outros tantos patamares de uma escada com quarenta degraus, através dos quais o povo de Deus sobe cada ano em direcção à noite santa da Páscoa, onde vai encontrar-se com a força renovadora da ressurreição de Cristo que lhe mata a sede, lhe abre os olhos para a luz da fé e de novo lhe dá a vida divina.

Os Papas interpretam a Quaresma

Nenhum comentário da Liturgia da Quaresma é mais autorizado do que o do Papa Paulo VI, grande responsável pela sua reforma. Assim se exprimia ele em 1969: «A 'metanoia' do Evangelho é mudança interior, é conversão do coração, é disposição misteriosamente inspirada pela graça, que nos abre ao reino de Deus. Quando falamos de penitência, o pensamento corre para as práticas de mortificação e de caridade, que imprimem na alma e exprimem na acção aquele sentimento de mudança espiritual em que consiste a penitência. É esta atitude espiritual que vale mais do que todos os actos exteriores de penitência e que, se realmente faltasse, deixaria os actos exteriores vazios de sinceridade e sem qualquer valor. Depois, dizendo penitência, pensamos no sacramento que tem esse nome e nos confere a graça própria da penitência, a reconciliação com Deus e a comunhão da sua presença sobrenatural em nós, mediante o ministério conferido por Cristo a Pedro e aos Apóstolos, o poder de perdoar os pecados sempre que a fé e o arrependimento tornam possíveis a sua eficácia. Neste conjunto de doutrina, de actos penitenciais, de prática sacramental, de humildade justa e verdadeira, se contém aquilo que há de mais precioso na prática da vida cristã» (28).

Durante o seu pontificado Paulo VI entendeu que era importante fazer, todos os anos, a catequese da Quaresma, à qual chamou período de especial intensidade espiritual e de convite à conversão (1973), (29) tempo de conquista ou de reconquista do paraíso perdido, de descobrir que somos gente pobre e de repartir

28) Paulo VI, Audiência geral de 19/2/1969.

29) Paulo VI, Angelus de 11/3/1973.

com os mais pobres, de querer sinceramente que a ninguém falte o necessário, mesmo à custa de sacrifícios pessoais (1974), (30) período de primavera espiritual, fruto de oração mais assídua e meditada, tempo de descoberta da liturgia como mina riquíssima de tesouros sempre fecundos de renovação e também de um pouco de austeridade e de algumas renúncias e mortificações, de fé humilde na bondade de Deus e no mistério da cruz (1975), (31) tempo de iniciação à sabedoria do mistério pascal (1976), (32) tempo favorável para descobrir que não basta fazer afirmações de princípio, mas que é urgente ir ao encontro de Lázaro pobre, que sofre a miséria e a fome (1977), (33) tempo que nos aproxima de Cristo e por meio d'Ele nos aproxima uns dos outros, no qual se aprende a pôr de lado aquilo que é possível a cada um poupar, para o oferecer em colecta comum de partilha fraterna, período de preparação sacramental dos catecúmenos para o baptismo e dos já baptizados para a recordação e renovação do primeiro e grande sacramento, tempo de reconciliação sacramental que dá paz à consciência e restitui à amizade com Deus e que tem a sua coroa na comunhão com Cristo, nossa Páscoa imolada, tempo em que a proclamação e a escuta da Palavra divina se torna mais assídua e mais atenta, e em que a lâmpada da oração, por misterioso encontro com o Espírito, se reacende, tempo de austeridade pessoal no alimento, no descanso e no trabalho, de caridade pelo próximo, pelos que sofrem, pelos que têm necessidade de ajuda, pelos que esperam o nosso socorro ou o nosso perdão, período litúrgico que nos traz o alegre anúncio de que Deus não Se resignou à falência da sua criatura, mas a restaurou ao aniquilar definitivamente o poder do pecado. A Quaresma é, no dizer do Papa, verdadeira estrada da Vida pascal (1978). (34)

A seguir foi João Paulo II que retomou o ensino do seu antecessor. Para ele a Quaresma é um chamamento anual dirigido à Igreja para seguir o seu Mestre no jejum e na penitência, para entrar em si mesma se quiser pregar eficazmente o seu Evangé-

30) Paulo VI, Audiência geral de 27/2/1974.

31) Paulo VI, Angelus de 16/2/1975.

32) Paulo VI, Homilia de 3/3/1976.

33) Paulo VI, Angelus de 20/2/1977.

34) Paulo VI, Anúncio da Quaresma de 8/2/1978; Homilia de 8/2/1978; audiências gerais de 22/2/1978, 28/2/1978 e 1/3/1978.

lho, e Jesus Cristo a sua mais sublime graça (1979), (35) é tempo de conversão e ressurreição (1980), (36) de verdade profunda que faz reflectir sobre as nossas relações com o pai e nos leva a parar na estrada, como o Bom Samaritano, a reconhecer o nosso irmão e a pôr o nosso tempo e os nossos bens ao seu serviço (1981). (37)

Limitámo-nos a citar quase só os títulos das homilias e mensagens papais do Tempo da Quaresma. Mesmo assim, a sua leitura não deixa de impressionar pela variedade de temas e riqueza catequética. As citações em nota permitirão um eventual contacto dos leitores com os textos integrais.

Partilha fraterna, flor do espírito de penitência

De nenhum outro tempo litúrgico os últimos Papas têm falado com tanto empenho como da Quaresma. Uma das razões estará, talvez, nos sinais de crise que ela apresenta. Falar muito da Quaresma significa, em primeiro lugar, que a sua saúde não vai bem.

Mas pensamos que não menos decisiva é a tomada de consciência dos graves problemas que afligem a humanidade, principalmente o da fome. É aliás sobre esse tema que os Papas mais insistem, e as suas palavras cheias de angústia encontram eco nos Bispos e nos movimentos da Igreja que promovem ano após ano campanhas de partilha e solidariedade para ir em ajuda dos que mais privações sentem.

Entre nós, a diocese de Lisboa foi a primeira a destinar as suas últimas colectas quaresmais às Igrejas dos novos países africanos de expressão portuguesa. A propósito do significado de tais gestos de partilha escrevia recentemente o Bispo da diocese de Bissau: «...Vejo nisto um motivo de grande alegria, pois a Igreja de Lisboa demonstrou ter encarado profundamente o ideal evangélico de amor ao próximo e a Deus como uma só coisa... ideal evangélico concretizado nas obras de caridade em favor dos mais desprotegidos humanamente... e tudo isto como meio de santificação pessoal, actuado na Quaresma, sinal da própria conversão... e de arrependimento satisfatório dos próprios pecados... A vossa ajuda tão generosa faz-me lembrar as palavras do Apóstolo S. Paulo: 'Queremos dar-vos a conhecer, irmãos, a graça que Deus concedeu

35) João Paulo II, Audiência geral de 28/2/1979.

36) João Paulo II, Homília de 20/2/1980.

37) João Paulo II, Anúncio da Quaresma de 4/3/1981.

às Igrejas da Mecedónia. No meio de grandes tributações, com que foram provadas, espalharam generosamente e com transbordante alegria, apesar da sua extrema pobreza, os tescuros da sua liberalidade. Sou testemunha de que, segundo as suas posses e além das suas posses, eles contribuíram espontaneamente... E, ultrapassando as nossas esperanças, deram-se a si mesmos, primeiro ao Senhor, depois a nós' (2 Cor. 8, 15). (38)

Outras dioceses optaram pela criação de fundos destinados a acudir a famílias de trabalhadores em maiores dificuldades económicas, resultantes de desemprego ou de salários em atraso. Era esse o espírito da penitência quaresmal da Igreja dos primeiros séculos. Graças a Deus que volta a ser o da Igreja contemporânea, que não cessa de converter-se à Palavra do Senhor: «Aquele que tiver bens deste mundo, e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como estará nele o amor de Deus?» (39)

Das campanhas a nível internacional falam com frequência os meios de comunicação social. No anonimato ficam as acções socio-caritativas das pequenas ou grandes comunidades paroquiais ou outras onde se constata a explosão de uma verdadeira primavera de generosidade, sinal de que a Quaresma é tempo propício para o desabrochar dessa flor da penitência que se chama hoje *partilha fraterna*, e que a Bíblia e a Tradição da Igreja preferiram chamar *caridade*.

Celebrações penitenciais e penitência sacramental na Quaresma

A Quaresma é, de modo particular, tempo de penitência, de reconciliação, na medida em que ela prepara os cristãos, de modo imediato, para a Páscoa do Senhor, Cordeiro imolado pelos nossos pecados. O ponto culminante do Tríduo Pascal é a participação no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo na Vigília pascal em pureza de consciência. Não admira, por isso, que a Quaresma seja esse tempo favorável de que fala uma antífona da Liturgia das Horas: «Chegarem os dias da penitência: confessemos nossos pecados e salvaremos nossas almas. (40)

38) Carta do Bispo de Bissau ao senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, publicada na «Voz da Verdade» de 14/10/1984.

39) 1 Jo 3, 17.

40) Liturgia das Horas, antífona da Hora Intermédia do Tempo da Quaresma.

Quem diz confessar os pecados, diz descobri-los à luz da Palavra de Deus, em celebrações penitenciais comunitárias ou em momentos de oração pessoal e de sério exame de consciência. É esse o primeiro tempo da conversão evangélica. Entrar em si. Deixar que a Palavra nos julgue. Vale mais sermos julgados por ela do que pelos homens. A Palavra julga para libertar, para perdoar; nunca para condenar. É por isso que a Liturgia propõe leituras da Palavra de Deus mesmo aos penitentes que se abeiram do Sacramento da reconciliação individualmente.

Confrontar a vida que se leva com a Palavra revelada faz-nos cair na conta da distância que existe entre o que desejaríamos ser e aquilo que realmente somos, conclusão idêntica àquela a que chegava o Apóstolo S. Paulo e o levava a confessar que muitas vezes fazia o mal que detestava e deixava de fazer o bem que amava. Confessar isso, com simplicidade, com vontade de mudar, é o segundo tempo da conversão evangélica.

Por intermédio da Igreja, Deus responde ao penitente que descobriu o seu pecado, o chorou e o confessou. Responde-lhe com o perdão. Sempre. Mesmo que alguém peque setenta vezes sete, a única palavra que ouvirá da boca de Deus será esta: «Vai em paz. Os teus pecados estão perdoados. Não voltes a pecar». (41)

É isso que falta. Não voltar a pecar. Proposta de Deus a cada homem, a cada mulher. Quando será assim?

Cada ano volta nova Quaresma que prepara para nova Páscoa. Até chegarmos à Páscoa eterna, onde não haverá necessidade de mais perdão.

CONCLUSÃO

Um dia, um homem inventou o fogo. E os outros homens viram começar uma vida nova. Durante muitos séculos tinha-se olhado para o fogo com terror. Ele caía do céu, ele matava e queimava, ele obrigava a fugir. Mas um dia o fogo foi aprisionado pelas mãos do homem e tornou-se seu companheiro. Morou na sua casa. E com o fogo ele fabricou os metais, cozeu o pão, alumiu e aqueceu as noites escuras e frias do inverno.

Um outro dia apareceu na Palestina o Filho de Deus que

41) Jo 7, 11.

disse: «Eu vim trazer fogo à terra e só quero que ele se incendeie». E os outros homens viram começar um mundo novo iluminado e aquecido pelo fogo do Espírito de Deus.

Esse fogo repartiu-o a Igreja, através da sua liturgia, ao longo do ano. O seu centro mais incandescente é o Tríduo Pascal da sacratíssima Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Tão quente, tão brilhante, que o seu fulgor enche de luz os 50 dias que se seguem, o Tempo Pascal.

A Quaresma é o tempo da preparação do fogo e do incêndio. É que o Tempo da Quaresma faz parte da solenidade pascal. A solenidade pascal é mais que o dia de Páscoa e a Quaresma só tem sentido quando bem integrada nela.

P.^E JOSÉ DE LEÃO CORDEIRO

Dimensão Baptismal da Quaresma

INTRODUÇÃO

Escolheu o Secretariado Nacional da Liturgia para tema das Semanas de Pastoral Litúrgica de Fátima nestes três últimos anos o ciclo da Páscoa. Foi assim que há dois anos estudámos o *Tríduo pascal*, o ano passado, o *Tempo pascal*, e este ano estamos estudando o tempo da preparação pascal, ou seja, a Quaresma. A ordem pela qual se têm estudado estes temas não tem sido a mesma que se observa na celebração, mas é a ordem pela qual eles são apresentados no *Calendário Romano* (1) e a que melhor corresponde à importância relativa destes tempos litúrgicos. O Tríduo pascal é o centro e o vértice de todo o ano litúrgico, o tempo pascal, o seu prolongamento, a Quaresma a sua preparação. Optou-se, portanto, por esta ordem, até porque se pensou que ela poderia ser, já por si só, elemento didático e formativo.

Estamos, portanto, com a Quaresma diante de nós. Em relação a este tempo, a reforma da Liturgia, empreendida em consequência do Concílio Vaticano II, fez também certas alterações.

Antes da Quaresma, havia, antes da reforma, o tempo chamado da *Septuagésima*, que compreendia os três Domingos anteriores às Cinzas. Este tempo foi agora suprimido e esses Domingos integrados no Tempo comum.

Dentro propriamente da Quaresma, a correcção certamente mais importante, e que tem muito a ver com o tema que vamos tratar, foi a recondução ao Domingo, das três leituras evangélicas da Samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro, que desde há séculos estavam colocados em dias feriais, isto é,

1) *Calendarium Romanum*, nn. 18-31.

de semana. Estas leituras foram sempre consideradas como as mais importantes da liturgia baptismal da Quaresma.

Foi ainda revisto o sistema de leituras bíblicas da Missa dos dias feriais, em parte como consequência da passagem daquelas três leituras acima referidas da semana para o Domingo, mas também para encontrar a ordem mais normal das leituras bíblicas, sobretudo da leitura do Evangelho de S. João a partir do quarto Domingo, a qual, com o andar dos tempos, tinha sido muito perturbada. Todavia, foi respeitada, tanto quanto possível, a distribuição anterior das leituras.

A designação «domingo da Paixão», aplicada até aqui ao quinto Domingo (2), é agora dada ao sexto Domingo, o Domingo de Ramos ou da Paixão.

Enfim, os limites da Quaresma estão claramente fixados: começa na Quarta-feira de Cinzas termina com a abertura do Tríduo pascal, que se inaugura com a Missa vespertina da Ceia do Senhor na Quinta-feira Santa. Esta pertence ainda, portanto, à Quaresma; é o seu último dia. Tudo isto, apesar de o Missal continuar a referir-se ao I Domingo como o início do tempo da Quaresma como o foi outrora (3). E com razão. De facto, é a partir do I Domingo que se pode contar a série dos 40 dias místicos, de que a Quinta-feira Santa é o último, o quadragésimo ($5 \text{ semanas} \times 7 \text{ dias} = 35 + 5 \text{ dias da primeira parte da Semana Santa} = 40$).

Esta nova organização do Missal é igualmente suposta pelo Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos e ambos se articulam na mesma perspectiva.

A Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, referindo-se ao Tempo da Quaresma, determinou o seguinte:

Ponham-se em maior realce, tanto na liturgia como na catequese litúrgica, os dois aspectos característicos do tempo quares-

- 2) Foi certamente a circunstância de anteriormente se dar o nome de Domingo da Paixão ao V Domingo da Quaresma que levou à escolha desse dia para o Dia Mundial do Doente.
- 3) Assim reza a oração sobre as oblatas do I Domingo: «Senhor, fazei-nos dignos de Vos apresentar estes dons com os quais damos início à celebração deste sagrado mistério»: *ipsius venerabilis sacramenti celebramus exordium*.

mal, que pretende, sobretudo através da recordação do Baptismo ou da sua preparação e por meio da penitência, preparar os fiéis para a celebração do mistério pascal, ouvindo com mais frequência a palavra de Deus e entregando-se à oração com mais insistência. Por isso, utilizem-se com mais abundância os elementos baptismais da liturgia quaresmal e retomem-se, se parecer oportuno, elementos da antiga tradição; o mesmo se diga dos elementos penitenciais...» (SC 109).

São estas as orientações do Concílio, que poderão ser completadas por mais algumas disseminadas por outros lugares do mesmo, sobretudo nos que se referem aos catecúmenos.

Terminado o Concílio, a Igreja logo se apressou a dar cumprimento às determinações do mesmo na reforma litúrgica que tem sido feita e que todos já conhecemos em grande parte. Mas é talvez no que se refere à iniciação cristã, sobretudo dos adultos, e que está tão ligada à Quaresma, que o povo cristão está ainda pouco iniciado. Esta exposição pretende dar algumas achegas nesse sentido. Vamos partir do texto do Concílio atrás citado. Nele se afirma, em síntese:

1. — que a Páscoa é a celebração do Mistério pascal;
2. — que a Quaresma prepara os fiéis para celebrarem a Páscoa;
3. — que esta preparação se faz sobretudo através da preparação para o Baptismo ou da recordação do mesmo, e pela penitência;
4. — que, em ordem a esta preparação, se ponham em realce e se utilizem com mais abundância, na liturgia e na catequese litúrgica, os elementos baptismais da liturgia quaresmal;
5. — que os fiéis escutem com mais frequência a palavra de Deus e se entreguem com mais insistência à oração.

Vamos analisar alguns elementos, embora com perigo de nos repetirmos por vezes em relação ao que já foi dito em anos anteriores.

I

A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL, TERMO DA QUARESMA

É a partir da próxima celebração do Mistério pascal que havemos de entender e celebrar e viver o tempo da Quaresma. Não fosse a celebração dos dias em que o nosso Redentor, pela sua Morte e Ressurreição, nos abriu as portas do Reino dos Céus, e não se teria instituído este tempo de deserto, que os precede e os prepara.

Já por várias vezes se tem insistido no sentido profundo do Mistério pascal. (4) Recordemo-lo rapidamente, porque é ele que dá sentido à Quaresma.

Toda a fé e esperança cristãs repousam sobre o acolhimento dado ao dom pascal, que Deus nos oferece em Jesus Cristo. É Ele o nosso Salvador. Nós somos salvos por Ele. Foi a consagração da sua vida ao Pai, significada no acto supremo do Calvário, que realizou a Aliança nova e eterna entre Deus e os homens e levou os homens à comunhão com Deus.

A fé do cristão não consiste apenas em crer em Deus, em ter a crença em Alguém que está acima de nós, num Deus Criador, porque «afinal este mundo há-de ter uma origem e uma explicação». A fé cristã é a fé nesse Deus Criador e Senhor, mas que Se manifestou aos homens na pessoa de seu Filho feito homem, que Se chama Jesus, e que nós, os cristãos, reconhecemos como o «Cristo», o Ungido de Deus, o Enviado pelo Pai ao mundo, como um dia o proclamou S. Pedro: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16), Aquele que descende «da linhagem de David, filho de Maria, que verdadeiramente nasceu, comeu e bebeu, verdadeiramente sofreu perseguição sob Pôncio Pilatos, foi verdadeiramente crucificado e morto na presença do Céu, da terra e dos abismos, e verdadeiramente ressuscitou de entre os mortos pelo poder do Pai, que também nos há-de ressuscitar a nós que acreditamos n'Ele», como, cerca do ano 107, escrevia S. Inácio, o grande bispo mártir de Antioquia. (5) A fé cristã é a fé em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e a Ele nos conduz, transportados na torrente de vida

4) Cf. em particular o Boletim de Pastoral Litúrgica, nn. 29-31, 33-36.

5) S. INACIO DE ANTIOQUIA, Tral. IX.

que brota da sua Cruz e primeiro se manifestou na sua própria Ressurreição. O Mistério pascal é todo o sentido divino daquela Morte humana, Morte que foi oblação da vida, dada em acto de amor supremo, sob a acção do Espírito Santo. Assim foi a Morte do Filho de Deus; por isso, ela foi a destruição da nossa morte e a origem da vida nova, em que, pela misericórdia de Deus, nos é dado participar.

O Mistério pascal é, portanto, o mistério da passagem da Morte à Vida, do homem para Deus, deste mundo para o Pai (cf. Jo 13, 13), por Cristo, com Cristo e em Cristo. É a Páscoa de Cristo, que há-de ser participada pelos homens.

Esta participação realiza-se particularmente pela Liturgia, porque ela é «o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo, que nenhuma outra acção da Igreja pode igualar». (6)

Todas as acções litúrgicas celebram sempre e só o Mistério pascal, porque nele está a síntese de todo o mistério da salvação, ou talvez melhor, porque ele está em todos os momentos da história da salvação.

Dentro dos diversos tempos litúrgicos, é precisamente o Tríduo pascal, e nele, de maneira particular, a Vigília pascal, o momento culminante da celebração do Mistério pascal. (7) Ora, o objectivo da quaresma é precisamente preparar a celebração do Mistério pascal no Tríduo pascal.

II

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ NA CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

Fazendo a comparação entre a celebração da festa do Natal e a da Páscoa, S. Agostinho diz que o Natal se celebra como uma comemoração e a Páscoa se *celebra nos sacramentos, in mysterio*. (8) Se bem que esta distinção tivesse mais que se lhedissessê, o facto é que a tradição da Igreja, desde as épocas mais remotas,

6) CONC. VAT. II, SC 7.

7) Ib. 106; *Calend. Rom.*, n. 18.

8) S. AGOSTINHO, *Ep. 55 ad Januarium*: «O dia aniversário do nascimento do Senhor não é celebrado misteriosamente (*in sacramento*), mas recorda-se somente o facto do seu nascimento», cit. em *La Maison-Dieu*, n. 59, p. 61.

colocou a celebração dos sacramentos da iniciação na Páscoa, ou melhor, celebra a Páscoa com a celebração dos sacramentos da iniciação: Baptismo, Confirmação e Eucaristia.

O acontecimento histórico de Jesus Cristo, sucedido, de uma vez para sempre, há cerca de 2.000 anos em Jerusalém, não se repetirá mais. Mas ele é o vértice de toda a história da salvação e todos os tempos hão-de beber, com alegria, dessa inexaurível fonte de vida. (9) Os que viveram antes dele, para lá caminharam com fé, em esperança, guiados pela palavra e pelos sinais proféticos da Antiga Aliança; os que vieram depois bebem igualmente da mesma fonte de salvação, agora através da Igreja, sacramento universal de salvação (10) e, na Igreja, por meio de cada um dos diversos sinais sacramentais com que ela vem ao encontro dos homens, nas diversas circunstâncias da vida dos mesmos homens.

Cada sacramento da Igreja é sinal da presença actuante junto dos homens do dinamismo do Mistério pascal de Jesus Cristo, do seu sacrifício redentor.

Ora, o primeiro desses sinais, desses sacramentos, é o Baptismo, «Porta da vida e do Reino», (11) o Baptismo significa directamente a participação na Morte redentora do Senhor, o ser-se sepultado com Cristo na morte: «Ignorais, porventura, que todos nós, que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na sua morte? Pelo Baptismo sepultámo-nos juntamente com Ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminhemos também nós numa vida nova» (Rom 6, 3-4), escreve S. Paulo aos Romanos. (Cf. Col 2, 12). O Apóstolo parece fazer esta catequese, comentando precisamente o rito do Baptismo, que nesse tempo era feito habitualmente por imersão. O Baptismo é, portanto, o sepultar do «homem velho», como o mesmo Apóstolo lhe chama, do Adão condenado a morrer desde o primeiro pecado no paraíso, e o resurgir do «homem novo», do «novo Adão», à imagem de Cristo ressuscitado. (12)

Tudo aparece, de facto, mais claro no Baptismo feito por imersão, como é da tradição antiga e ainda hoje possível e de-

9) Cf. Cântico responsarial da Vigília pascal depois da V leitura.

10) CONC. VAT. II, LG 48; GS 40, 45.

11) Ritual do Baptismo das crianças, Preliminares Gerais, n. 3.

12) Cf. Ef 2, 15; Col 3, 9-10; Rom 5, 12; I Cor 15, 22.

sejável, para que o sinal seja claro, visível, compreensível, como o Concílio o deseja. (13)

O que o sinal sacramental significa, é o que, na realidade, acontece, a saber, a participação actual do cristão na Morte e Ressurreição de Cristo, isto é, no seu Mistério pascal. Aqui começa a vida nova do cristão. Por aqui se faz logicamente a sua iniciação, a sua entrada no mundo novo da Igreja, Corpo místico do Senhor, dos marcados pelo selo do Espírito de Deus, dos convidados para a Ceia das núpcias do Cordeiro, do Cordeiro pascal, imolado à tarde, comido à noite, ressuscitado de manhã, vivo para sempre diante do trono de Deus, no meio da assembleia dos eleitos, intercedendo por nós.

Não admira, pois, que a iniciação cristã sacramental tenha sido colocada na celebração anual da Páscoa.

Este costume não só aparece como conveniência litúrgica, mas chegou a ser até objecto de exigência canónica de muito rigor. Tempos houve em que era raro, e até proibido, celebrar o Baptismo fora da Páscoa. Nalgumas Igrejas, o baptistério chegou a ser fechado no início da Quaresma, para que durante esse tempo não se celebrasse a iniciação cristã, mas se esperasse pela Páscoa. (14) Era medida pastoral inspirada na melhor teologia.

III

PERSPECTIVA BAPTISMAL DA QUARESMA

Já ouvimos noutro lugar (15) como a Quaresma não apareceu ao mesmo tempo que o Tríduo pascal, nem sequer toda ela na mesma altura. Começou até por não ser uma *quarentena*, por não ter quarenta dias; mas, quando apareceu, foi logo como preparação para a Páscoa. A princípio, teve em vista certos grupos especiais dentro da comunidade cristã, os penitentes e os catecúmenos; todos estes se preparavam para a celebração da Páscoa. Essa

13) Cf. Ritual do Baptismo das Crianças, Preliminares Gerais, 22; Ritual da Iniciação dos Adultos, nn. 32, 220, 261; Código de Direito Canónico, c. 854.

14) Assim na Península hispânica: cf. S. ILDEFONSO, *De cognit. baptismi*, 107, citado em M. RICETTI, *Historia de la Liturgia*, trad. esp., 1956, pp. 685-686.

15) Cf. outras conferências desta mesma semana.

preparação, porém, não se limitava, à Quaresma, o que, para eles, teria sido muito pouco. Essa preparação vinha já de longe, por vezes, desde longos anos. Mas a Quaresma era, em cada ano, o último período daquela preparação, quer para os penitentes, que iam ser reconciliados, quer para os catecúmenos, que iam receber o Baptismo.

Penitentes e catecúmenos não são, no entanto, grupos paralelos à comunidade cristã; vivem dentro dela e, até certo ponto, com ela. Por isso, com uns e outros, toda a comunidade caminha e se prepara, ao longo da Quaresma, para celebrar com eles, a Páscoa que vem próxima.

A disciplina da penitência antiga caiu em desuso há vários séculos, e não se prevê que venha a ser, de novo, posta em prática.

Já não assim com a disciplina do catecumenado. Depois de longos séculos de abandono, o catecumenado começou, de novo, a estar em uso, há já algum tempo, sobretudo nas Missões. Depois, também na Europa se ensaiou a restauração do catecumenado dos adultos que se encaminhavam para o Baptismo. O Ritual do Baptismo que esteve em uso até ao nosso tempo ainda continha, embora de maneira muito atrofiada, os antigos ritos do catecumenado, com os quais se tinha feito a preparação dos catecúmenos para os sacramentos da iniciação desde os primeiros tempos da Igreja. Em 1961, olhou-se, de novo, para este Ritual, (que era um resumo, feito no século XVI, do antigo Ritual do catecumenado, repartiu-se o conjunto dos ritos que nele entravam e atribuiu-se cada uma das secções assim encontradas a determinado momento do tempo do catecumenado, ao longo, possivelmente de vários anos, para ser assim posto em prática nas regiões onde houvesse adultos que se encaminhassem para o Baptismo. (16)

As tentativas de recuperação efectiva do catecumenado tradicional, e que tão bons resultados pastorais havia dado, tanto na antiguidade como nos tempos modernos, receberam agora consagração plena na reforma litúrgica posterior ao Vaticano II. De novo, a Quaresma é o último tempo de preparação para a

16) Trata-se da adaptação do Ritual do Baptismo dos adultos anterior à reforma litúrgica, publicado na A. A. S. de 30 de Maio de 1962, pp. 310-315, sob o título: *Ardo Baptismi Adultorum per gradus catechumenatus dispositus*. Cf. comentário em *La Maison-Dieu*, n. 71.

celebração dos sacramentos da iniciação cristã dos catecúmenos. E, com os catecúmenos, toda a comunidade cristã se prepara, ao longo deste tempo litúrgico, para celebrar a Páscoa do Senhor, que é a Páscoa da Igreja.

A liturgia da Quaresma está fortemente marcada por perspectivas baptismais, orientadas especialmente para os catecúmenos, mas muito úteis também para os fiéis em geral. Esta liturgia encontra-se no *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* e no *Missal*, neste último nas celebrações destinadas directamente à iniciação dos catecúmenos, mas não exclusivamente nessas. Quando falo do *Missal*, refiro-me tanto ao livro do presidente, o *Oracional*, como se lhe poderia chamar, como, e sobretudo, ao *Leccionário*.

Olhemos então simultaneamente para o *Missal* e para o *Ritual*, procurando colher os tais elementos que mais directamente se destinam à preparação ou à recordação do Baptismo, como dizia o Concílio no texto acima citado.

O TEMPO DA PURIFICAÇÃO E DA ILUMINAÇÃO

Assim é chamado o tempo da Quaresma em relação aos catecúmenos.

a) *A eleição e inscrição do nome*

Terminado um período mais ou menos longo de formação na vida segundo o Evangelho, cuja duração média são os três anos, os catecúmenos, que assim o decidiram, pedem para ser admitidos aos sacramentos da iniciação. Isto faz-se no princípio da Quaresma. Já S. Agostinho anunciava aos seus catecúmenos: «Vem aí a Páscoa. Dá o nome para o Baptismo». Se, por um lado, os catecúmenos *pedem*, por seu lado a Igreja *chama e elege* os que hão-de ser conduzidos às fontes baptismais.

Vale a pena olhar, ainda que rapidamente, para o rito deste passo decisivo. Encontra-se ele no *Ritual*.

Celebra-se dentro da Missa do Primeiro domingo da Quaresma, a seguir à homilia», ou, se o não puder ser então, noutra altura mais oportuna (17).

17) *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), nn. 140-141.

Começa-se pela apresentação dos candidatos à comunidade dos fiéis (18), o que logo dá a entender que toda a comunidade vai ser conduzida até à Páscoa, tocada pela recordação do Baptismo, como quer o Concílio. Esta mesma perspectiva é sublinhada, quando um responsável pelo grupo dos catecúmenos avança e diz:

«Senhor Padre, os catecúmenos aqui presentes, confiados na graça divina e ajudados pela oração e exemplo da comunidade, vêm pedir para serem admitidos aos sacramentos...» (19).

El depois de ter recebido o testemunho favorável dos responsáveis, o presidente acrescenta:

«A vós me dirijo agora, catecúmenos... A Igreja, em nome de Cristo, chama-vos aos sacramentos pascais... Fazei então a inscrição do vosso nome» (20).

Este rito chama-se precisamente «eleição» ou «inscrição do nome». Doravante eles já não se vão chamar «catecúmenos», mas «eleitos». Foram eleitos pela Igreja, e esta eleição é o sinal da sua eleição divina. O mistério da escolha de Deus passa pela escolha que a Igreja faz. Assim o dizem os outros textos que vêm a seguir:

«N., fostes eleitos para receber os sacramentos da iniciação cristã. Agora é vosso dever, como aliás de todos nos, oferecer a vossa fidelidade a Deus que vos chamou e é fiel a esse chamamento» (21).

El depois na oração conclusiva do rito:

«Senhor..., olhai com bondade para aqueles que chamastes à filiação divina» (22).

Para a comunidade dos fiéis onde não haja catecúmenos, o Missal não apresenta no início da Quaresma nenhuma referência directa ao Baptismo. Mas os ritos penitenciais da Quarta-feira de Cinzas — o jejum, a imposição das cinzas, a liturgia da palavra da Missa —, pelo facto de conterem elementos penitenciais,

18) Ib., n. 173.

19) Ib., n. 143.

20) Ib., n. 146.

21) Ib., n. 147.

22) Ib., n. 149.

são, por isso mesmo, elementos que contribuem para renovar a consciência da situação baptismal do cristão. O Baptismo introduziu-nos numa situação cristã, foi um novo nascimento, o nascimento para a vida pascal de Cristo, que é agora a da Igreja, em cada um de nós. O Baptismo é, de facto, o primeiro sacramento da penitência, porque é ele que marca a conversão fundamental ao Evangelho de Jesus Cristo e à vida da sua Igreja, da qual ficaremos membros para sempre. Todo o acto penitencial futuro da vida do cristão será sempre o retorno a essa conversão inicial, à fidelidade à graça do Baptismo, à integração na vida da comunidade dos fiéis.

Apesar de não existir um rito directamente referido ao Baptismo no início da Quaresma para a comunidade dos fiéis, estes não devem entrar nesse tempo litúrgico sem terem essa perspectiva diante dos olhos. Para o conseguir a celebração da Quarta-feira de Cinzas não será suficiente, dado que a maior parte dos cristãos não toma parte nela. É o Primeiro Domingo, o dia da inscrição do nome dos eleitos, que poderá ser o primeiro grande momento para dar à comunidade cristã a consciência da caminhada quaresmal, de pôr diante dos seus olhos o sentido de purificação e de iluminação da Quaresma em direcção à Páscoa. Não pode evidentemente falhar aí a perspectiva do Baptismo.

Assim, a Quaresma não será mais tida como tempo sombrio, tristonho, pesado, negativo, como tantas vezes foi apresentado. Até se inventou a «cara de Quaresma»! É ver como se multiplicaram, mais no passado do que no presente, certas formas de piedade popular, mais lúgubres do que penitentes, pelo menos na forma como foram concebidas, por vezes até deslocadas de outros tempos litúrgicos, como é o caso da Missa e outras devoções ligadas às almas do Purgatório, que nada têm de próprio da Quaresma, mais que de outro tempo do ano. Se, por vezes, a Quaresma aparecer como tempo um tanto escuro e sombrio, havemos de ter sempre presente que essa escuridão não pode ser outra senão a daquela noite que irá ser total no Calvário, mas que se encaminha, certa e segura, para a manhã gloriosa do Sol nascente na luz da Ressurreição. Será a noite do nosso pecado, mas do pecado que o Cordeiro de Deus vem tirar. A Quaresma caminha para a Cruz, mas a Cruz é o trono onde Se ergue o Rei, é a nova Árvore da Vida, é o troféu do Vencedor da morte e do inferno. Assim a celebra a liturgia da Paixão, logo desde o primeiro texto com que abre o

Tríduo Pascal, no cântico da entrada da Missa da Ceia do Senhor, em Quinta-feira Santa: «Toda a nossa glória está na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo».

b) *Os escrutínios maiores e as Missas dominicais da Quaresma*

Falando do ponto de vista da liturgia, nem todos os dias da Quaresma são iguais. Para os «eleitos», estão previstos como dias mais importantes aqueles em que se celebram os *escrutínios* e aqueles em que se fazem as *tradições*. Uns e outros são ritos que completam a preparação espiritual e catequética dos «eleitos» ou «competentes» (23).

Os *escrutínios* são reuniões litúrgicas em que tem lugar especialmente importante o *exorcismo*, entendido este, não no sentido deturpado em que vulgarmente é apresentado, mas como momento de oração na qual a Igreja pede a Deus para o catecúmeno a libertação do pecado e do demónio e o seu fortalecimento em Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida dos eleitos (24). É portanto uma fórmula que faz sentir ao eleito, de maneira clara, a oposição entre Deus e o pecado, entre o reino de Deus e o reino do mal, entre as trevas e a luz, e afirma a vitória do poder e do amor de Deus sobre todo o mal, libertando o homem do pecado pela vitória pascal de Cristo. A fórmula do exorcismo, que, em tempos passados, mais duros, utilizou, por vezes, expressões violentas, embora sempre contra o mal, toma agora sempre linguagem positiva e orante. Deus é sempre o mesmo; nós é que somos diferentes conforme os tempos!

Estes *escrutínios*, chamados *maiores*, em oposição aos *escrutínios menores* celebrados durante o tempo do catecumenado anterior à eleição, são em número de três e celebram-se solenemente ao domingo, «nas Missas próprias dos *escrutínios*, que se celebram nos domingos III, IV, e V da Quaresma. Escolham-se as leituras do Ano A, com os respectivos cânticos, como vêm no Leccionário da Missa» (25). As leituras centrais destas Missas são respectivamente os Evangelhos da *Samaritana*, do *cego de nascença* e a de *Lázaro*. Onde houver eleitos que se preparam para o Baptismo,

23) Ib., n. 153. «Competentes» é o mesmo que «eleitos».

24) Ib., n. 25, 1.

25) Ib., n. 159.

serão sempre estas as leituras destes três domingos, mesmo nos Anos B e C. E, até onde não houver catecúmenos e se queira proporcionar aos fiéis uma catequese baptismal mais intensa como preparação para a Páscoa, podem sempre, em qualquer dos anos, serem escolhidas estas leituras, pois que elas são o protótipo das leituras baptismais de toda a tradição da Igreja. Os escrutínios celebrados nestes três domingos inspiram-se sempre, em cada um destes dias, naquelas leituras.

Deste modo, por meio dos exorcismos, «os catecúmenos vão pouco a pouco sendo instruídos sobre o mistério do pecado, do qual o mundo inteiro e cada homem em particular anseia ser remido, para se libertar das suas consequências presentes e futuras; e por outro lado para que o espírito se vá impregnando do sentido de Cristo Redentor, que é a água viva (cf. Evang. da Samaritana), a luz (cf. o Evang. do cego de nascença), a ressurreição e a vida (cf. o Evang. da ressurreição de Lázaro). (26)

Mas o progresso cristão, de que esta liturgia é programa maravilhoso, se o é para os catecúmenos, que ainda caminham para a comunidade dos fiéis, não o é menos para esta mesma comunidade, que, em cada ano, ao ver aproximarem-se as festas da sua redenção, se prepara para nelas participar, como em novo Baptismo. Lavados outrora na fonte baptismal, procuram retornar à inocência do Baptismo, lavando-se agora nas lágrimas da penitência, que umas e outras são sinal da purificação que o Sangue de Cristo, e só ele, nos alcança: *lavant aquae*, *lavant lacrimae*, diziam os Antigos das duas expressões sacramentais; «lavam as águas (do Baptismo), lavam também as lágrimas (da penitência)».

Catecúmenos e fiéis vão assim *vivendo* ou *revivendo*, cada qual na situação que lhe é própria dentro da Igreja, esta caminhada ao encontro de Cristo no seu Mistério pascal. Para que tal possa acontecer em todas as circunstâncias em que as pessoas se encontrem, nos Anos B e C, onde naqueles domingos não se fizeram as referidas leituras evangélicas, estas podem ser retomadas no dia mais oportuno da respectiva semana, para que não se perca catequese tão importante para os cristãos na preparação pascal de cada ano. O Leccionário ferial da Quaresma apresenta estas leituras no princípio da III, IV e V semana, antes das leituras da respectiva segunda-feira, sob o título de «Missa facultativa».

26) Ib., n. 157.

c) *Temas baptismais nas Missas de semana*

O tema do Baptismo aparece claramente em algumas Missas dos dias feriais ao longo da Quaresma. Isto acontece principalmente naqueles em que se fala de eleição, de promulgação da Lei, da água, do espírito novo, de ressurreição e, de maneira geral, de libertação das limitações humanas enraizadas no pecado. Mas, baptismais, são-no igualmente as que insistem particularmente no tema da penitência, visto que o Baptismo se renova na penitência, na conversão continuada, como acabámos de afirmar. E assim, dado que o Baptismo é o primeiro sacramento da penitência, fazer penitência é sempre, para os fiéis, reencontrar os caminhos do Baptismo. Em qualquer caso, seria certamente um tanto artificial dividir as Missas da Quaresma em Missas penitenciais e Missas baptismais, embora haja, por vezes, insistência maior em um ou outro destes temas.

É sobretudo a partir da terceira semana que aparecem mais frequentemente temas directamente ligados à iniciação cristã, precisamente quando começam a ler-se aos domingos as leituras evangélicas atrás referidas. É, por exemplo, significativa, depois da leitura da samaritana, no domingo, a leitura, na segunda-feira, da cura de Naamã, o sírio, o estrangeiro, que se viu curado ao lavar-se sete vezes nas águas do Jordão (27). As águas deste rio não eram melhores do que as dos rios da sua terra de origem, como de próprio afirmava; mas, à ordem do profeta do Deus de Israel: «Vai banhar-te e ficarás purificado», recobrou a saúde e «o seu corpo tornou-se como o corpo de uma criança, e ficou purificado». E logo depois desta leitura, o salmo comenta: «Tenho sede de Deus, do Deus vivo» (Sl 41). Na leitura do Evangelho que se lhe segue, (28) o Senhor porá em relevo a universalidade do chamamento de Deus, que não conhece fronteiras, como não as tinha conhecido quando chamou Naamã, um estrangeiro da Síria.

O tema da água reaparece de novo na terça-feira da quarta semana na célebre visão de Ezequiel (29): Águas caudalosas saem do Templo, correm para a planície, tornam-se torrente até formar um rio, transformam em sãs as águas salobras onde vão desaguar, dão novo alento a todo o ser vivo, povoam-se de peixe abundante,

27) II Re 5, 1-15.

28) Lc 4, 24-30.

29) Ez 47, 1-9.12.

nas suas margens crescem árvores que dão frutos todos os meses do ano, como mais tarde no Apocalipse (Apoc 22, 2), enfim, haverá vida em todo o lugar que o rio atingir. O Evangelho que se lhe segue retoma o símbolo da água na piscina de Betsatá, onde jazia, há trinta e oito anos, o enfermo que não encontrava homem que o fizesse descer até à água onde poderia encontrar a cura para o seu mal. Foi o Senhor que o curou e mandou para casa com o catre às costas. Com que sede das águas da fonte baptismal não escutariam os antigos catecúmenos estas imagens bíblicas, que certamente lhes eram bem familiares, pois que elas, e esta em particular, se encontram frequentemente representadas nas paredes das catacumbas romanas! Se os catecúmenos as escutam ainda hoje como anúncio do seu futuro Baptismo, melhor as podem entender os baptizados, que já encontraram quem os fizesse descer às águas, já nelas se purificaram, delas renasceram e nelas, que Jesus apresentou como símbolo do Espírito Santo, continuam a encontrar a vida que lhes mata a sede de Deus (30).

d) *As tradições*

«Tradição», no sentido em que a palavra é aqui usada, é o mesmo que «entrega». A Igreja, durante este tempo da purificação e iluminação, *entrega* aos eleitos dois documentos da maior importância, que eles hão-de saber de cor no momento de receberem os sacramentos da iniciação, e que devem guardar para toda a vida, como sinais que o hão-de identificar como cristãos no meio de todos os outros homens. São eles o *Símbolo* da fé, o *Credo*, e a *oração dominical*, o *Pai nosso*. O primeiro, o *Símbolo*, é o resumo da catequese baptismal que os catecúmenos receberam ao longo do catecumenado e daquilo que constitui o objecto da fé do cristão; o segundo, o *Pai nosso*, sintetiza toda a oração do baptizado.

A tradição do *Símbolo* faz-se, em princípio, dentro da semana que se segue ao primeiro escrutínio, portanto, normalmente, durante a terceira semana, e a do «Pai nosso», na semana que se segue ao terceiro escrutínio, ou seja, quinze dias depois, durante a quinta semana.

Estas tradições têm como fim a iluminação dos eleitos. «No *Símbolo*, em que se proclamam as maravilhas de Deus para salvação dos homens, os olhos dos eleitos são inundados de fé e de alegria. Na oração dominical, reconhecem em toda a sua profundeza

30) Cf. Jo 7, 38.

o novo espírito de filhos, pelo qual chamam a Deus seu Pai, sobretudo na assembleia eucarística». (31)

As tradições ou entregas revestem carácter público, comunitário, solene, e assim definem aos olhos do eleito e de toda a comunidade a situação dos futuros baptizados dentro da Igreja; eles entram no recôndito mais íntimo da vida do povo de Deus: é-lhes confiado o Símbolo da fé desse povo e a expressão própria da sua oração, que eles, uma vez baptizados, rezarão pela primeira vez, porque serão filhos, da casa de Deus.

Os eleitos devem aprender de cor aqueles dois formulários e recitá-los em público, antes de irem para a Vigília, num escrutínio especial celebrado na manhã do Sábado Santo, como está aconselhado que se faça ainda hoje. (32) Este dar contas das fórmulas que lhes haviam sido entregues semanas antes chamava-se a *redditio*, que, à falta de melhor termo, foi traduzido por «redição», ou seja, o «tornar a dar» o que havia sido entregue anteriormente.

A fé contida no Símbolo há-de ser professada, de forma resumida, pelos baptizados no momento do baptismo, e depois por toda a comunidade cristã na Vigília pascal, antes de se fazer a chamada «renovação das promessas do Baptismo». Isto supõe que os mistérios da fé, nessa soleníssima hora proclamados, estão bem vivos e conscientes no coração dos fiéis, para que aquela renovação seja, naquela noite, como que a celebração aniversária colectiva do Baptismo de toda a comunidade cristã e de cada um dos seus membros. «É para desejar, diz o Ritual, que as tradições se façam na presença de toda a comunidade dos fiéis». (33) E porquê senão porque os eleitos recebem, nesse momento, das mãos da Igreja, o documento da fé em que cada um dos fiéis foi baptizado, e o da oração que ela, a comunidade, já antes deles, aprendeu a rezar? É, pois, normal, que, no momento em que os eleitos celebram, no sacramento, essa mesma fé e rezam, pela primeira vez, aquela oração, os fiéis renovam a sua profissão de fé e rezam, de novo, aquela oração, com sentimentos capazes de acompanhar e acolher os neófitos, que eles hã-de ensinar a caminhar na vida de fé e de oração da comunidade cristã, em que toda ela já de há muito se encontra.

Tantos temas de catequese quaresmal que a liturgia propõe,

31) RICA, n. 25, 2.

32) Ib., n. 26, 2.

33) Ib., n. 182.

como o Concílio o desejava pôr os olhos na Páscoa, é descobrir a Quaresma.

e) *A leitura do Livro do Êxodo na Liturgia das Horas*

A Liturgia das Horas apresenta, no Ofício da Leitura, para as primeiras quatro semanas da Quaresma, o Livro do Êxodo. Toda a gente sabe que o Livro do Êxodo é a história da saída do povo de Deus do Egito, guiado por Moisés, pelo poder da mão forte e do braço estendido do Senhor. São elementos de primordial importância, nessa história a situação de opressão em que vivia o povo de Deus naquele país estrangeiro, a celebração da Páscoa com a imolação e manducação do cordeiro simbólico, a manifestação do poder e do amor de Deus pelo seu povo sobretudo na passagem do Mar Vermelho, a travessia do deserto durante quarenta anos, número que há-de servir de ponto de partida para a quarentena de Jesus no deserto e para a Quaresma da Igreja, a promulgação da Lei e o sacrifício da aliança no Sinai, enfim a entrada na Terra Prometida. A Quaresma cristã repisa, em cada ano, toda esta longa caminhada de salvação. Com razão, pois, o Livro do Êxodo constitui o elemento central do Ofício da Leitura diária durante a Quaresma. Na Vigília pascal, a passagem do Mar Vermelho é, entre as nove leituras propostas, a única estritamente obrigatória. E todos sabemos que a Vigília pascal é, toda ela, uma longa vigília baptismal. Tudo isto tem a sua significação e merece não ser passado em silêncio.

O Êxodo do tempo de Moisés anuncia o êxodo pascal do Senhor Jesus e do novo povo que d'Ele há-de nascer, o povo dos remidos pelo seu Sangue. O Cordeiro, com cujo sangue são ungidas as portas dos fiéis, é o novo Cordeiro pascal, imolado na Cruz, e que antes de morrer instituiu a nova Ceia pascal, a Eucaristia. O novo Mar Vermelho, onde se afogam os inimigos e donde sai, para sempre libertado, o povo até então errante e sem pátria, é o Baptismo. A Terra Prometida, onde finalmente este povo libertado se encontra em sua casa para aí celebrar, em acção de graças feliz, a Páscoa da sua Redenção, é a santa Igreja. A experiência do deserto, que, apesar de ser a de um povo já salvo, há-de ser a de toda a sua vida sobre a terra, renova-se, em cada ano, neste tempo da Quaresma, precisamente para que o povo da Igreja reconheça, uma vez mais, a sua condição de povo que o Senhor salvou, renove a sua fidelidade e acção de graças, vença a tentação de ficar pelo

caminho, aprenda, de novo, a não se fixar nas tendas móveis de uma caravana de nômadas, mas a desejar a abundância definitiva da Terra da Promessa, onde corre o leite e o mel.

Todos estes horizontes apelam para o Baptismo, que, uma vez recebido, nos fez passar já, simbolicamente mas realmente, todas aquelas experiências do povo de Israel. A travessia do deserto é dura e supõe muita ascese; mas é a mão forte e o braço estendido do Senhor quem conduz o seu povo, o liberta do Egito e o introduz na Terra Prometida. Tudo isto já aconteceu no Baptismo. Se o Baptismo do adulto é certamente o mais normal e aquele em que melhor se pode compreender o Ritual da iniciação cristã, é, no entanto, no Baptismo das crianças, hoje o mais frequente, que melhor se pode sentir a gratuidade do dom pascal celebrado no Baptismo. A Páscoa não é uma conquista, é um dom. «Se conhecesseis o dom de Deus...», disse Jesus à samaritana (Jo 4, 10). Quando o povo de Deus chegou à Terra Prometida, Jericó caiu-lhe aos pés, sem os golpes das suas lanças ou espadas, mas como dom que o Senhor lhe entregava, gratuitamente!... A sua conquista foi receber nas mãos, sem orgulho nem altivez, o dom que a misericórdia de Deus lhes oferecia. (cf. Jos 6).

Nós, que fomos certamente quase todos iniciados, pelo menos começados a iniciar, nos primeiros anos da nossa vida, temos na liturgia quaresmal de cada ano uma grande proposta: reconhecer o que somos, membros de um povo que saiu do Egito e entrou na Terra, que já não é escravo, mas livre, com «a liberdade com que Cristo nos libertou» (Gál 5, 1), e procurar reencontrar a vida própria dos filhos, corresponder-lhe, dar graças por ela, alimentá-la para que não definhe, preparar-nos para a celebração da Páscoa ainda na obscuridade dos sinais sacramentais e esperar, mesmo contra toda a esperança, que, uma vez na verdadeira Terra Prometida, cesse de cair o maná provisório, como no Livro de Josué, quando eles chegaram à Terra de Israel, e celebremos finalmente a Páscoa sem mais quaresma (cf. Jos 5, 10-12).

Então não se lerá mais o Livro do Êxodo, que agora se lê de noite, em vigília, mas talvez o Apocalipse, onde se canta sempre em pleno dia, numa só voz, o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (Apoc 15, 3-4). Não será o fim; será então a plenitude.

JOSÉ FERREIRA

Pastoral e Espiritualidade da Quaresma

INTRODUÇÃO

O tema que me foi proposto, como objecto de comunicação, nesta Semana de Liturgia, é, ou deveria ser, uma espécie de síntese conclusiva e prática de tudo quanto já aqui foi dito. Isso significa que, para o seu conteúdo corresponder ao objectivo visado, eu deveria ter lido e estudado as comunicações anteriores, redigindo somente depois as palavras pelas quais me vou exprimir. Uma vez que isso não foi possível, a síntese que farei irá ressentir-se dessa falha. Apesar dela, tentarei enunciar uns quantos conteúdos doutrinários, deduzidos da riqueza espiritual e pastoral da Quaresma, e apontarei algumas pistas de carácter prático, quer do ponto de vista pastoral quer do ponto de vista espiritual.

1 — *A vida cristã à luz do mistério pascal*

As semanas de Liturgia dos dois últimos anos abordaram já a celebração do mistério pascal, centrando as suas atenções no tríduo pascal (há dois anos) e no tempo pascal (há um ano). Este ano, é ainda o mistério pascal o vértice da Semana de Liturgia, com o seu acento no tempo da Quaresma. Tendo isto em conta, irei focar, em primeiro lugar, o próprio mistério que está na origem destas celebrações litúrgicas, que vão desde 4.^a-feira de Cinzas até ao Pentecostes, a fim de iluminar a vida cristã com a sua luz.

1.1 — O mistério pascal na sua essência

A pregação da Igreja primitiva tem por objectivo, desde a primeira hora, o anúncio do Crucificado que ressuscitou. (Cf. Act. 2, 22-24). Ao terminar na morte a Sua vida terrena, Jesus de Nazaré, Palavra de Deus feita Carne, deixou de falar. N'Ele, que

accita morrer livremente, como vítima de morte ignominiosa e injusta, calou-se o Homem, para deixar que Deus tivesse oportunidade de falar. E Deus falou. Afirmou que Aquele Jesus a Quem os homens tinham crucificado, não podia ficar destruído pela morte. Por isso O ressuscitou.

O núcleo de toda a Revelação divina é este mistério do Crucificado a Quem Deus ressuscitou. O homem que Deus criou e quer salvar, tende a afirmar-se continuamente, na independência de Deus, esquecendo que a sua condição de criatura constitui a essência do seu ser. Peca, exactamente por se recusar a viver como criatura de Deus, por uma contínua tentativa autoafirmativa. Tal atitude de pecado tem de ser removida do espírito do homem, para que este possa encontrar a salvação, da qual se afastou pela sua autoafirmação de independência de Deus e de tentativa de viver, por si, dispensando Aquele que o criou. É o próprio Deus que, no Seu desígnio de salvação, vai realizar a favor do homem esta possibilidade de reencontro de si mesmo consigo mesmo, na qualidade de criatura e do consequente reconhecimento de Deus, como seu Senhor. Para isso o Filho de Deus assume uma carne semelhante à nossa carne de pecado, para que na Sua pessoa, revestida de natureza humana, o homem se reconheça no que é — criatura de Deus que dá a Deus e n'Ele reconhece o poder de só Ele se afirmar. E tudo isto acontece exactamente no mistério pascal de Jesus, o Cristo. Aí o Filho de Deus, assumindo livremente a morte, atinge a razão de ser do próprio mistério da Incarnação. Aí, ao morrer, faz calar a natureza humana, para que, n'Ele, o homem saiba fazer o silêncio da criatura, de modo a que Deus se faça ouvir. A morte é a única maneira de calar o homem. Perante ela, só Deus pode falar. Jesus cala-se, para deixar lugar à fala de Deus. E Deus faz-se ouvir, não por palavras, mas por obras — ressuscita Aquele que soube aceitar em si, no silêncio da morte, o desígnio de Deus que era desígnio de salvação para todo o homem.

Este núcleo central da nossa fé, essência do Cristianismo, inclui, como acabamos de ver, o mistério da morte e o mistério da ressurreição. Claro está que, biblicamente falando, a cruz, morte e sepultura de Jesus só têm significado à luz do outro acontecimento que é a ressurreição. Sem esta, a morte de Jesus seria um fracasso igual ao da morte de todos os homens, desde Adão. Com ela, a morte de Jesus é superada e, por ela, é vencida a morte de todos quantos se identificam com Ele pela fé. Sem ela não haveria Igreja, nem Novo Testamento, nem teria significado acre-

ditar em Jesus o Cristo. Com ela reuniram-se os discípulos dispersos, congregou-se a comunidade dos crentes que começou a fazer uma experiência da presença de Cristo, não já em carne mortal, mas a agir ressuscitado pelo Espírito. Com ela, toda a vida terrena de Jesus e a própria morte que sofreu foram reinterpretadas, à luz do Espírito e consignadas por escrito, segundo o entendimento que Deus lhes dava.

Foi, portanto, o mistério pascal de Jesus que motivou a Igreja a fazer o anúncio do Senhor que a dinamizou no Espírito Santo, que a lançou pelo mundo a dar testemunho da morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, Filho de Deus feito Homem para nos salvar. Deus quer mesmo a nossa salvação, pois nos enviou Seu Filho, entregando-O à morte por nós, glorificando-O depois pela ressurreição.

1.2 — A celebração central do mistério pascal

O mistério da Páscoa tem a sua celebração central no chamado tríduo pascal. Este tríduo já é chamado por S. Ambrósio como «tríduo sagrado durante o qual Cristo sofreu, repousou e ressuscitou». O mistério pascal constitui, de facto, «o coração de todo o Cristianismo, e a celebração da Páscoa, o centro de toda a Liturgia cristã» (José Ferreira, *Páscoa, uma nova criação*, em Boletim de Pastoral Litúrgica, 1, pág. 9). Ou, se quisermos citar um Autor muito ligado à reforma litúrgica do Vat. II: «Podemos dizer da celebração da Páscoa o que o Concílio disse da própria Liturgia: ela é a fonte e o ponto culminante do ano litúrgico» (P. Journel, *l'organisation de l'année liturgique*, em *La maison — Dieu*, 100, pág. 144). Porque a Páscoa e a sua celebração é mesmo isto, é que Paulo VI escreveu: «A celebração do Mistério pascal tem a máxima importância no culto religioso dos cristãos» (Motu proprio *Mysterii paschalis celebrationem*, Proémio).

De facto, se o mistério pascal é o cerne do Cristianismo, a sua celebração há-de ser central em toda a vida da Igreja. Esta celebração, de modo diferente do que acontecia, no princípio, faz-se em três dias e não apenas numa noite. Cada um destes dias assinala um aspecto particular do Mistério que se celebra, ou seja, segundo S. Agostinho, do mistério «do Salvador crucificado, sepultado e ressuscitado». Com a Missa da Ceia do Senhor inicia-se o primeiro dia — o da morte; com a Acção litúrgica de Sexta-feira Santa, a cruz aparece-nos como sinal de vitória e marca o

início do segundo dia — o do tempo de espera da glorificação do Senhor que desceu à morada dos mortos; na Vigília pascal, aguarda-se, como prestes a acontecer, o mistério da Ressurreição. Em síntese, poder-se-ia dizer com o P. Louis Bouyer: «A sucessão dos officios destes três dias santos constitui uma ampla e grandiosa celebração eucarística com dois polos: na Missa de Quinta-feira Santa, vemos a Ceia gerando a Cruz; na noite pascal, a Cruz, consumada, reproduz a Ceia, mas desta vez a uma luz sem crepúsculo, a luz da Ressurreição» (O Mistério pascal, União Gráfica, 1969).

1.3 — O mistério pascal e a vida cristã, a partir do tempo da Quaresma

O tríduo pascal foi o início da actual Quaresma. Poderia dizer-se que a Quaresma é o tríduo pascal tornado extensivo a quarenta dias. Se quisermos ser mais exactos — a Quaresma é um tempo criado para preparar as celebrações da Páscoa, cujos mistérios se celebram no Tríduo santo.

Já houve ocasião para reflectir sobre a génese e a evolução histórica da Quaresma, sobre o seu sentido baptismal e penitencial e ainda sobre os conteúdos da Liturgia da Palavra própria deste tempo. Resta fazer uma breve referência a este tempo, como fonte de enriquecimento para a vida cristã, a partir da luz da Páscoa. A Quaresma aparece-nos hoje, aliás, na linha da tradição litúrgica mais genuína, como um tempo de expiação do pecado e de luta contra ele, como um tempo de combate e de prova; como tempo de renovação da Aliança com Deus sempre fiel; como tempo da abertura à fé em Cristo; como tempo de vivência baptismal e penitencial; como tempo de vida adulta, vivida na certeza da nossa participação no mistério da morte e ressurreição de Jesus. Ora tudo isto está intimamente relacionado com o mistério da Páscoa e somente à luz dele se concebe e se deve viver. Com efeito, para quê tanta insistência, durante as celebrações litúrgicas da Quaresma no tema do pecado e da consequente necessidade da conversão, senão exactamente porque a morte de Cristo vem por a nú a necessidade que todos temos de ser salvos? Para quê tanta insistência na Aliança com Deus, sempre fiel, senão porque o mistério da Páscoa é a suprema manifestação da fidelidade divina, na Aliança nova, selada com o sangue de Cristo? Para quê tanta insistência na abertura dos olhos da fé ao Cristo,

senão porque Ele se revela o verdadeiro Filho de Deus na morte e ressurreição? Para quê tanta insistência na temática baptismal, senão precisamente porque é no Baptismo que nós somos sepultados com Cristo numa morte semelhante à Sua, para vivermos à semelhança da Sua vida de Ressuscitado? (Cf. Rom. 6, 3-5)

E tudo isto são pistas para a vida cristã, centrada no mistério pascal, já a partir do tempo quaresmal.

2 — *Os símbolos litúrgicos da Quaresma*

Prescindindo da rica simbologia do Tríduo pascal, sobretudo da da noite da «mãe de todas as Vigílias», como lhe chamou S. Agostinho, (a qual é, por certo, a mais rica de todas as do ano litúrgico), vou tentar descobrir, na riqueza da Quaresma, todo um conjunto de símbolos, repletos de significado espiritual e merecedores de uma grande atenção por parte de todos os cristãos. Começemos pela Quarta-feira de Cinzas.

Toda a Quaresma é «o tempo favorável, é o dia da salvação do Senhor». E é-o para os catecúmenos que se preparam, pelo aprofundamento da sua conversão, para o Baptismo; é-o para os penitentes que praticam actos privados e públicos, significativos do seu desejo de reconciliação; é-o para os fiéis que, revivendo o seu Baptismo, procuram a graça primigénia, através do sacramento da Reconciliação; A quaresma é, de facto, e acima de tudo, um tempo de Reconciliação. Cobertos de cinza e revestidos de cilício, os pecadores, conhecidos como tais na comunidade, dão testemunho público do seu arrependimento, desde a 4.^a-feira de cinzas, esperando obter a reconciliação em 5.^a-feira santa. Projectando-se no mistério da Páscoa do Senhor, e em ordem à preparação da celebração desse mistério, pela renovação da graça baptismal e pela participação na Eucaristia, os fiéis intensificam uma vida mais profunda de conversão, em ordem a um mais perfeito aproveitamento da graça da Redenção; e a cinza aparece, também para estes, como símbolo de conversão e reconciliação. Preparando-se, de modo intensivo, para a iniciação cristã da Vigília pascal, os catecúmenos fazem os seus escrutínios de purificação e iluminação, à luz do mistério da Páscoa.

Poderíamos resumir a simbologia cristã da Liturgia quaresmal, em alguns dos seguintes elementos mais característicos dessa liturgia:

A *cinza*, a marcar a abertura do tempo penitencial da Qua-

resma, para recordar ao homem que, perante o pó que somos, só nos resta a aceitação do Evangelho e a conversão a ele; a *cinza*, como prática pública secular, manifestativa do arrependimento, já desde o tempo dos Profetas, para lembrar a todo o homem carecido de conversão as implicâncias sociais do pecado de cada um, e a necessidade de o reparar em Igreja, pela qual nos vem a Reconciliação, alcançada pelo nosso Redentor.

O *jejum*, a *esmola* e a *oração* incutidos no espírito quaresmal, como práticas privilegiadas para a obtenção da reconciliação, logo a partir do Evangelho de 4.^a-feira de cinzas. Práticas seculares, inspiradas na Sagrada Escritura, desde o Antigo Testamento, e simultaneamente simbólicas da exigência de vida espiritual que é requisito da Quaresma, como tempo privilegiado de salvação. O *jejum*, a marcar o ritmo da renúncia aos valores próprios deste mundo mortal, para arranjar espaço para os valores do espírito no coração do homem, por exigência da vida nova inaugurada com a Ressurreição de Jesus. A *esmola*, como consequência da renúncia feita com espírito de partilha, tão característica daqueles que reconhecem que o amor gratuito e partilhado com que Cristo nos redime, exige amor partilhado. É que só o amor basta. A oração, como forma privilegiada de comungar com Deus, única maneira de reencontrar a Aliança que Cristo inaugurou, como nova pelo Seu Sangue. Mas, se todos os símbolos marcam o ritmo da Quaresma, logo na 4.^a-feira de cinzas, eles irão ser completados e enriquecidos, no decorrer desta quadra litúrgica, por novos elementos que surgem com o caminhar quaresmal. Assim *as tentações de Jesus* no Primeiro Domingo da Quaresma, para além de nos alertarem para o tempo de luta que é a vida do homem sobre a terra, luta intensificada na Quaresma, em ordem ao vencimento do pecado, colocam-nos diante das tentações possíveis de todos os falsos messianismos, e indicam claramente como o único Messias é Aquele que morre por nós, seguindo o desígnio de Deus, mesmo e apesar do risco da cruz, apesar da imensidade de messianismos diferentes e humanamente mais sedutores. No segundo Domingo da Quaresma, o grande símbolo é da Aliança que Deus realizou com Abraão, mas que concretizou de maneira nova, única e definitiva na Páscoa da Nova Aliança. Aliança, verdadeiro símbolo da fidelidade divina e dum projecto quaresmal que reclama fidelidade à Páscoa do Cristo, a qual se prepara liturgicamente pela Quaresma e na qual nos inserimos pelo Baptismo que nos mergulha no Cristo da Páscoa.

Terceiro Domingo quaresmal. O símbolo é a *Rocha* e a *água* que dela brota. Por ele se indica a realidade nova que é a vida em Cristo. Água, símbolo da vida, que brota da Rocha que é Cristo. Água viva que jorra para a eternidade; água baptismal, pela qual mergulhamos em Cristo. «Se alguém tem sede, venha a Mim e beba» (Jo. 7, 37).

Jesus, água viva, revela-se a todo aquele que lhe abrir o coração, pela fé. Água, símbolo da fé no Cristo pascal, que nos inunda, dessedenta e mergulha n'Ele.

Quarto Domingo da Quaresma. O símbolo da água é alargado agora com a simbologia da *luz*. Cristo é a «Luz do mundo» que ilumina todos quantos se abrem a Ele na fé. Foi luz para o cego de nascimento, e é luz para todos os que se convertem a Ele. Ele é o Messias, o Ungido, como David foi o Ungido de Deus e iluminou, no seu tempo, o Povo da velha Aliança. Ele é o Ungido que comunica a Sua unção aos que são baptizados n'Ele, *Óleo* da unção que se derrama e unge; que arde e alumia. O Cristo, o cristão, a luz. E tudo acontece na Páscoa e na adesão ao Cristo da Páscoa, através da fé.

Aliança, Rocha, Água, Luz, Unção... eis alguns dos principais símbolos apresentados pela Liturgia dos Domingos quaresmais. Bem vistas as coisas, todos estes símbolos apontam para o Cristo da Páscoa. É Aquele que morre e ressuscita quem faz a Aliança, é Ele que é Ungido, a Rocha, a Água, a Luz... É Ele que assenta a fé de todos os que O aceitam como Salvador e Redentor.

Na noite de Páscoa reencontra o cristão, de forma concentrada e vivida, na acção litúrgica, toda esta simbologia. É a *luz* do fogo novo e do círio pascal; é a *água* do Mar Vermelho e a água do Baptismo; é a *Nova Aliança* da Eucaristia pascal; é a *unção* dos que se baptizam nessa noite...

Fogo, símbolo da vida que desponta, se expande e tudo modifica; símbolo da alegria fraterna... É à volta do fogo que os irmãos se congregam!

Círio, donde dimana a luz, símbolo de Cristo que ilumina, ao morrer e ao ressuscitar, Ele o princípio e o fim de todas as coisas... *Círio*, coluna de fogo que indica o caminho que o Povo há-de seguir... *Círio*, que, ao gastar-se, ilumina...

Tanta coisa linda para alimentar o espírito dos cristãos, no decorrer da Quaresma, e tudo sem forçar a Liturgia... É vivê-la e fazê-la viver, na sua realidade, tão pura e tão simples!...

3 — *A participação nos sacramentos pascaís*

A Liturgia da Quaresma, toda ela orientada para o mistério da Páscoa, está entretecida de sinais sacramentais, e, particularmente, voltada para os sacramentos pascaís. Não é em vão que S. Paulo nos recorda o mistério pascal no qual fomos sepultados pelo Baptismo (Cf. Rom. 6, 3-6). Não é sem motivo que a Eucaristia é o sacramento e o sacrifício com o qual Jesus inaugurou a Páscoa nova. Não é porventura a Eucaristia o memorial da morte e ressurreição do Senhor?

É assim que a Igreja entende, desde os primeiros tempos. Por isso instituiu a Quaresma como tempo forte de vida catecumenal, em ordem ao Baptismo a celebrar na Vigília pascal; por isso manda os seus filhos comungarem eucaristicamente pela Páscoa da Ressurreição; por isso concedia aos penitentes a reconciliação pascal, em 5.^a-feira santa, a fim de poderem participar em plenitude na Eucaristia da Vigília. Poder-se-ia dizer, em síntese, que a Quaresma é o grande tempo de preparação para os sacramentos da iniciação cristã, bem característicos do espírito da Páscoa. Com efeito é assim que a Igreja o entende, ao ordenar que os catecúmenos sejam iniciados sacramentalmente nessa Vigília magna da Páscoa, depois da preparação do tempo quaresmal; é ainda assim que a Igreja o entende ao mandar que os fiéis renovem as promessas do Baptismo e participem na Eucaristia pascal; é ainda esse princípio que leva a Igreja a orientar os fiéis a receberem o sacramento da Confirmação no tempo pascal, de preferência, é finalmente, por isso, que a Igreja insiste na celebração da Reconciliação sacramental no tempo da Quaresma, a fim de que a graça do Baptismo seja renovada, e o cristão participe, de modo íntimo, n mistério da Redenção, através da comunhão eucarística.

Há, portanto, na espiritualidade e na acção pastoral da Quaresma toda uma exploração a fazer dos valores sacramentais do Baptismo, do seu complemento que é a Confirmação, da Eucaristia e do sacramento da Penitência, como condição para esta. Não pode haver pastoral de Quaresma sem pastoral sacramental, a qual, por sua vez, supõe e exige a pastoral da Palavra que abre para a fé. Não há espiritualidade da Quaresma sem uma profunda vivência do Baptismo e da Eucaristia, e, como é óbvio, do sacramento da Penitência. A Quaresma, como tempo privilegiado de salvação, a convidar-nos todos os anos à conversão, há-de levar

os cristãos a assumirem, conscientemente, a sua iniciação cristã, renovando-a e revivendo-a, sobretudo na Eucaristia pascal vivida em plenitude.

4 — *A Reconciliação na Igreja e no mundo*

A existência do pecado no mundo está na origem das tensões existentes em todos os círculos humanos. Existem divisões nas famílias, conflitos entre classes sociais e grupos etários, tensões entre países e raças, ódios, violências, inimizades... até mesmo no seio dos discípulos de Cristo. O mundo carece de reconciliação!...

É pelo homem que o pecado existe no mundo, e é pelo pecado que existe a falta de paz e de reconciliação entre os homens. Urge que o pecado seja vencido; urge que o homem se converta do seu pecado e se reconcilie com Deus, pela penitência, para que o mundo encontre o seu verdadeiro lugar, a partir do coração do homem verdadeiramente reconciliado. A grande missão da Igreja, no meio do mundo, é o exercício do mistério da reconciliação. «Deus reconciliou-nos consigo por Cristo e confiou-nos o ministério da reconciliação. Porque de qualquer maneira, era Deus que reconciliava, em Cristo, o mundo consigo próprio, não atribuindo as suas faltas à conta dos homens, e insuflando em nós a palavra da reconciliação» (II Cor. 5, 18-20).

A reconciliação autêntica é obra da graça, é dom de Deus e somente Ele nos pode reconciliar consigo. O homem é capaz de construir um mundo de pecado, mas não é capaz, por si, de sair desse mundo por ele construído. Mas Deus, na Sua misericórdia, oferece ao homem, que se arrepende, a possibilidade de uma reconciliação em Cristo, pelo ministério da Igreja. Esta exerce esse ministério pelo anúncio da palavra, concitando à conversão, e ajudando o homem a dispor-se pelo caminho do arrependimento, a aceitar o dom do perdão de Deus; realiza a reconciliação dos homens com Deus, através do sacramento do Baptismo e do sacramento da Penitência; dirigindo a todos o convite à penitência, diligência no sentido de o homem se dispor para ela, através do jejum, da esmola e da oração e pela prática de outras obras boas que ajudem a obter, da misericórdia de Deus, o dom da Reconciliação. Finalmente, a Igreja dispõe de celebrações litúrgicas de carácter penitencial e do sacramento da Penitência, em ordem à remissão dos pecados.

311 Tudo isto afinal é necessidade do mundo e missão da Igreja, em todos os tempos e em todos lugares. Mas, na Quaresma, têm particular cabimento todos estes actos, na linha da reconciliação, marcada pelo ritmo da Liturgia. Isto, por razões de ordem histórica, uma vez que a Quaresma recebeu muitos elementos litúrgicos, por necessidade da reconciliação que a ordem dos penitentes reclamava; isto, por razões de ordem pastoral e litúrgica e mesmo espiritual, uma vez que a Quaresma prepara os cristãos e os catecúmenos para um encontro com o Cristo Redentor, celebrado na Páscoa; isto ainda por razões de ordem teológica, porque não é possível tomar parte no mistério pascal, sem um coração pascal (convertido ao Senhor).

A Quaresma, com a sua pastoral penitencial, sacramental e de boas obras, é verdadeiramente o tempo favorável à Reconciliação, na Igreja e no mundo. Há que vivê-la e aproveitá-la pastoralmente, de modo que a Igreja cumpra a sua missão de reconciliação, e o mundo seja reconciliado com Deus.

5 — *Práticas de penitência e religiosidade popular*

As práticas de penitência são muito próprias da Quaresma, por exigência do espírito de conversão, característico deste tempo. A sua quase totalidade é de origem cristã, ou pelo menos de inspiração bíblica. Estão neste caso os jejuns e as abstinências que o povo foi alargando PARA ALÉM DO ASPECTO ALIMENTAR, a outras abstinências caracteristicamente populares. De Norte a Sul do País, encontram-se na memória dos povos das nossas aldeias e vilas, associadas ao espírito da Quaresma, práticas de diversos tipos. «Na aldeia acabavam os bailes e os folguedos ruidosos, e, no campo, as campinas cantavam principalmente cantigas de sabor religioso». Assim escreveu o Pároco do Couço, no Ribatejo, a propósito da religiosidade popular dessa terra, em tempo de Quaresma (Cf. Igreja Eborense, Ano II, 1984, pág. 258). Mas o mesmo acontece, já no Distrito de Portalegre, na paróquia de Assumar. Aí dizia uma veneranda anciã: «Não cantávamos cânticos que não fossem religiosos, nem tocávamos instrumentos que fizessem barulho... em 4.ª-feira santa não íamos lavar roupa nem nos penteávamos» (Igreja Eborense, Ano II, 1984, pág. 275).

Este mesmo espírito de abstinência de folguedos e músicas profanas estão ainda na memória dos mais idosos. Recordo terras do Norte de Portugal, onde há trinta e cinco anos não se cantava

nem assobiava, nem tocavam instrumentos profanos no tempo da Quaresma. Mas, é, sobretudo, no que se refere à abstinência de carnes que a tradição religiosa da Quaresma se arraigou mais mais profundamente no espírito do povo.

«Para nós o tempo da Quaresma era um tempo santo de jejum e abstinência. Após o dia de carnaval não comíamos carne; se por acaso sobrava alguma coisa de carne do carnaval, era guardada em azeite e só a comíamos no Domingo de Páscoa» — diz uma senhora de 90 anos da referida paróquia de Assumar (Igreja Eborense, Ano II, 1984, pág. 275). De uma outra paróquia do concelho de Elvas é o seguinte dado: «A Quaresma era vivida com muito espírito de sacrifício: jejuavam a pão e água nas sextas-feiras, mesmo que se andasse no trabalho árduo do campo» (O. C. pág. 280). E ainda noutra zona da Arquidiocese de Évora: «As sextas-feiras eram feitas a pão e água» (O. C. pág. 283).

Naturalmente, consoante os costumes das diversas zonas do País, muitas outras práticas de penitência se encontrarão, dignas de menção, respeito e revalorização. Creio serem generalizadas algumas procissões de carácter penitencial, ainda conservadas no tempo da Quaresma, talvez, hoje, reduzidas a procissões e já sem espírito de penitência. Julgo que a prática da Via Sacra, tão arraigada no espírito do povo, é digna de ser revalorizada penitencialmente!...

Que práticas privilegiar?

Como valorizá-las?

Haverá práticas novas, dignas dum cuidado pastoral especial?

«... a Igreja recomenda diferentes formas de penitência, mesmo não litúrgicas, pelas quais os seus fiéis possam converter-se a Deus e aos irmãos. Em tempos fixos (no Advento, nos dias de jejum na Quaresma e às sextas-feiras), exorta-os particularmente à penitência pela oração, o jejum e a esmola, ou por qualquer outra forma que vá ao encontro das necessidades espirituais e temporais dos homens» (Reconciliação e Penitência na Missão da Igreja (Documento de Trabalho para o Sínodo de 1983), A. O., Braga, 1983, pág. 64). Este documento recomenda ainda o exame de consciência diária, as celebrações penitenciais e os meios de ascese que se encontram na religião popular e até nos costumes dos povos.

Que práticas privilegiar?

Naturalmente estas, conforme a Igreja recomenda.

Daqui a importância pastoral a dar, cada vez mais, ao jejum, à esmola, à oração, às celebrações penitenciais, ao sacramento da Penitência e a outras formas válidas de penitência conservadas pela «religião do povo», como lhe chamou Paulo VI (E. N. 48).

Como valorizá-las?

A mesma *Evangelii Nuntiandi* dá a resposta: «Se essa religiosidade popular... for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores... ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade, e predispõe-nas para o sacrifício e até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé... Ela suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida quotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, doação, etc.» (E, N. 48). Requer-se portanto nos Pastores que se apercebam «das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores» estando dispostos «a ajudá-la a superar os seus perigos de desvio» (E. N. 48).

Como valorizá-las?

Poderia resumir-se tudo nisto: apreciar o seu valor interior, usar de uma pedagogia da fé, iluminando e valorizando o que têm de válido, segundo o Evangelho, de modo a purificar os desvios possíveis. Há, portanto, de evangelizar. Evangelizar é neste como noutros campos a palavra de ordem. Não podemos esquecer o que João Paulo II disse aos nossos Bispos: «O vosso primeiro compromisso perante esta fé do vosso povo é o de reconhecê-la e apreciá-la, de respeitar as suas manifestações autênticas, de defendê-la contra os fermentos que a põem em risco, de reforçá-la libertando-a de eventuais elementos de credice e superstição, e dando-lhe mais conteúdo doutrinal» (Discursos do Papa João Paulo II em Portugal, Lisboa, Maio de 1982, pág. 59).

6 — *Repto do mundo actual à Quaresma cristã*

«Infelizmente estas formas de penitência têm sido mais ou menos postas de parte nos nossos dias. E os templos de penitência deixaram de ser observados ou então essas formas perderam o carácter da sua instituição por variadas facilidades de encontrar dispensas.

Enquanto em muitos locais as pessoas e mesmo as comunidades rezam muito pouco, vê-se jejuar gente que tem fome, ou, mesmo ricos, mas não por motivos de fé. As formas de penitência e de purificação que o Evangelho e a Igreja recomendam tão vi-

vamente e que tanto contribuíram para formar santos célebres, parecem ser mais aplicadas nos tempos de hoje em religiões não cristãs.

Na actual situação de bem estar material, para espanto de todos, pessoas há que fazem jejum rigoroso para «manter a linha», outras lutam no campo do desporto com um cuidado e uma disciplina que vão ao extremo, e grande número cumpre as suas funções com dedicação muito activa para desenvolver a ecologia, e estão prontos a aliviar as carências do terceiro mundo.

A necessidade de sacrifício e de dedicação para prosseguir objectivos materiais está presente na actualidade. Todavia, trata-se, na maioria dos casos de comportamentos que não têm qualquer motivação religiosa. Falta a sensibilidade às exigências da conversão e da doação total de si próprio, que são as do Reino dos Céus» (Reconciliação e Penitência na Missão da Igreja, pág. 65).

As situações diagnosticadas por estas palavras do documento preparatório do Sínodo de 1983, são um verdadeiro repto do mundo actual à Quaresma cristã. Afinal, nós, a Igreja, temos a prática do jejum, da esmola e da oração, como obras privilegiadas de penitência, capazes de resolverem, humanamente falando, tudo aquilo que os homens de hoje consideram ser necessário para resolver, terrenamente, a «linha», a «forma desportiva», a «higiene alimentar», a «solidariedade social» com os que não têm alimentos, a «segurança ecológica»...

Temo-las e somo convidados a praticá-las, não por puras razões desta natureza, mas por razões de ascese espiritual, de purificação interior, de caridade fraterna, através da partilha de bens. E, ao fazê-las por motivos de fé, atingimos também os objectivos que a outros preocupam!...

Não estaremos a perder actualidade no mundo em que vivemos, e a que nos destinamos como fermento, exactamente por estarmos a perder o sentido da penitência?

Não estarão os homens nossos contemporâneos com os seus rigores de exigências desportivas e outras, a lembrar-nos a força da mortificação da carne para a libertação do espírito?

Não virão as práticas de «yoga» e quejandas que tanto estão a divulgar-se, mesmo entre os cristãos, exigir de nós uma maior atenção aos valores tão descuidados no interior da Igreja, quais são o valor da oração e da mortificação?

O bem estar material, aliás legítimo, se bem orientado, não estará a invadir o tempo, de modo desregrado?

Não se requererá uma maior exigência de pregação e prática penitencial na nossa Quaresma cristã, com a consequente partilha de bens?

Não será necessário que a Igreja, de hoje, olhe cuidadosamente para aqueles que só podem comer arroz ou batatas, porque não têm dinheiro para carne e peixe, e outros que nem arroz e batata têm?

E isto a par de lautos banquetes de festa!...

E se isto é de ver... não será de cuidar particularmente disto tudo principalmente no tempo da Quaresma, pelo espírito que a marca e que urge manter e fazer desenvolver?

MANUEL MADUREIRA DIAS

O Leccionário do Tempo da Quaresma

1 — A PALAVRA DE DEUS NO TEMPO DA QUARESMA

O Leccionário é o livro litúrgico que contém as leituras da Palavra de Deus. Como livro litúrgico diferente ou independente, existe só para a Missa. É o livro da mesa da Palavra, como o Missal é o livro do altar e da presidência.

O nosso Leccionário da Quaresma foi elaborado a pedido e a partir da doutrina do Concílio Vaticano II:

Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia (SC 51). E

Ponham-se em maior realce, tanto na liturgia como na catequese litúrgica, os dois aspectos característicos do tempo quaresmal, que pretende, sobretudo através da recordação ou preparação do Baptismo e pela Penitência, preparar os fiéis, que devem ouvir com mais frequência a Palavra de Deus e dar-se à oração com mais insistência, para a celebração do mistério pascal. Por isso, utilizem-se com mais abundância os elementos baptismais próprios da liturgia quaresmal e retomem-se, se parecer oportuno, elementos da antiga tradição (SC 109).

A ordenação das leituras tem uma finalidade pastoral, fruto dum trabalho realizado «com a colaboração de numerosos peritos de todo o mundo em matéria exegética, litúrgica, catequética e pastoral» (Prel. Orden. Leccion. da Missa, 58). «Embora a acção litúrgica não seja, por si mesma, uma forma qualquer de catequese, tem, contudo, uma acção didáctica que se exprime também no Leccionário do Missal Romano» (cfr. SC 33), de tal modo que se

pode justamente considerar como um instrumento pedagógico destinado a fomentar catequização» (Prel. Orden. Leccion. da Missa, 61).

A mesa da Palavra é, pois, uma característica própria do tempo quaresmal. Dela nos falam muitas leituras ao longo da Quaresma, porque dela depende a verdade da Páscoa. Através da Palavra, o Senhor vai conduzindo a sua Igreja à compreensão e celebração da Páscoa. Logo no início da Quaresma uma leitura descreve-nos em imagem a importância e a acção da Palavra de Deus na vida do seu povo:

«A chuva e a neve, ao descerem do céu, não voltam para lá sem terem regado a terra, sem a haverem fecundado e feito produzir, para que dê a semente ao semeador e o pão a quem come. Assim é a palavra que sai da Minha boca: não volta sem ter produzido o seu efeito, sem ter cumprido a Minha vontade, sem ter realizado a sua missão» (Is. 55. 10-11).

A Quaresma é uma caminhada para a Páscoa em três tempos, fases ou momentos:

O PRIMEIRO TEMPO vai da Quarta-feira de Cinzas até ao fim da segunda semana e expõe o sentido global da Quaresma, o que se pretende com ela e os meios para se alcançar a renovação pessoal, como fruto do mistério pascal.

O SEGUNDO TEMPO vai do terceiro Domingo ao fim da quinta semana e apresenta o mistério de Cristo em nós, através da participação e renovação dos sacramentos da Iniciação Cristã. Este é o tempo das grandes catequese sobre os sacramentos pascais, que fazem do catecúmeno um cristão adulto na fé que nasce da Palavra e conduz ao sacramento.

O TERCEIRO TEMPO vai do Domingo de Ramos e Paixão até Quinta-feira Santa e apresenta o mistério pascal de Cristo nos Seus últimos passos sobre a terra: encontro com Lázaro ressuscitado e com os discípulos à mesa, diálogo com João acerca do traidor e com Judas acerca da hora (*«o que tens a fazer, fá-lo sem demora»*) e com Pedro (*«não cantará o galo sem Me haveres negado três vezes»*). Na Quarta-feira escutamos o acordo de Judas com os sumos sacerdotes e a despedida de Jesus: (*«o Filho do*

homem vai partir»). Na Quinta-feira Santa de manhã, na Missa Crismal, temos uma celebração que faz a transição das celebrações quaresmais às pascais: a bênção dos óleos e a renovação das promessas sacerdotais indicam a nova forma de presença do Senhor que parte no corpo que tomou, mas que perpetua a Sua presença nos sacramentos que instituiu e nos ministros que consagrou e fez participar do Seu ministério. Segue o Tríduo Pascal em que a Igreja celebra a partida de Cristo deste mundo para o Pai, mediante a realização da Páscoa.

2 — A LITURGIA DA PALAVRA NOS DOMINGOS DA QUARESMA

«Nos Domingos, as leituras do Evangelho estão dispostas do seguinte modo: no primeiro e segundo domingos, conservam-se as narrativas da Tentação e da Transfiguração do Senhor, que se lêem, no entanto, segundo os três Sinópticos. Nos três domingos seguintes, repuseram-se, para o ano A, os Evangelhos da Samaritana, do Cego de nascença e da ressurreição de Lázaro. Por serem da maior importância no tocante à iniciação cristã, estes Evangelhos podem ler-se também nos anos B e C, sobretudo onde houver catecúmenos. Entretanto, nos anos B e C, propõem-se também outros textos: no ano B, textos de S. João sobre a futura glorificação de Cristo pela Cruz e pela Ressurreição; no ano C, textos de S. Lucas sobre a conversão. No Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, foram escolhidos, para a procissão, textos dos três Evangelhos Sinópticos que se referem à entrada solene do Senhor em Jerusalém; e à Missa, lê-se a narrativa da Paixão do Senhor. As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação, um dos temas próprios da catequese quaresmal. Em cada um dos anos, há séries de textos em que se dão os principais elementos daquela história, desde o início até à promessa da Nova Aliança. As leituras do Apóstolo foram escolhidas de forma que correspondessem às leituras do Evangelho e do Antigo Testamento, e, tanto quanto possível, se obtivesse entre elas uma conexão mais adequada» (Prel. Orden. Leccion. da Missa, 97).

Devemos distinguir, antes de mais, os três tempos da Quaresma.

O PRIMEIRO TEMPO reúne e une os dois primeiros Domingos com uma temática bem definida: a nossa situação neste mundo e

a nossa vocação celeste com os Domingos das Tentações e da Transfiguração. Isto acontece nos anos A, B e C.

O SEGUNDO TEMPO reúne os Domingos III-IV e V, diferentes em cada ano:

O ano A destina-se mais aos que se preparam para o Baptismo e aos que vão renovar as promessas do Baptismo. Estes três Domingos oferecem três grandes catequeses sobre o Baptismo, o Espírito Santo e a Eucaristia.

O ano B apresenta uma catequese sobre o novo Templo, a Cruz e a Glorificação; contributo importante para a compreensão do mistério pascal, tal como é apresentado no ano A.

O ano C apresenta-nos textos sobre a conversão, a reconciliação e a vida nova: catequeses baptismais e eucarísticas.

O TERCEIRO TEMPO limita-se ao Domingo de Ramos e Paixão e celebra a solene entrada do Senhor em Jerusalém para sofrer a Paixão, passar pela morte e alcançar a ressurreição.

Cada um destes três anos apresenta uma mensagem sobre o mistério pascal na história da salvação (ano A), através das grandes alianças (ano B) e mediante a celebração do culto (ano C).

A ANO A apresenta os grandes momentos da história da salvação na sua fase de anúncio (criação, pecado, vocação de Abraão, água do deserto, escolha de David e promessa da ressurreição) e na sua fase de realização no Criador feito criatura em Cristo tentado, porque filho do homem, sujeito à fraqueza, e vencedor, porque Filho de Deus em Quem actua a força divina: n'Ele fomos tentados e n'Ele fomos vencedores. Na Sua humanidade e na sua divindade, Cristo apresenta-se aos homens como a Água viva, a Luz de Deus e a Vida dos homens. Este ano A é o mais adequado à preparação dos catecúmenos para o Baptismo que devem receber na Vigília Pascal, sendo para tal inscritos no Domingo I da Quaresma e recebendo desde então o nome de *eleitos*. Nos Domingos III-IV e V celebram-se os escrutínios que se destinam a ajudar os *eleitos* a libertar-se do pecado e do demónio e a fortalecer-se em Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cfr. Prel. Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, 25).

O ANO B representa as grandes alianças de Deus com os homens na sua fase de anúncio (Noé, Abraão, Israel, exílio e promessa de uma nova aliança gravada no coração) e na sua fase de realização da Aliança em Cristo, tentado na Sua humanidade e transfigurado na Sua divindade, apresentado como novo Templo de Deus, elevado na cruz onde é glorificado, realizando no Seu Sangue a nova e eterna Aliança de Deus com os homens.

O ANO C apresenta a celebração da salvação no culto, recordando a sua fase de anúncio na oferta das primícias da terra, no sacrifício de Abraão, no encontro de Deus com Moisés, na Páscoa da terra prometida, onde se inaugura um mundo novo que Cristo instaura, oferecendo ao Pai o culto do deserto desta vida em luta pela fidelidade, vencendo as tentações, e no esforço por subir ao alto monte da união com Deus e com os homens, onde se contempla a glória da humanidade e a paixão da divindade. Seguem os Domingos da procura do pecador arrependido que regressa ao Pai, como o filho pródigo, para iniciar uma nova vida, como a mulher adúltera, que no Pai e em Cristo reencontram a vida que constitui o culto mais agradável a Deus.

Uma visão geral do conjunto dos três anos permite-nos concluir não só uma unidade temática que proclama em cada ano o essencial do mistério pascal na História, nas Alianças e no Culto, mas ainda uma unidade crescente e evolutiva em todos os anos, de modo que, de Domingo a Domingo, se percorre em cada ano a evolução do mistério pascal, desde a primeira à última Criação. Vejamos:

- I — Criação — Pecado — Dilúvio — Aliança — Fé e Culto são a situação terrena do homem, cujo modelo nos é apresentado em Cristo, a primeira criatura que venceu o pecado no dilúvio do Seu Sangue de Aliança para instaurar o novo culto do homem a Deus.
- II — A vocação, o sacrifício e a fé de Abrão, nosso pai na fé, descrevem o modelo de vida que os crentes são chamados a imitar no seu viver como peregrinos com Cristo a caminho do monte da glória, onde a divindade se revela na humanidade que assume e transfigura.
- III — A água do deserto, a lei de Moisés e a presença do Senhor

libertador são expressões do amor de Deus que em Cristo se fez água viva, novo templo e conversão perfeita, que conduzem da escravidão à libertação: esquema dinâmico e celebrativo do mistério pascal no sacramento do Baptismo.

- IV — A escolha e unção de David como rei, as infidelidades, castigos, conversões e libertações dum povo que celebrava a páscoa, falam da história de Israel que anuncia um novo Israel com uma nova história. Os cegos de nascença no pecado, situação da humanidade após o pecado, encontram a luz da salvação na Cruz que os reconcilia com o Pai. O Espírito Santo concedido para remissão dos pecados é o autor desta nova fase da história da salvação.
- V — A mensagem dos profetas, que anunciaram a ressurreição e uma nova aliança para um mundo novo, alcança a sua realização na ressurreição de Lázaro, onde Cristo anuncia a Sua própria morte e ressurreição como princípio de vida fecunda, e na conversão da mulher adúltera que reencontra a sua dignidade de filha de Deus, livre e salva.
- VI — Toda esta obra de salvação, anunciada e descrita pelos profetas, é realizada em Cristo que entra triunfalmente em Jerusalém a caminho da Paixão gloriosa que O conduzirá à glória celeste.

O mistério pascal é toda esta maravilha proclamada nas leituras da Missa ao longo dos Domingos da Quaresma nos seus três ciclos anuais.

2.1 — *Esquema temático das leituras dos Domingos da Quaresma*

Dia	Ant. Testamento	Apóstolo	Evangelho
I A	Criação e Pecado	Pecado e graça	<i>Tentação de Cristo</i>
B	Dilúvio e Aliança	Dilúvio e Baptismo	Idem
C	Profissão de fé	Fé em Cristo	Idem
II A	Vocação de Abraão	Nossa vocação	<i>Transfiguração</i>
B	Sacrifício de Abraão	Deus entrega o Filho por nós	Idem
C	Fé de Abraão e Aliança	A nossa Pátria está nos céus	Idem
III A	A água do deserto	O amor de Deus em nosso coração	<i>A Samaritana e a Água viva</i>
B	A Lei de Moisés	Cristo crucificado: sabedoria e escândalo	Purificação do Templo e anúncio do novo Templo
C	O Senhor liberta	O caminho do deserto é exemplo	Converter-se ou perecer: conversão
IV A	Unção do Rei: (luz de Deus)	Viver como filhos da luz	Cego de nascença e a <i>Luz de Deus</i>
B	Infidelidade e castigo; conversão	Mortos pelo pecado: ressuscitado pela graça	A serpente no deserto e Cristo elevado na Cruz
C	A Páscoa na Terra Prometida	Reconciliados com Deus em Cristo	O filho pródigo e a <i>reconciliação</i>
V A	Visão da ressurreição	A nossa ressurreição	Ressurreição de Lázaro: <i>Vida do ressuscitado</i>
B	Nova Aliança gravada no coração	Oração de Cristo ao Pai	O grão de trigo enterrado dá muito fruto. <i>Glorificação</i> Elevado da terra atrairei tudo a Mim:
C	Esquecer o passado: mundo novo	Ressuscitar com Cristo	A mulher adúltera reencontra a sua dignidade: <i>vida nova</i>
Ramos A. B. C.	Profecia da Paixão: o servo sofredor	Cristo humilhou-Se e Deus exaltou-O	Paixão de Cristo

N. B.: *Este ESQUEMA deve ser lido na horizontal e na vertical:
 Por Leituras (Ant. Testam. + Apóstolo + Evangelho)
 Por Domingos (Dom. I + II + III + IV + V)
 Por Anos (A + B + C)*

2.2 — Relação entre as leituras nos Domingos da Quaresma

PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA

Ant. Testam. = Anúncio	Evangelho = realização
<p><i>Deus formou o homem da terra deu-lhe vida, colocou-o no jardim, onde estava a árvore da vida e da morte.</i></p> <p><i>No Paraíso havia abundância de frutos agradáveis à vista e bons para comer.</i></p> <p><i>O homem foi tentado: comer de tudo para abrir os olhos, ser como Deus para conhecer o bem e o mal, possuir tudo para não morrer.</i></p> <p><i>O homem obedece à serpente: a serpente serve o homem.</i></p> <p><i>O homem perde a inocência.</i></p> <p><i>Ruína de Adão e Eva.</i></p>	<p><i>Jesus (o Filho de Deus e o Filho do homem) movido pelo Espírito Santo foi conduzido ao deserto a fim de ser tentado pelo demônio.</i></p> <p><i>Jesus jejuou durante 40 dias e 40 noites e no fim sentiu fome.</i></p> <p><i>Jesus foi tentado: transformar pedras em pão, tentar a Deus.</i></p> <p><i>«Dar-te-ei tudo se me adorares».</i></p> <p><i>Jesus desobedece ao demônio.</i></p> <p><i>os Anjos de Deus servem Jesus.</i></p> <p><i>Jesus convive com os Anjos de Deus.</i></p> <p><i>Vitória de Cristo e da Igreja.</i></p>

Comentário do Apóstolo

Adão é figura de Cristo. Adão desobedece e Cristo obedece.
O pecado de Adão conduziu à condenação e à morte.
A graça de Cristo conduz à justificação e à vida eterna.
Adão é o pai dos pecadores e Cristo o pai dos redimidos.
Por um homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte.
Por um homem entrou a graça no mundo e pela graça a vida.

SEGUNDO DOMINGO DA QUARESMA

Ant. Testam. = Anúncio	Evangelho = realização
<p><i>O Senhor disse a Abraão:</i></p> <p><i>«Deixa a tua casa, os teus parentes, e a tua casa paterna e parte para o país que Eu te indicar.</i></p> <p><i>Farei de ti uma grande nação.</i></p> <p><i>Hei-de abençoar-te e tu serás uma bênção.</i></p> <p><i>Abençoarei quem te abençoar.</i></p> <p><i>Por causa de ti, se não-de considerar abençoadas todas as nações da terra.</i></p> <p><i>Abraão partiu, como o Senhor lhe ordenara.</i></p>	<p><i>Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João, e conduziu-os, em particular, a um alto monte.</i></p> <p><i>E transfigurou-Se diante deles.</i></p> <p><i>O Seu rosto ficou brilhante como o Sol.</i></p> <p><i>Apareceram-lhes Moisés e Elias que falavam com Ele.</i></p> <p><i>e da nuvem uma voz dizia:</i></p> <p><i>Este é o Meu Filho muito amado: escutai-O.</i></p> <p><i>Levantai-vos e não temais.</i></p> <p><i>Não faleis a ninguém desta visão, enquanto o Filho do homem não ressuscitar dos mortos.</i></p>

Comentário do Apóstolo

Deus salvou-nos e chamou-nos para sermos santos, em virtude, não das obras, mas do Seu próprio desígnio e da Sua graça. Esta graça foi-nos dada em Cristo, desde toda a eternidade, e manifestou-se agora.

Ele destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade.

N. B. : Não forçar as relações na horizontal, mas ler o tema da vocação — resposta.

TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA

Ant. Testam. = Anúncio	Evangelho = realização
<p><i>O povo israelita no deserto atormentado pela sede, murmurou contra Moisés: Porque nos retirastes do Egito? Foi para nos matares à sede? Moisés disse ao Senhor: que posso fazer em favor deste povo?</i></p> <p><i>Um pouco mais e vão apedrejar-me. O Senhor respondeu a Moisés: Toma a vara e põe-te em marcha. Eu estarei em frente de ti no rochedo. Tu hás-de fustigar esse rochedo e dele sairá água. Moisés assim fez. O povo acreditou no Senhor.</i></p>	<p><i>Jesus chegou a uma cidade da Samaria. Cansado da caminhada, sentara-se na fonte, sem mais. Era por volta do meio-dia. Jesus disse à samaritana: dá-Me de beber. A samaritana respondeu a Jesus: Como é que Tu, judeu, me pedes de beber, sendo eu samaritana? Os judeus não se dão com os samaritanos. Jesus replicou à samaritana: se conhecesses o dom de Deus e Aquele que te diz: dá-me de beber, tu és que Lho terias pedido e Ele te haveria dado água viva. Senhor, vejo que és profeta. Muitos samaritanos acreditaram em Jesus.</i></p>

Comentário do Apóstolo

Nós somos justificados pela fé. Quando éramos fracos, Cristo morreu por nós. Deus prova assim o Seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores.

QUARTO DOMINGO DA QUARESMA

Ant. Testam. = Anúncio	Evangelho = realização
<p><i>O profeta Samuel é enviado por Deus a Jessé de Belém. O Senhor disse a Samuel: não prestes atenção à sua aparência, nem à sua elevada estatura. Deus não vê como o homem. O homem olha às aparências, mas o Senhor vê o coração. David era ruivo, de belos olhos e aspecto agradável. Samuel pegou na âmbula de óleo e deu-lhe a unção. Daquele dia em diante, o Espírito do Senhor apoderou-se de David.</i></p>	<p><i>Jesus passava e viu um cego de nascença. Os discípulos perguntaram-Lhe: Mestre, quem pecou, ele ou os pais, para ter nascido cego? Nem ele nem seus pais pecaram. Mas tinham de manifestar-se nele as obras de Deus. Enquanto Eu estou no mundo, sou a luz do mundo. Jesus cuspiu na terra e fez lodo; untou com lodo os olhos do cego. Ele foi, lavou-se e voltou de lá a ver.</i></p>

Comentário do Apóstolo

Em tempos, vós éreis trevas, mas agora sois luz pela união ao Senhor. A luz dá origem à bondade, justiça e verdade. «Desperta, tu que dormes... e Cristo brilhará sobre ti».

QUINTO DOMINGO DA QUARESMA

Ant. Testam. = Anúncio	Evangelho = realização
<p><i>Eis o que diz o Senhor: Vou abrir os vossos túmulos; deles vos farei ressuscitar, para vos reconduzir à terra de Israel. Haveis de reconhecer que sou o Senhor, quando Eu abrir os vossos túmulos e deles vos fizer ressuscitar.</i></p> <p><i>Porei o Meu Espírito em vós; haveis de viver, e Eu vos fixarei na vossa terra, e vós reconheceréis que Eu, o Senhor, o afirmo e o realizo.</i></p>	<p><i>Jesus disse aos discípulos: Lázaro está a dormir, mas eu vou lá para o despertar. Jesus referia-se à morte de Lázaro. Eu, por vossa causa estou contente de lá não ter estado, para que vós acrediteis. Eu sou a ressurreição e a vida. Jesus bradou com voz forte: Lázaro vem para fora. Desligai-o e deixai-o ir. Então, muitos judeus viram o que Jesus fez e acreditaram n'Ele.</i></p>

Comentário do Apóstolo

*Os que estão sob o domínio da natureza
não podem agradar a Deus.
Vós estais sob o domínio do Espírito.
Se Cristo Se encontra em Vós,
o vosso espírito está vivo.
E, se habitar em vós o Espírito
d'Aquele que ressuscitou Jesus dos mortos,
também dará vida aos nossos corpos mortais.*

3 — A LITURGIA DA PALAVRA NOS DIAS FERIAIS

«Nos dias feriais, as leituras do Evangelho e do Antigo Testamento foram escolhidas de modo que se relacionam mutuamente, e tratam de vários temas próprios à catequese quaresmal, adaptados ao sentido espiritual deste tempo. A partir da segunda-feira da quarta semana, é dada a leitura semi-contínua de S. João, na qual se encontram os textos deste Evangelho mais plenamente adequados às características da Quaresma.

Uma vez que as leituras da Samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro se lêem agora nos Domingos, embora somente no ano A (nos outros anos, só facultativamente), providenciou-se para que, nos dias feriais, se possam utilizar também: assim, no princípio das semanas terceira, quarta e quinta, inseriram-se «Missas facultativas» com aqueles textos; tais Missas podem utilizar-se em lugar das leituras do dia, em qualquer féria da respectiva semana.

Nos primeiros dias da Semana Santa, as leituras visam o mistério da Paixão. Na Missa Crismal, as leituras põem em relevo, não só a missão messiânica de Cristo, mas também a Sua continuação na Igreja pelos sacramentos» (Prel. Orden. Leccion. da Missa, 98).

A Liturgia da Palavra dos dias feriais desenvolve a dos Domingos e aprofunda com uma grande variedade de leituras a mensagem essencial do mistério pascal proclamado em cada Domingo. Este desenvolvimento é feito também em três tempos, como foi dito e explicado na temática dominical.

3.1. — Relação temática das leituras feriais da Quaresma

Dia	Ant. Testam.	Sal. Respons.	Evangelho
Cinzas	<i>Conversão interior</i>	Confissão dos pecados	A penitência agradável a Deus; conversão interior
5 f.	Opção entre a vida e a morte	<i>Os dois caminhos</i> o da vida e da morte	O caminho de Cristo e o seguir a Cristo
6 f.	A caridade, a justiça e o amor são o melhor jejum	O sacrifício agradável a Deus é o espírito arrependido e humilde	<i>O sentido do jejum:</i> ausência do esposo. A alma não jejua quando comunga
Sáb.	A caridade e a Lei são fonte de bênção divina e riqueza	<i>O caminho da salvação</i>	Chamada dos pecadores à conversão. Levi entra no caminho da salvação
Sem. I	Temática geral: conversão a Deus (oração) e ao próximo (a lei do amor)		
2 f.	A lei do Senhor. <i>o amor ao próximo</i>	Elogio da lei divina	O que se faz ao próximo é a Deus que se faz
3 f.	A palavra de Deus realiza o que anuncia	Deus atende o justo	Orar não consiste em multiplicar as palavras: <i>a oração do Pai nosso</i>
4 f.	Deus perdoa sempre <i>o pecador arrependido</i>	O coração contrito não é desprezado por Deus	Jonas e o arrependimento dos ninivitas: Cristo e os judeus
5 f.	Deus atende a súplica dos atribulados; a força da oração	O justo clama e Deus escuta	<i>Pedir para receber.</i> Deus é Pai e os homens são filhos
6 f.	O pecador convertido torna-se justo e o justo que peca torna-se pecador	A situação pecadora dos homens e a misericórdia divina	A Lei de Moisés <i>A Lei de Cristo:</i> a caridade é plenitude da lei
Sáb.	Os benefícios da Aliança dependem da fidelidade aos mandamentos	A felicidade encontra-se nos caminhos da lei do Senhor	A perfeição evangélica exige <i>o amor ao inimigo</i>
Sem. II	Temática geral: o perdão dos pecados, a interioridade e os verdadeiros valores e o anúncio da Paixão		
2 f.	A infidelidade levou o povo à desgraça	A oração do pecador	<i>A medida dos homens é a medida de Deus</i>
3 f.	A obediência à lei conduz à salvação	Os caminhos do justo conduzem à salvação	O humilde será elevado: <i>a humildade</i>
4 f.	Atentado contra o justo	Oração do justo atribulado	Cristo anuncia e inicia <i>o caminho da Paixão</i>
5 f.	A desgraça da confiança no homem e a felicidade da confiança em Deus	<i>A sorte do justo e do ímpio</i>	O bem estar terreno e a felicidade celeste. O testemunho das Escrituras e o pobre Lázaro

6 f.	José é vítima da inveja dos irmãos	A sorte de José: vendido como escravo e feito senhor da casa de Faraó	Parábola da perseguição dos judeus contra o <i>Herdeiro do Senhor da Vinha</i>
Sáb.	Apelo do povo à compaixão divina a fim de ser salvo	Deus é clemente e compassivo	A parábola do filho pródigo: <i>o amor de Deus para com os pecadores</i>
Sem. III	Temática geral: o mistério de Cristo em nós através dos sacramentos pascais. A salvação de Deus depende do nosso perdão ao próximo, da escuta do único Salvador e da interioridade do culto.		
2 f.	Cura de Naamã	A alma sedenta de Deus	Jesus é enviado a todos. Sinal de Elias e Eliseu: <i>Onde não há fé não há milagre - sacramento</i>
3 f.	Oração de Azarias: Não nos abandoneis, Senhor	Apelo à misericórdia divina	<i>Deus perdoa aos que perdoam</i>
4 f.	Os mandamentos de Deus são a sabedoria do povo	<i>A Palavra de Deus</i> é a glória de Jerusalém	A lei e o reino dos céus
5 f.	O povo não escutou a voz do Senhor	Escutai a voz do Senhor	<i>Estar com o Senhor ou contra Ele</i>
6 f.	Deus é a única fonte de vida	Eu sou o Senhor: escuta a Minha voz	<i>Deus é único e não há outro</i>
Sáb.	Deus quer o amor e não os sacrifícios	Eu quero misericórdia e não o sacrifício	<i>O culto interior: o publicano e o fariseu</i>
Sem. IV	O Evangelho apresenta a leitura semi-continua de S. João, que se vai prolongar até ao fim do Tempo Pascal, tendo como objectivo as catequeses sobre os Sacramentos da Iniciação Cristã.		
2 f.	Novos céus e nova terra	A alegria da salvação	<i>Fé na Palavra que salva: «Vai, o teu filho vive»</i>
3 f.	<i>As águas que nascem do Templo dão vida</i>	O rio que alegra a cidade de Deus	A cura do enfermo nas águas da piscina
4 f.	O Senhor ama o Seu povo e nunca o esquece	O Senhor é clemente e compassivo	<i>O Pai e o Filho amam e desejam a salvação do homem</i>
5 f.	Moisés intercede ao Senhor pelo povo	Intercessão de Moisés	Moisés acusará os que não acreditam
6 f.	Ciladas dos ímpios contra o justo	O Senhor está perto dos corações atribulados	Procuravam prender Jesus: <i>a hora de Jesus</i>
Sáb.	Conjura contra o justo	Em Vós me refugio	<i>Conjura contra Jesus</i>

Sem. V	Temática geral: o poder do Senhor que reúne e salva o povo, mediante a Sua morte.		
2 f.	Susana inocente é condenada pelos ímpios e salva por Deus	Nos vales tenebrosos, Vós estais comigo	A mulher adúltera é salva: <i>Cristo e o pecador</i>
3 f.	A serpente de fogo presa no poste salva os que a olham	O Senhor liberta os condenados à morte	Jesus elevado na Cruz: <i>a salvação vem do alto</i>
4 f.	Os três jovens salvos do fogo pela fidelidade	A oração dos três jovens	<i>A verdade liberta</i>
5 f.	A Aliança com Abraão e sua descendência	O Senhor recorda sempre a Sua Aliança	<i>Se alguém guardar a Minha palavra nunca mais verá a morte</i>
6 f.	Jeremias perseguido pela multidão é salvo por Deus	Na aflição invoquei o Senhor e Ele ouviu a minha voz	<i>Jesus perseguido</i>
Sáb.	Farei deles um só povo, quando o meu santuário estiver no meio deles	O Senhor guarda-nos como o pastor ao seu rebanho	<i>Jesus ia morrer pela Nação e para trazer à unidade os que andavam dispersos</i>

Semana Santa: o mistério pascal de Cristo no caminho da Paixão gloriosa

2 f.	O Servo de Javé e a sua missão de salvação	O Senhor é luz e salvação	Jesus convive com Lázaro ressuscitado e Maria unge-O antes da morte na esperança da ressurreição
3 f.	O Servo de Javé e a sua missão de salvação	Desde o seio materno sois o seu protector	A hora de Jesus: traição de Judas (Esta noite teria sido a noite da traição)
4 f.	O Servo de Javé e a sua missão de salvação	O oração do angustiado	Judas negocia a vida de Jesus. Despedida de Jesus

N. B.: Este esquema é um ensaio e uma tentativa pessoal de resumo da temática do Leccionário da Quaresma.

4 — A ESPIRITUALIDADE DO LECCIONÁRIO DA QUARESMA

4.1 — A conversão e a penitência

A primeira leitura da Quaresma é um apelo à conversão: «*voltai para mim de todo o coração*» (Joel 2, 12; 4 f. Cinzas). Deus deseja a conversão: «*É a morte do pecador o que Me agrada? Não é antes que abandone o seu mau proceder e que viva?*» (Ez 18, 23; 6 f. Sem I). É necessário que o pecador reconheça o seu pecado: «*Nós pecámos, cometemos acções injustas e perversas, fomos rebeldes e deixámos os vossos mandamentos*» (Dan 9, 5; 2 f. Sem II). A conversão consiste em voltar para o Senhor: «*Escutai a Minha voz. Eu sou o Deus, e vós sereis o Meu povo*» (Jer 7, 23; 3 f. Sem III). Jonas é um apelo e um sinal de conversão (cfr. Jon 3, 1-10; 4 f. Sem I). O filho pródigo é um convite a voltarmos à casa do Pai (cfr. Lc 15, 1-3. 11-32; Sab. Sem II). Deus salva a vida dos inocentes que O suplicam, como Susana (cfr. Dan 13, 1-9. 15-17. 19-30. 33-62; 2 f. Sem V), e salva a vida dos pecadores sem voz, como a mulher adúltera: «*vai, e doravante não tornes a pecar*» (Jo 8, 11; 2 f. Sem V).

A penitência agradável a Deus consiste em quebrar as cadeias injustas, desapertar os laços da servidão, pôr em liberdade os oprimidos, romper toda a espécie de jugos, repartir o pão com o faminto, dar pousada aos pobres sem abrigo, levar roupa a quem anda despido e não voltar as costas ao semelhante (cfr. Is 58, 1-9; 6 f. Cinzas). A penitência que a Palavra proclama é o resultado da conversão do coração. A verdadeira penitência consiste em permanecer unido a Cristo esposo, para se ser fecundo em frutos de amor fraterno.

Todas as formas de penitência cristã devem nascer e conduzir à união com Cristo: «*Podem os companheiros do noivo estar de luto enquanto o noivo está com eles? Virão dias em que o noivo lhes será tirado; nessa altura é que hão-de jejuar*» (Mt 9, 15; Sab. Cinzas).

4.2 — A oração e a caridade

A atitude dos fiéis na Quaresma não consiste só em escutar e meditar a Palavra. A primeira actividade dos fiéis é a oração que nasce da palavra para pedir o que nela se oferece. Logo no início da

Quaresma o Senhor convida-nos a escutá-LO e ensina-nos a rezar: «Quando orardes, não digais muitas palavras... o vossó Pai do Céu bem sabe do que precisais, antes de vós Lho pedirdes. Oraí deste modo: Pai nosso» (Mt 6, 7: 3 f. Sem I).

A oração é a voz da situação humana que clama ao Senhor (cfr. 4 f. Sem II e 3 f. Sem III) e a nossa força diante de Deus: «Pedi e dar-vô-ão. O Pai que está nos céus dará coisas boas àqueles que Lhas pedem» (Mt 7, 12: 6 f. Sem I). Purificados pela Palavra e pela oração (cfr. Is 55, 10-11: 3 f. Sem I) poderemos seguir Jesus na fidelidade (cfr. Lc 9, 22-25: 5 f. Cinzas; Lc 5, 27-32: Sab. Cinzas) e estar com Ele (cfr. Lc 11, 14-23: 5 f. Sem III) no serviço divino e no sofrimento (cfr. Mt 20, 17-28: 4 f. Sem II). A oração é a melhor expressão do coração, onde Deus actua: *Penetro os corações e aprofundo os sentimentos, para retribuir a cada qual segundo o seu proceder, conforme o fruto das suas próprias obras*» (Jer 17, 10: 5 f. Sem II).

A caridade, como elemento quaresmal, anda unida à oração, porque nesta nos relacionamos com Deus e naquela nos encontramos com o próximo. Na caridade se encontra a renovação do homem e do mundo. A caridade humana condiciona o perdão divino: «A medida que empregardes é que hão-de empregar para vós» (Lc 6, 38: 2 f. Sem I e Mt 18, 21-35: 3 f. Sem III). A caridade começa na renúncia ao eu pessoal (cfr. Is 58, 1-9: 6 f. Cinzas; Is 58, 9-14: Sáb. Cinzas e Lev 19, 1-2, 11-18 e Mt 25, 31-46: 2 f. Sem I) e deve estender-se aos inimigos: «Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem» (Mt 5, 44: Sab. Sem I). No amor está a perfeição da antiga lei (cfr. Mt 7, 17-19: 4 f. Sem III; Mc 12, 28-34: 6 f. Sem III; Lc 18, 9-14: Sáb. Sem III).

4.3 — O Baptismo e a salvação

Muitas leituras se referem ao Baptismo para o qual encaminham os catecúmenos e os fiéis que o hão-de assumir de novo na Vigília Pascal. As catequese sobre o Baptismo começam, sobretudo, na terceira semana com a cura de Naamã nas águas do rio Jordão (cfr. 2 Re 5, 1-15: 2 f. Sem III) e com a cura do filho do centurião (cfr. Jo 4, 43-54: 2 f. Sem IV). A cura é fruto da acção divina que actua no elemento natural. Não são as águas do rio Jordão (porque as dos rios de Damasco eram melhores), nem a imposição das mãos (porque Elias nem viu o doente) que operam natural da água, no caso de Naamã, e do elemento espiritual da

natural da água, no caso de Naamã e do elemento espiritual da palavra, no caso do centurião. Em ambos os casos a fé actua como elemento essencial: «*Naamã mergulhou sete vezes no Jordão, segundo a palavra do homem de Deus... e ficou purificado*» (2 Re 5, 14: 2 f. Sem III), e o centurião «*acreditou nas palavras que Jesus lhe tinha dito... e verificou ter sido àquela hora que Jesus lhe tinha dito: o teu filho está vivo*» (Jo 4, 50-53: 2 f. Sem IV).

Outras catequeses sobre o elemento natural do sacramento do Baptismo são a água que sai do templo na visão de Ezequiel (cfr. Ez 47, 1-12: 3 f. Sem IV) e a água da piscina de Betsatá (cfr. Jo 5, 1-16: 3 f. Sem IV). Para que o elemento natural actue é necessário a fé de Abraão, de Naamã, do centurião e da samaritana. O sacramento só é possível onde há fé.

A salvação, fruto da fé e do sacramento, não é um rito, mas a própria vida divina concedida a quem tudo arrisca para a conseguir. Deus salva os que são perseguidos e arriscam a vida pelo nome e pela fidelidade a Deus, como Jeremias (cfr. Jer 20, 10-13: 6 f. Sem V) e os três jovens na fornalha ardente (cfr. Dan 3, 14-20.91-92.95: 4 f. Sem V). A salvação depende da Aliança contida na Palavra: «*Se alguém guardar a Minha palavra nunca mais verá a morte*» (Jo 8, 51: 5 f. Sem V). A salvação é fruto do mistério pascal de Cristo: «*Jesus ia morrer... para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos*» (Jo 11, 51-52: Sáb. Sem V).

4.4 — A caminhada para a Páscoa

A Quaresma é uma caminhada para a Páscoa, que é Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo e do cristão. As leituras desenvolvem este tema no episódio de José, vendido pelos irmãos, mas elevado por Deus a senhor da casa de Faraó (cfr. Gen. 37, 3-28: 6 f. Sem II), já que os filhos de Jacob se recusavam a servir o pai no seu filho querido. José é tipo e figura de Cristo, como explica Jesus na parábola dos agricultores homicidas no mesmo dia em que a Liturgia da Palavra recorda a história de José.

O caminho da Páscoa é um caminho de conspiração contra o justo (cfr. Sab 2, 12-22: 6 f. Sem IV) e contra Cristo (cfr. Jo 7, 1-30: 6 f. Sem IV) que se fez cordeiro conduzido ao matadouro (Je 11, 18-20: Sáb. Sem IV). No caminho da Páscoa encontra-se a Cruz e o crucificado a atrair e salvar os que O olham com fé, a exemplo dos israelitas no deserto a olharem para a serpente de bronze elevada no poste (cfr. Num 21, 4-9: 3 f. Sem V).

O Cristo do mistério pascal é o caminho da Páscoa: sem Ele não há caminho nem se alcança a Páscoa. Através da Palavra, Ele faz-Se no Sacramento o caminho que percorrido conduz à Páscoa.

FR. PEDRO FERREIRA, OCD

Os Cânticos e a Música Litúrgica para o Tempo da Quaresma

ABERTURA :

Dada a diversidade das pessoas presentes, e um bom número vem pela primeira vez, e dado que um tema particular corre o risco de se apresentar desgarrado se não for enquadrado pelo conjunto, pareceu-me importante dividir este trabalho em duas grandes partes:

- Na 1.^a parte apresentarei sobretudo os fundamentos antropológicos e musicais sobre os quais poderemos assentar o tema, propriamente dito, uma vez que ele é já uma especialização no vasto campo da música litúrgica.
- Na 2.^a parte tentarei concretizar e apresentar os pressupostos fundamentais para uma correcta praxis da música litúrgica no tempo quaresmal.

1.^a PARTE :

I. Que resposta daremos a perguntas como estas:

- A música faz parte da Liturgia?
- A música é um elemento integrante ou de vez em quando pode dispensar-se?
- O homem e o elemento sonoro que ligação têm?
- Será que a música ajuda a penetrar o mistério?

Se olharmos com atenção o mundo que nos rodeia não será difícil perceber a multiplicidade do fenómeno sonoro e o quanto ele nos atinge. Sob a forma de simples ruído ou de mais ou menos musicalidade o homem sente o equilíbrio ou desequilíbrio do som. Ao longo da História muitas vezes e de diversos modos tentou o homem dominá-lo, modelá-lo, esperando obter a dose ideal de inspiração (elemento divino) e de técnica (elemento humano). De qualquer forma, a matéria sonora serviu e serve para o homem se exprimir como abertura ao êxtase, ao transcendente, ao divino. Durante gerações e gerações, os homens, dos simples aos sábios, exprimiram-se através deste «influxo celeste», participando da «transfusão do divino». Nesta difícil batalha, entre duas atitudes, a activa e a passiva, o dominar e ser dominado pelo fenómeno sonoro, o homem vê-se obrigado a ter em atenção todas as suas forças ou realidades: sensibilidade, inteligência, motricidade, fundo instintivo. É que elas são profunda e misteriosamente atingidas. E este despertar profundo modifica o seu próprio ser.

O homem procura, assim, fazer o seu regresso ao transcendente; a música torna-se ritual e mágica; surge a noção de «música sacra».

Podemos, por isso, dizer que a linguagem dos sons criada pelo homem torna-se um *símbolo humano*. Acompanhando a palavra ou separada dela, ela apresenta-se como um discurso independente, capaz de se tornar fonte e expressão de sentimentos. Por outro lado, os sons podem apresentar-se como *símbolo divino* enquanto eles tendem para operar a síntese entre o natural e o sobrenatural, entre o Criador e as criaturas.

II. Do acima exposto se deduz a íntima ligação entre a música, o homem e o rito.

Entre as diversas formas de expressão sonora, o homem possui uma que lhe é profundamente intrínseca: a voz, sob a forma de canto. O canto é um acto original, tal como a palavra e o gesto. O canto é alguma coisa de tão profundo que se não reduz à simples soma dos elementos que o compõem: palavra, melodia, ritmo, harmonia, estilo musical, acompanhamento instrumental, etc. Por isso é que nos post-Vaticano II o canto é entendido não como simples elemento de solenização duma celebração mas como elemento integrante. E, não esqueçamos: a liturgia do Vaticano II pretende que o homem seja chamado a participar activa e pessoalmente nos ritos e nunca o deseje como espectador.

Vejamos um pouco mais detalhadamente:

1 — Por tudo quanto dissemos, o canto é um meio normal de expressão de sentimentos. Concerteza que não é o único, e já apontámos a palavra e o gesto. Mas a música tem a possibilidade de ser mais livre quer no acesso a esses sentimentos (movimento de fora para dentro) quer na expressão (movimento de dentro para fora). E é esta a razão pela qual a música consegue aprofundar os sentimentos, muitas vezes inatingíveis por outros meios.

Sendo assim, é natural que a Liturgia venha a fazer uso desta capacidade excepcional da música; é natural que a música apele e pratique especialmente o canto, pois ele favorece a participação pessoal e activa.

2. — Mas a Liturgia não vive só da música. Muito pelo contrário. A palavra desempenha um papel essencial; é a Palavra de Deus que se manifesta aos homens. Porém, esta Palavra, porque é «viva e eficaz», tende a encontrar a sua expressão total, englobante. Provoca no homem uma resposta, cria o diálogo; e porque este diálogo é feito com o Transcendente, a Palavra veste-se da forma poética, da expressão lírica, da perfeição. Digamos que tende para ultrapassar-se a si própria, para exprimir mais do que aquilo que está escrito. Eis o serviço que a música presta à Palavra; e eis, também, a importância do cantar: uma frase que se deseja percebida e vivida; uma palavra-chave que se quer sublinhar; ou uma simples sílaba com a qual podemos jubilar, diríamos mesmo brincar (no sentido mais elevado do termo).

E a Liturgia tem necessidade deste elemento. Não é por acaso que quando assistimos aos ritos dos povos primitivos logo nos apercebemos do ambiente encantatório, extático ou mesmo furioso dos intervenientes. A Liturgia, como acção simbólica, tem necessidade duma comunicação que ultrapasse os simples valores utilitários.

3. — Mas o canto tem ainda uma capacidade excepcional de fazer comunidade. Quando canto, eu faço um esforço físico e psíquico conjugado que me põe em relação com os outros, passo a ser ouvido e percebido nos meus sentimentos, deixo de estar só, comunico com eles. E, se canto num grupo, tenho ainda de renunciar ao meu tom, ao meu ritmo, à minha preferência melódica e passo a ajustar-me ao conjunto, sob pena de me sentir excluído desse mesmo grupo.

A Liturgia, desde muito cedo, percebeu este valor e os Santos Padres fizeram mesmo catequeses mistagógicas sobre o cantar a «una voce». Ainda hoje, por exemplo, quando proclamamos o final do Prefácio, dizemos: «Por isso, com os Anjos e os Santos, proclamamos a Vossa glória, *cantando a uma só voz*:...» E, igualmente, a Const. sobre a Sagrada Liturgia, no n.º 112, refere: «a música favorece a *unanimidade*».

4. — Mas, porque o canto exprime sentimentos, porque os exprime numa forma lírica, criando ou reforçando os laços de comunidade, a música, e o canto sobretudo, é um elemento antropológico especialmente propício a criar o ambiente festivo, a festa.

Ora toda a assembleia ou «ecclesia» é uma reunião festiva. Com efeito, ela possui as características de ruptura com o dia a dia; de reunião de vários indivíduos que reconhecem e se identificam com os mesmos símbolos; de participação comum nos mesmos gestos, palavras e canto. Mas não só: ela congrega ainda a esperança dos participantes num futuro; ela anima-os a viverem para além daquele momento, no seu dia a dia, alegres e jubilosos como quem espera o «Esposo», as «núpcias do Cordeiro», a comunhão bemaventurada. Enfim, através da expressão pessoal, cada um é convidado a libertar, em conjunto, os sentimentos.

Então, será ou não importante toda a atenção e esforço: do pároco, do presidente da assembleia litúrgica, do animador da assembleia, do salmista, do organista, do leitor, etc. no sentido de encontrarem a melhor solução, e mais adaptada, para as celebrações no que respeita à palavra, à selecção musical, à luz, à cor dos objectos e da igreja, à arquitectura e espaços celebrativos, à limpeza, à correcção dos ritos? Não esqueçamos que tudo o que compõe o ambiente no qual se desenrola a celebração deverá levar o homem à abertura ao símbolo e daí à contemplação do mistério.

III. 1. — Ao cabo destes 20 anos de vivência e experiência litúrgica, e apesar das diferentes visões da própria Const. sobre a Sagrada Liturgia e da Inst. Musicam Sacram, da dificuldade prática de realizar os objectivos aí propostos, das irregularidades e mesmo abusos cometidos, podemos dizer que se nota, no conjunto, um amadurecimento e uma viragem qualitativa quer nos ideais e objectivos da renovação litúrgica, quer na face duma Igreja que se pretende renovada, inclusive nas suas relações com a cultura e a história.

Esta renovação teve alguns pressupostos:

- a) O mistério pascal é o centro da Liturgia. Nela deve o Povo de Deus participar activa, plena e conscientemente.
- b) Canto e música são um gesto vivo antes de ser um código; são um comportamento simbólico actual antes de ser um reportório determinado; são uma oferta viva de si mesmos antes de ser uma formalização de atitudes ou modos expressivos «sacros».
- c) Canto e música participam da dimensão sacramental da Liturgia; são elementos simbólicos de realidades essenciais e não meros ornamentos exteriores ou ingredientes místico-litúrgicos de um culto religioso.
- d) Canto e música não se justapõem simplesmente à celebração, mas requerem um trabalho aturado sobre as formas, as funções e os actores na celebração; canto e música não são ainda privilégio dum grupo que impõe o seu gosto aos outros, nem momentos de simples prazer estético...
- e) Canto e música devem possuir também uma verdade expressiva e uma autenticidade partindo das bases antropológicas concretas e do universo cultural dos fiéis. Por isso, a beleza das formas é obrigatória, mas não pode ser julgada abstractamente, a partir unicamente dos cânones estéticos ou jurídicos.
- f) Os reportórios do passado e do presente não são bens culturais para orgulhosamente mostrar a categoria duma instituição, mas são possibilidades simbólicas que ajudam uma assembleia a participar, a celebrar.

Por aqui se pode desvendar um pouco a riqueza dum mundo novo a construir ainda e as potencialidades da descoberta dum povo resgatado que de novo e melhor quer cantar as «bodas do Cordeiro». Mas nem por isso se deve esconder o longo e duro caminho, com quedas por vezes, que todo este movimento de renovação implicou e implica.

2. — A nossa época continua, pois, a ser de transição. Após um longo período em que a música litúrgica era mais para ouvir do que para participar, mais para criar um ambiente sacro do que para motivar uma acção ritual específica — eis que foi necessário

repensar e simplificar os ritos, realizar ajustes culturais, refazer programas musicais.

a) O repensar dos ritos:

Com a saída dos novos Rituais, depois do Concílio, vários ritos foram modificados ou, pelo menos, reorganizados e, devido à grande evolução dos nossos dias, não se podem dizer que sejam absolutamente ajustados ao nosso tempo e cultura. Talvez, por isso, todos os Rituais dos Sacramentos (exceptuando o Ritual das Ordenações que não traz Preliminares) prevêem possibilidades de ajuste não só das Conferências episcopais, como do próprio presidente da celebração. Quanto à Eucaristia, embora um pouco mais apertadas as regras, existem hipóteses suficientes de variação, nomeadamente quanto às formas litúrgica-musicais a empregar e quanto aos momentos em que se pode cantar.

Neste novo conceito de pastoral-litúrgica surgido no pós-Concílio, mais do que nunca se torna necessário um ordenamento global da celebração. Ela deverá começar por ser pensada quanto ao que se pretende nas suas linhas de orientação, organização do programa e realização concreta. Depois, cada uma das partes deverá ser tratada por si, com o canto ou música mais ajustado, para que o significado de cada parte seja aprendido e a celebração não se torne monótona. Cada celebração deverá ter um princípio e um fim previamente estudados. As pessoas serão inicialmente conduzidas a deixarem o exterior e entrar na celebração; depois deverão escutar a Palavra de Deus e penetrá-la pelo canto ou no silêncio; e finalmente serão levados a deixarem a celebração levando para o dia a dia a vivência do rito celebrado.

A música vocal ou instrumental muito poderá ajudar a criar o ambiente exterior e interior exigido para esses momentos, dadas as possibilidades atrás referidas.

As celebrações não deverão ser copiadas... Cada celebração deverá contar com as variações de lugar, tempo, pessoas, festividades litúrgicas, etc. Ora os nossos grandes gestos sacramentais andam à volta dos tempos litúrgicos, os quais servem para preparar o Povo da Nova Aliança. Assim a Liturgia tende a manifestar a riqueza do mistério cristão, fazendo do ano uma sequência ritual, simultaneamente comemoração, presença e profecia. Aproveitemos, pois, os dias festivos e feriais, o ciclo dos mistérios de Cristo e dos Santos, para criar a variedade das nossas celebrações.

b) Ajustes culturais:

Mas, como dizíamos, os cristãos celebram num tempo, num espaço e num lugar, isto é, celebram rodeados das circunstâncias históricas e culturais. Cada comunidade humana tem o seu conjunto de valores e comportamentos e isso chama-se cultura. Isto leva-nos a perguntar: — para determinada assembleia, qual a música a empregar?

Sob o ponto de vista cultural, mesmo no nosso País, encontramos assembleias homogêneas e tradicionais, assembleias heterogêneas e fragmentadas e uma grande parte de assembleias que estão em fase de transição entre o 1.º e 2.º tipo.

Mesmo sem sermos especialistas em sociologia, é fácil verificar as grandes diferenças de linguagem, figurações, modos de comunicar, valores, hierarquia e criatividade existentes entre estes dois tipos de assembleia litúrgica. E a música não terá também de ser diferente?

O 1.º tipo de assembleia terá tendência para se exprimir em ritos bem codificados, com um repertório musical conhecido, sem surpresas e mais repetitivo; tudo funciona sem grandes variações. O 2.º tipo de assembleia, normalmente sem unidade cultural, mostra-se mais aberto à evolução e à experiência, com manifestações musicais surpreendentes e contrastantes, por vezes unilaterais, mas com uma vivacidade e criatividade grandes.

Sob o ponto de vista eclesial, numa comunidade que celebra, podemos encontrar 3 espécies de assembleia:

- * a monolítica, na qual o responsável faz tudo: preside, canta, lê, dirige a assembleia e às vezes também toca. A assembleia encontra-se «alinhada» e monocórdica: canta ou não canta; e quando canta, canta só aquilo que o responsável permite;
- * a assembleia participante é o 2.º tipo: existe a vitalidade, nota-se a participação, os ministérios litúrgicos são solicitados pelos responsáveis e encontram-se divididos pelos colaboradores; existe riqueza de meios corais e instrumentais e os repertórios são diversificados e adaptados às diferentes assembleias;
- * em 3.º lugar a assembleia carismática: onde a criatividade é levada às últimas consequências, mas onde normalmente falta a reflexão; muita generosidade, espontaneidade, liberdade ex-

pressiva e ambiente de festa, mas simultâneamente o risco da prevalência dum grupo, com posições tantas vezes acriticas, que paradoxalmente se tornam pré-concebidas e tão monolíticas como as da 1.^a espécie de assembleias.

Concluindo, verificamos que cultura, tipo de assembleia e música estão estreitamente unidos e podemos dizer, também aqui, que quase sempre, cada um tem aquilo que merece (porque uma assembleia também faz a celebração à sua imagem e semelhança...)

Verificamos, igualmente, que entre o compositor duma música litúrgica e os executantes duma assembleia vai um longo caminho que umas vezes conserva, outras deturpa a função e o sentido estético dessa música.

Teremos também de ser suficientemente inteligentes e maleáveis para nos adaptarmos às possibilidades reais e à humildade de as aceitar (sobretudo quando são pobres!...). Pedese, por isso, que cada um procure avançar lentamente, sem sobressaltos, não passando por cima de culturas e hábitos, mas procurando analisar as melhores formas de avançar. E se, por vezes, tivermos de aceitar situações complexas ou mesmo contraditórias, será um teste à nossa capacidade de entender que essa poderá ser a medida mais autêntica de uma sã convivência eclesial.

c) Programas musicais:

Finalmente, tomemos o elemento musical de frente e confrontemo-lo com a sua função numa Liturgia e com as diferenças culturais existentes.

Devemos dizer, em primeiro lugar, que canto e música não se podem separar totalmente da cultura geral. Porém, a presença da música vocal ou instrumental numa celebração arrasta consigo elementos psico-somáticos que no acto de cantar, tocar ou gesticular imprimem um envolvimento pessoal mais forte e total do que se fosse a simples palavra. Concerteza que o antigo adágio: «quem canta reza duas vezes» apanha este conjunto de sentimentos-expressões existentes em todos aqueles que rezam, cantam e se exprimem numa celebração.

A música litúrgica, nomeadamente a vocal, levará o cristão a dizer, talvez, menos palavras, mas a aprofundar mais aquilo que diz (canta). E aqui entra o perigo do mau uso ou do abuso do elemento musical numa celebração: porque ele atinge tão pro-

fundamente os participantes, podemos correr o risco de termos mais música que celebração; ter uma maior entrega pessoal e íntima do cristão, mas também podemos fazer dessa celebração uma alienação (fuga ao racional) — isto sucede com mais frequência em pequenos grupos ou grupos fechados.

Mas não há dúvida do extraordinário valor da música litúrgica dentro duma celebração; com ela nós podemos mais facilmente aclamar, proclamar, meditar, invocar, dar graças; com ela podemos mais facilmente memorizar a Palavra de Deus, coisas, acontecimentos, enfim, evangelizar e ser evangelizados; com ela podemos criar mais facilmente a coesão duma assembleia através de cantos conhecidos; com ela podemos criar aquele ambiente festivo que só sente quem alguma vez participou numa celebração desse tipo.

A tudo isto se pode apor ou contrapor o elemento instrumental. Ele servirá quer para apoiar e acompanhar o canto da assembleia quer para criar momentos diferentes: momento de escuta, de interiorização ou criando um diálogo com a assembleia.

Concluindo, temos de dizer que a Liturgia tem necessidade da música litúrgica:

- enquanto expressão ela está em perfeita consonância com todo aquele que celebra (e participa);
- enquanto impressão (impressão) ela exerce uma força que envolve o grupo fazendo a unidade dos indivíduos, criando um clima intenso e festivo;
- enquanto comunicação ou linguagem ela reenvia aos membros da assembleia a mensagem recebida da palavra, mas agora sublinhada pela carga emotiva;
- enquanto criação ela apresenta-se em peças vocais ou instrumentais que frequentemente adquirem uma carga simbólica, mas integrando-se perfeitamente no rito.

«De qualquer modo, se canto e música não são estritamente indispensáveis, a sua presença na Liturgia é todavia insubstituível». «A sua sistemática ausência privaria a celebração de valores fundamentais». (E. Costa).

Finalmente, a música na Liturgia vive também muito dependente dos executantes dessa mesma música. Uma vez será necessário material simples, cânticos práticos, instrumentos fá-

ceis: e assim teremos uma música acessível e elementar onde uma assembleia com menos possibilidades poderá participar. Outras vezes poderemos ter composições mais elaboradas, que exigem bons executantes (bom coro, bons instrumentistas), e então teremos uma celebração onde alternarão os momentos para cantar, com momentos para ouvir. E aqui, só a dinâmica da celebração poderá ditar a quantidade de tempo a empregar e a frequência da alternância.

Uma vez mais se torna imprescindível um bom domínio das regras litúrgicas, um conhecimento da funcionalidade dos ritos e um mínimo de ciência musical para que o responsável numa celebração possa superintender ao conjunto dos problemas postos por essa mesma celebração.

Na hora que atravessamos é preciso reflectir em cada um destes elementos. A cegueira e a surdez de qualquer espécie tornam possíveis ainda muitos desvaios. Aprendamos a mover-nos dentro da complexidade dos elementos e categorias sociais, culturais, religiosas e musicais e estaremos a favorecer o aparecimento de assembleias mais lúcidas e completas, assembleias que serão o exemplo vivo de que «celebrar cantando» e tocando é estar mais próximo do mistério cristão vivido em cada celebração.

2.^a PARTE:

IV. Quaresma é tempo de preparação:

1. para o simples fiel é tempo de jejum, esmola e oração;
2. para o catecúmeno é tempo de preparação para o Baptismo;
3. para o penitente é tempo de reconciliação.

Estas são as coordenadas que irão matizar a qualidade e o uso da música litúrgica nas celebrações durante este tempo. Para a percepção destas coordenadas concorrem grandemente os seguintes elementos:

- a) o silêncio;
- b) ausência de sinais exteriores de alegria;
- c) ausência de música instrumental;
- d) preferência pelas formas litânicas.

a) O silêncio:

O silêncio é um elemento importante na vida. Que o digam os monges; que o digam os homens do «stress» dos nossos dias; que o digam os homens do campo quando deslumbrados olham a natureza!

- Sem silêncio não se ouve o canto dos pássaros;
- sem silêncio não se ouve o nosso interior;
- sem silêncio não se ouve Deus.

Mas também na música silêncio é importante:

- sem silêncio não haveria o princípio e o fim da música;
- sem silêncio não se consegue ouvir música;
- sem silêncio ou pausas faltaria aquele contraponto às figuras ou sons que cria tensão, exprime inquietação, enfim, dá vida à música porque também ela vive da tensão e distensão, da sístole e da diástole sonoras.

A liturgia quaresmal, porque se desenrola em tempo de deserto ou de silêncio, em tempo de espera pelo clímax sonoro da Páscoa, há-de manifestar em sinais exteriores esta vivência cristã.

Daí que seja de aconselhar a ausência de canto e de instrumentos numa ou noutra ocasião em que é normal o seu uso na Liturgia para que crie a tal tensão da espera e avive a atenção dos cristãos. Por exemplo: uma procissão de entrada em silêncio, num Domingo da Quaresma, quando as leituras e a homilia se vão orientar no sentido penitencial; outro exemplo: uma celebração penitencial — a utilização do silêncio sabiamente conjugado com a entrada, fim duma leitura ou fim dum canto fortemente interpelativo.

Eis um elemento que a nosso ver é pouco utilizado nas nossas liturgias Eucarísticas ou da Palavra e que poderia enriquecer, dar variedade e marcar um tempo litúrgico como o da Quaresma. É evidente que quando falamos de silêncio referimo-nos mais ao silêncio qualitativo do que quantitativo...

b) Ausência de sinais exteriores de alegria:

Para além da cor dos paramentos, da ausência de flores, etc., sob o ponto de vista musical a Quaresma é também sublinhada pela ausência de sinais exteriores de alegria.

O «Te Deum», hino de acção de graças, desaparece da Liturgia das Horas, excepto nas Solenidades de S. José e Anunciação a Nossa Senhora (19 e 25 de Março).

O canto da Glória, hino de louvor, a grande doxologia que sulinha todas as Festas e Solenidades ao longo do ano, é também ele retirado (excepto a 19 e 25 de Março).

E o Aleluia, essa aclamação tão forte, característica e alegre, que passou intraduzível para todas as línguas; essa aclamação, que de tão ligada que está à Páscoa, se tornou símbolo da alegria pascal, o Aleluia é retirado de todas as celebrações quaresmais, inclusive nas Solenidades de S. José e Anunciação a Nossa Senhora.....

c) Ausência de música instrumental:

Porque desde sempre existiu a persuasão de que só a voz humana é própria para traduzir a adoração do coração e porque os instrumentos eram utilizados, na Antiguidade, no culto pagão, os cristãos sempre deram à voz humana o primeiro lugar.

Hoje, após 20 séculos de vida musical-litúrgica na Igreja, podemos afirmar que os instrumentos imprimem à música na Liturgia uma nota de solenidade e de festa. Por esta razão eles não são permitidos durante o tempo da Quaresma, com excepção do órgão que deverá acompanhar o canto e nunca tocar a solo (Inst. Musicam Sacram, n.º 66).

d) Preferência pela forma litânica:

Dado que a Liturgia prevê como grandes temas: a oração, o jejum, a esmola e a reconciliação para o tempo quaresmal, não é descabido dizer que a oração de impetração será uma oração preferentemente escolhida para a expressão de sentimentos do cristão comum. Ora, dentre as formas musicais litúrgicas, aquela que parece mais adaptada a este tipo de oração é a forma litânica: forma simples, usada no Oriente já no séc. III, é uma forma bipartida, baseada na pergunta-resposta. Se a Liturgia é o diá-

logo de Deus com o homem, nada melhor do que esta forma para exprimir a resposta do homem à provocação da Palavra de Deus; nada mais adaptado à condição humilde do pecador que invoca a misericórdia do Pai bondoso.

Na liturgia Eucarística, 3 momentos permanecem com esta forma subjacente: Senhor tende piedade de nós, Oração Universal e Cordeiro de Deus. Mas noutras celebrações nada impede que se empreguem outros cânticos, com forma litânica, com novos textos, que ajudem a criar o ambiente recolhido e interior que se deseja.

Quanto às restantes formas, nomeadamente Hinos e Aclamações, deverão acusar uma condução melódica mais íntima, mais meditativa, menos esfusante e mais comovedora, tanto no que diz respeito à composição como na interpretação. Os responsáveis pela condução da música na celebração, deverão, por isso, escolher um repertório litúrgico-musical que, sem desdizer da qualidade artística, respeite o que acima se disse. Não se esqueçam os pastores de explicar aos fiéis a relação desse repertório com aquelas coordenadas que atrás referimos. Haverá aí uma grande fonte de catequese litúrgica.

Conclusão:

Oxalá que esta palestra, como é desejo da Igreja, incite os Párocos, os Serviços Paroquiais de Liturgia e de Música Litúrgica e sobretudo os Serviços Diocesanos respectivos a viabilizarem com medidas e planos concretos aquilo que a Igreja quer e espera.

Fátima, 20 de Setembro de 1984

P.º AGOSTINHO PEDROSO

BIBLIOGRAFIA:

- J. Gelineau. Dans vos Assemblées
Desclée, Paris 1971
- Beneditinas de Herstelle. Nuestra Pascua
Ediciones Guadarrama, Madrid 1962
- A. G. Martimort, L'Eglise en prière
Desclée, Paris 1983
- J. A. Jungmann, Liturgia da Igreja
L.A.I., Porto 1962
- Jacques Porte, Encyclopédie des Musiques Sacrées
Ed. Labergerie, Paris 1968
- D. Sartore e A. Triacca, Nuovo Dizionario di Liturgia
Ed. Paoline, Roma 1984
- L. Deiss, Concile et Chant Nouveau
Ed. du Levain, Paris 1968

Crónica

De 17 a 21 de Setembro, efectuou-se no Santuário de Fátima o X Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, promovido e orientado pelo Secretariado Nacional de Liturgia.

A inscrição de mil e duzentos participantes, oriundos de todas as dioceses de Portugal e ainda dos países de expressão portuguesa, documenta, só por si, a importância e o interesse deste acontecimento que se iniciou em 1975 e se vem repetindo regularmente ao longo destes dez anos.

É de registar, entre os participantes, além dos Bispos da Comissão Episcopal de Liturgia, D. Júlio Tavares Rebimbas e D. António Francisco Marques, dos Bispos D. Joaquim Gonçalves, D. Américo Henriques e D. Serafim Ferreira e Silva e também de muitos jovens, seminaristas e de três dezenas de casais, alguns deles acompanhados dos seus filhos.

Estes três últimos Encontros foram dedicados a uma reflexão aprofundada sobre a CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL, «pelo qual Cristo, morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, nos restaurou a vida».

A temática deste ano tratou da *Celebração da Quaresma*, cuja liturgia prepara os catecúmenos e os fiéis para a Páscoa. Embora venha primeiro na celebração, a Quaresma ocupa o último lugar na ordem dos valores e, por isso, só agora foi tratada. A renovação do catecumenado no nosso tempo dá à Quaresma e à sua celebração uma particular actualidade, já que algumas das etapas catecumenais estão intimamente relacionadas com o tempo e o espírito quaresmais.

Os vários temas do Encontro foram apresentados com sabedoria e oportunidade por: P. Dr. Luis Ribeiro — A Quaresma — sentido, génese e evolução histórica; P. Dr. Pedro Ferreira, O CD — O Leccionário do Tempo da Quaresma; P. Dr. José de Leão Cordeiro — A dimensão penitencial da Quaresma; Cón. José Fer-

reira — A dimensão baptismal da Quaresma; P. Dr. Manuel Madureira Dias — A pastoral e a espiritualidade da Quaresma; P. Agostinho Ribeiro Pedroso — Os cânticos e a música litúrgica para o Tempo da Quaresma.

Como é próprio destes Encontros, as celebrações litúrgicas foram preparadas com todo o cuidado e vividas intensamente. Para tal, foi publicado um GULÃO próprio com os textos litúrgicos musicados por alguns dos nossos melhores compositores. As músicas deste ano são dos seguintes autores: P. Manuel Luis e P. Manuel Faria, já falecidos, Côn. Dr. António Ferreira dos Santos, P. José Fernandes da Silva, P. Manuel Simões, SJ, Côn. Carlos Silva e P. António Cartageno.

Os ensaios dos cânticos têm neste contexto uma importância acrescida e são entregues a pessoas de reconhecido mérito. Desta vez, foram confiados aos Côn. José Ferreira, P. José Fernandes da Silva e Côn. Carlos Silva.

O programa de cada dia começou sempre com a oração de Laudes na Capelinha das Aparições — uma novidade que foi bem acolhida por todos.

Os serões destes quatro dias, além de servirem para a apresentação dos participantes e para a realização dos ensaios, foram sucessivamente dedicados: a testemunhos vivos sobre a Quaresma na religiosidade popular, em que entrevistaram espontaneamente grupos de Loriga, Cerva, Batalha, Beja e Açores; a uma celebração penitencial, bem orientada e bem aproveitada; e a uma Vigília, em que se cantou o Ofício de Leitura da Liturgia das Horas.

Na sessão de encerramento, Mons. Aníbal Ramos, director do Secretariado Nacional de Liturgia, fez um relato sucinto mas esclarecedor dos vinte anos da reforma litúrgica no nosso País e agradeceu a todos os colaboradores e participantes do Encontro.

D. Júlio Tavares Rebimbas, Arcebispo-Bispo do Porto e Presidente em exercício da Comissão Episcopal de Liturgia, fez algumas reflexões sobre os trabalhos do Encontro, dirigiu palavras de louvor aos membros do Secretariado Nacional de Liturgia, situou o papel da pastoral litúrgica na renovação das nossas comunidades cristãs e manifestou o seu projecto de actuação imediata na diocese do Porto, de que é pastor.